



Arrastão do Pavulagem e o "estar junto" em Belém do Pará durante a pandemia de Covid-19

Comunicação, Sociabilidades e Consumos
da Cultura Material



Arrastão do Pavulagem 2020



Lucas Corrêa

Inscrito

2000

0

Compartilhar



Lucas Gil Corrêa dos Santos
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

LUCAS GIL CORRÊA DOS SANTOS

**ARRASTÃO DO PAVULAGEM E O “ESTAR JUNTO” EM BELÉM DO PARÁ
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: COMUNICAÇÃO, SOCIABILIDADES E
CONSUMOS DA CULTURA MATERIAL**

BELÉM - PA

2023

LUCAS GIL CORRÊA DOS SANTOS

**ARRASTÃO DO PAVULAGEM E O “ESTAR JUNTO” EM BELÉM DO PARÁ
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: COMUNICAÇÃO, SOCIABILIDADES E
CONSUMOS DA CULTURA MATERIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação.

Linha de pesquisa: Processos Comunicacionais e Mídiação na Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Manuela do Corral Vieira.

BELÉM - PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237a Santos, Lucas Gil Corrêa dos.
Arrastão do Pavulagem e o “estar junto” em Belém do Pará durante a pandemia de Covid-19 : comunicação, sociabilidades e consumos da cultura material / Lucas Gil Corrêa dos Santos. — 2023.
174 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Manuela do Corral Vieira
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Belém, 2023.

1. Arrastão do Pavulagem. 2. Covid-19. 3. Comunicação.
4. Cultura Material. 5. Sociabilidade. I. Título.

CDD 658.45

LUCAS GIL CORRÊA DOS SANTOS

**ARRASTÃO DO PAVULAGEM E O “ESTAR JUNTO” EM BELÉM DO PARÁ
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: COMUNICAÇÃO, SOCIABILIDADES E
CONSUMOS DA CULTURA MATERIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade
Federal do Pará (PPGCOM/UFPA) como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências
da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação.

Linha de pesquisa: Processos Comunicacionais e
Midiatização na Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Manuela do Corral Vieira.

RESULTADO: (x) APROVADO () REPROVADO

Data: 22 / 03 / 2023

Profa. Dra. Manuela do Corral Vieira
Orientadora – PPGCOM/UFPA

Prof. Dr. Luiz Cezar Silva dos Santos
Examinador Interno – PPGCOM/UFPA

Profa. Dra. Danuta de Cássia Leite Leão
Examinadora Externa – CESUPA

BELÉM - PA

2023



Emitido em 02/05/2023

FOLHA DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO N° 4/2023 - PPGCOM (11.40.07)

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 02/05/2023 16:30)

LUIZ CEZAR SILVA DOS SANTOS
COORDENADOR DE PÓS-GRADUAÇÃO - TITULAR
PPGCOM (11.40.07)
Matricula: ###145#5

(Assinado digitalmente em 02/05/2023 15:53)

MANUELA DO CORRAL VIEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ILC (11.40)
Matricula: ###072#9

(Assinado digitalmente em 07/05/2023 15:19)

DANUTA DE CÁSSIA LEITE LEÃO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.312-##

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpa.br/documentos/> informando seu número: 4, ano: 2023, tipo: FOLHA DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO, data de emissão: 02/05/2023 e o código de verificação: 6a1c736fb9

Dedico este trabalho a Wagner (*in memorian*), a Francisco (*in memorian*)
e à toda minha família, que ganhará seu primeiro mestre;
e à todes que perseveram no chamado de fazer arte nas Amazônias.

AGRADECIMENTOS

A você, que chegou aos agradecimentos desta dissertação, creio que está iniciando a leitura da pesquisa aqui apresentada. Mas, para mim, chegar às palavras que compõem os agradecimentos representa a conclusão não somente desta etapa do trabalho realizado, mas a conclusão de outros ciclos que se encerram: o fechamento de dois intensos anos de estudo, dedicação, aprendizado, trocas, parcerias, resiliência e (re)descobertas; dois anos estes que se encerram junto como outro ciclo de “dois” – o dos meus vinte e tantos anos. Chego à terceira década de minha vida com a sensação de dever cumprido, com ânimo para saber o que o rio de minha vida me reserva nas próximas curvas e com a tranquilidade de saber que fechamentos de ciclos também significam começos, novas possibilidades e novos voos. Voos estes que serão e estão sendo realizados com a contribuição de diversas presenças, em tempos mais leves e otimistas do que o tempo no qual este ciclo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA) foi iniciado - um período atravessado e moldado de diversas formas pela pandemia do vírus da Covid-19.

A primeira presença a qual agradeço é a presença da espiritualidade que me proporciona discernimento e me conduz: Deus, Jesus Cristo, Nossa Senhora de Nazaré, orixás e guias de luz... Minha eterna gratidão por abrirem os caminhos e me iluminarem nesta caminhada para que eu pudesse percorrê-los ao longo destes dois anos. Gratidão por acalmarem meu interior quando as nuvens dos medos, incertezas e preocupações dificultavam enxergar o horizonte e seguir na caminhada.

Tão importante quanto é a presença de minha família, Rosa e as Wal's, que são a minha base e inspiração para persistir e acreditar na mudança de realidades por meio dos estudos. Meu muito obrigado por me proporcionar um ambiente tranquilo para desenvolver esta pesquisa e por me apoiarem a perseverar na caminhada de estudos quando, aos olhos de outras pessoas, eu “só” estudava, em vez de trabalhar e de “fazer alguma coisa na vida”. Agradeço ao acolhimento, a escuta e as palavras de motivação para seguir até o fim do mestrado, às chamadas de atenção para descansar e tirar um tempo para mim, quando estes se faziam necessários, e aos lambeijos e presença constante do Dante, meu cachorro (ou melhor, meu filho de quatro patas), nas incontáveis horas em frente ao computador. Agradeço também ao meu tio, Wagner, e ao meu avô, Cosme, que, mesmo habitando outro plano, devem estar muito orgulhosos por eu ter conseguido chegar até aqui e sei que, de onde estiverem, seguirão orgulhosos pelos lugares nos quais ainda hei de chegar. Vocês seguem sempre vivos em meu coração e nas minhas lembranças.

Agradeço também à família que se construiu e se fortaleceu nestes dois anos como mestrando no PPGCOM/UFPA. Primeiramente à minha orientadora, profa. Dra. Manuela Corral ou “Mãenuela” (como dizia um antigo professor da época que nos conhecemos), mas, que, para mim, sempre foi e é Manuzita: minha eterna gratidão por ter-me acolhido, ainda durante a graduação, como bolsista PIBIC, e se disponibilizado a me conduzir por esta vida de pesquisa também na pós-graduação. Obrigado por enxergar meu potencial e acreditar em mim mais do que eu mesmo acreditava; por sempre me acolher de braços abertos no grupo de pesquisa, mesmo depois que meu espírito nômade impulsionava-me percorrer caminhos outros de estudo, de pesquisa e de vida; por me guiar e incentivar em minha primeira incursão em sala de aula, durante os meses de estágio docência; por me dar dois dos conselhos que mais ressoam em mim até hoje e por me tornar o pai de plantas que sou. Enfim... Sou grato, sobretudo, pelo nosso encontro neste mundo.

O grupo de pesquisa... Consia e todes que o integram, vocês são uma extensão da família que a pós-graduação me deu. Obrigado pelas trocas e debates sempre tão proveitosos que contribuíram para que este estudo se tornasse o que é apresentado nas próximas páginas. O acolhimento vivenciado contribuiu igualmente para o desenvolvimento deste estudo e é único e maravilhoso.

Às amigadas que fiz ao longo destes dois anos de mestrado: Giselle (minha “irmã de orientação” e companheira de leituras, estágio docência, surtos e muitas risadas), Samara, Mirley, Carla, Luciana e William. Se tornaram mais que amigadas, mas, família - família que o universo me presenteou e o coração escolheu – muito obrigado por segurarem minha mão nas diversas ocasiões nas quais pensei em desistir de prosseguir no mestrado, pela dificuldade de conciliar estudo e trabalho, enquanto sem o financiamento proporcionado pela bolsa de pesquisa, que chegou a mim ao final do primeiro ano da caminhada no mestrado, ainda que com certo atraso em relação ao meu ingresso no PPGCOM/UFPA. Graças a vocês esta caminhada tornou-se mais leve de ser percorrida, com momentos sem iguais e risadas em profusão, mesmo em meio a tantas correrias, preocupações e vontade de desistir. Ainda que nossos percursos e tempos, enquanto estudantes do PPGCOM/UFPA divirjam, sigamos sempre juntas, nos apoiando e acolhendo mutuamente dentro e fora do ambiente acadêmico.

À banca examinadora que me acompanha desde a pré-qualificação (ou melhor, de certa forma, desde antes da pré-qualificação): professor doutor Luiz Cezar, vulgo LZ, meu muito obrigado pelas contribuições dadas desde a disciplina de Comunicação, Cidades e Amazônia, no PPGCOM/UFPA, sempre dadas de forma tão espirituosa e assertiva. Elas acrescentaram enormemente para que este trabalho ganhasse a densidade que possui, no escopo do mestrado.

Profa. Dra. Danuta Leão, que alegria é tê-la como examinadora desta dissertação, após contar com suas contribuições na elaboração do pré-projeto de pesquisa que culminou neste trabalho. É como ser acompanhado por alguém durante todos os momentos da vida - desde a tenra idade até a idade adulta. Aos técnicos administrativos que integram a secretaria do PPGCOM/UFPA, Rafael e Simone, minha eterna gratidão por todo o auxílio, paciência e solicitude nos diversos momentos nos quais recorri à ajuda de vocês.

Agradeço também a todos os membros do grupo musical e do Instituto Arraial do Pavulagem por me receberem de braços e portas abertas no Instituto, nos ensaios e nos cortejos, durante a realização da pesquisa de campo. Me senti acolhido e “parte da família” desde o primeiro momento no qual foi possível estabelecer contato presencialmente, após o controle da propagação da pandemia de Covid-19. A admiração e o respeito que sinto pelo Instituto e pelas iniciativas empreendidas aumentou imensamente, ao tomar conhecimento do que é preparar e realizar um evento do porte do Arrastão do Pavulagem, em um cenário atravessado pela falta de políticas de incentivo à cultura, como o que estamos inseridos. Falando em Pavulagem... agradeço imensamente às amigas Luana e Maiara pelo convite para acompanhá-las nos cortejos juninos do Arrastão, no ano de 2015. Sem o convite de vocês e todos os desdobramentos referentes ao evento, que decorreram de meu aceite ao convite, muito provavelmente, este trabalho não existiria.

Aos meus parceiros de cena e de criação dos coletivos de teatro os quais sou membro, Zecas Coletivo de Teatro e Coletivas Xoxós: Paulo César, Assucena, Victória, Victor, Brenda, Miller, Wlad, Andréa, Roberta, Vanessa e Yasmim, minha enorme gratidão por serem presença constante nesta caminhada, ao me incentivarem a dar continuidade ao mestrado e vibrarem por cada conquista decorrente deste, pela compreensão em momentos nos quais precisei ausentarme de nossos afazeres artísticos por conta do volume de demandas da pós-graduação. Criar mundos e buscar formas outras de transformar a realidade por meio da arte foram alguns dos meus refúgios em momentos de sobrecarga. Ao teatro e à arte, com sua inebriante embriaguez de ideias, afetos e atravessamentos, sou eternamente grato por mostrar-me (após eu muito relutar em enxergar e admitir para mim mesmo) que a docência poderia ser um caminho possível que me traria felicidades e realizações profissionais e pessoais.

À todas as amigadas que são presentes e se mantêm vivas ao longo dos meus trinta anos, sejam de ambientes de ensino, de trabalho e da vida a fora, meu muito obrigado por sempre estarem ao meu lado e disponíveis a me escutar sempre que precisava externar o que se passava dentro de mim em momentos diversos: Juliana, Laís, Robson, Letícia, Lena, Carla, Luciano, Matheus, Laura, João Daniel, Agnes, Penélope e tantos outros, vocês foram e são parte

importantíssima nesta caminhada e no trabalho resultante dela, ainda que possam não ter noção deste fato. Obrigado também pela compreensão por conta da ausência em muitos momentos nos quais poderíamos estar juntos. Foi por uma boa causa.

Agradeço aos profissionais da docência que conheci ao longo destes anos: vocês foram e são inspirações para que eu chegasse até aqui com a motivação convicta de mudar realidades e pessoas por meio do conhecimento. O convívio de forma próxima com alguns foi fator preponderante para que, a partir da pós-graduação, decidisse desempenhar funções para além da função de aluno e passasse a compreender os processos relacionados à gestão de ensino na pós-graduação – o que só reforçou minha convicção de alçar voo em direção ao caminho da docência e da pesquisa científica.

Agradeço à todas Instituições de Ensino pelas quais passei, durante a caminhada iniciada na graduação: Universidade da Amazônia (UNAMA), por me proporcionar o contato com o fazer científico; Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA), por me fazer enxergar que a docência poderia ser um caminho possível; e PPGCOM/UFPA, por ter-me dado a certeza trilhar o caminho da sala de aula, durante o período de estágio docência e em todas as palestras ministradas às turmas de graduação dos cursos de Comunicação Social sobre a pesquisa aqui apresentada. Por fim, e não menos importante, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento proporcionado por meio da bolsa de pesquisa. Tornar-me bolsista CAPES possibilitou-me desfrutar da disponibilidade de recursos e de tempo para dedicar-me ao mestrado e realizar esta pesquisa da forma por mim esperada. Em um momento de tantos ataques e sucateamentos à ciência e às universidades públicas, a concessão da bolsa de pesquisa foi um incentivo para concluir este percurso, ocupar estes espaços de formação, de trocas e de debates, bem como para contribuir para a disseminação do fazer científico em meio à sociedade.

"A questão não é qual o sentido da vida. A questão é
quantos sentidos você dará a sua vida"

Friedrich Nietzsche

RESUMO

A presente dissertação de mestrado busca compreender de que forma as práticas de comunicação, consumos e sociabilidades, que envolvem o cortejo junino Arrastão do Pavulagem, realizado anualmente entre os meses de junho e julho, foram ressignificadas, com o cenário de isolamento social, advindo da pandemia do vírus Covid-19. Para tanto, serão utilizados, como metodologia, o cruzamento dos seguintes procedimentos: análise netnográfica, conforme apontamentos de Kozinets (2014); entrevistas com roteiro semi-estruturado; amostragem em bola de neve, de acordo com estudos de Bockorni e Gomes (2021); e observação participante. A fim de embasar os eixos de análise, serão utilizados os apontamentos de França (2008) e Muniz Sodré (2008; 2002) sobre comunicação; Amaral Filho (2017; 2019) sobre espetáculos culturais e entretenimento; Santos (2010) e Castro (2012; 2020) acerca de Amazônia; Simmel (1983) e Maffesoli (2016) acerca de sociabilidades; Miller (2007) sobre cultura material; e de McCracken (2003; 2007), Barbosa e Campbell (2006) acerca do consumo. Destaca-se o caráter experimental e exitoso na preparação e realização das programações digitais do período analisado, o compartilhamento de sentimentos e sensações semelhantes que possibilitaram aos sujeitos conectar-se uns aos outros ainda que à distância, e as dimensões sensíveis que atravessaram as práticas de consumo dos arrastões e de seus aspectos materiais.

Palavras-chave: Arrastão do Pavulagem; Covid-19; Comunicação; Cultura Material; Sociabilidade.

ABSTRACT

This master's dissertation seeks to understand how the practices of communication, consumption and sociability, involving the June procession Arrastão do Pavulagem, held annually between the months of June and July, were resignified, with the scenario of social isolation, arising from the Covid-19 virus pandemic. To this end, the following procedures will be used as methodology: netnographic analysis, as pointed out by Kozinets (2014); interviews with semi-structured script; snowball sampling, according to studies by Bockorni and Gomes (2021); and participant observation. In order to ground the axes of analysis, the notes of França (2008) and Muniz Sodré (2008; 2002) about communication will be used; Amaral Filho (2017; 2019) about cultural shows and entertainment; Santos (2010) and Castro (2012; 2020) about Amazonia; Simmel (1983) and Maffesoli (2016) about sociabilities; Miller (2007) about material culture; and McCracken (2003; 2007), Barbosa, and Campbell (2006) about consumption. We highlight the experimental and successful character in the preparation and realization of the digital programming of the analyzed period, the sharing of similar feelings and sensations that enabled the subjects to connect with each other even at a distance, and the sensitive dimensions that crossed the practices of consumption of the arrastões and their material aspects.

Keywords: Arrastão do Pavulagem; Covid-19; Communication; Material Culture; Sociability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Printscreen</i> da chamada do Arraial do Futuro -----	23
Figura 2 – <i>Printscreen</i> da chamada do Arraial Brincante -----	24
Figura 3 – Praça da República -----	26
Figura 4 – Boi Tinga de São Caetano de Odivelas -----	27
Figura 5 - Teatro Experimental Waldemar Henrique -----	29
Figura 6 – Anfiteatro da Praça da República -----	30
Figura 7 – Escadinha do Cais do Porto -----	30
Figura 8 – Praça Pedro Teixeira -----	31
Figura 9 – Estação das Docas -----	31
Figura 10 – Terminal Hidroviário de Belém -----	31
Figura 11 – Avenida Presidente Vargas -----	32
Figura 12 – Batalhão da Estrela durante o cortejo do Arrastão do Pavulagem -----	33
Figura 13 – Mapa do trajeto dos cortejos do Arrastão do Pavulagem realizado até o ano de 2018 -----	34
Figura 14 – Mapa do trajeto dos cortejos do Arrastão do Pavulagem realizado no ano de 2019 -----	35
Figura 15 – Praça dos Estivadores -----	37
Figura 16 – Instituto Arraial do Pavulagem -----	37
Figura 17 – Mapa do trajeto entre os municípios de Belém (PA) e de Bragança (PA) -----	53
Figura 18 – Mapa do trajeto entre os municípios de Belém (PA) e de São Caetano de Odivelas (PA) -----	53
Figura 19 – Mapa do trajeto entre os municípios de Belém (PA) e de Cachoeira do Arari (PA) -----	54
Figura 20 – Mapa do trajeto entre os municípios de Belém (PA) e de Cametá (PA) -----	55
Figura 21 - Mapa do trajeto entre os municípios de Belém (PA) e de Parintins (AM) -----	56
Figura 22 – Chamada para a ultima <i>live</i> do Arraial do Futuro, no ano de 2020 -----	59
Figura 23 – Chamada para as <i>lives</i> do Arraial Brincante, no ano de 2021 -----	59
Figura 24 – <i>Printscreen</i> da <i>live</i> do Arraial do Futuro, realizada no ano de 2020 -----	60
Figura 25 – <i>Printscreen</i> da <i>live</i> do Arraial do Brincante, realizada no ano de 2021 -----	60
Figura 26 – Arrastão do Círio, realizado no ano de 2019 -----	67
Figura 27 – <i>Printscreen</i> da chamada do Arrastão do Círio 2020 -----	68
Figura 28 – <i>Printscreen</i> da chamada do Arrastão do Círio 2021 -----	68

Figura 29 – Praça D. Pedro II -----	69
Figura 30 – Cordão do Galo, realizado no ano de 2017 -----	71
Figura 31 – <i>Printscreen</i> da chamada para a campanha que substituiu a programação do Cordão do Galo, no ano de 2020 -----	72
Figura 32 – <i>Printscreen</i> da chamada para a retomada parcial da programação do Cordão do Galo, no ano de 2021 -----	72
Figura 33 – <i>Printscreen</i> da chamada para a retomada a programação do Cordão do Galo, no ano de 2022 -----	73
Figura 34 - <i>Printscreen</i> do show de lançamento do livro de músicas do Cordão do Galo, no ano de 2022 -----	73
Figura 35 – <i>Printscreen</i> da postagem sobre o cancelamento dos cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem -----	86
Figuras 36 e 37 – Sujeitos partilham a vivência dos cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem -----	90
Figuras 38 a 45 – Sujeitos assistindo as <i>lives</i> do Arraial Brincante e do Arraial do Futuro -----	96 a 99
Figura 46 – Nuvem de palavras com as palavras presentes nos comentários sobre os cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, nos anos de 2020 e de 2021, no canal do Arraial do Pavulagem, na plataforma de vídeos YouTube -----	102
Figura 47 - Vista aérea das avenidas Presidente Vargas e Boulevard Castilhos França, na chegada do primeiro cortejo do Arrastão do Pavulagem 2022 -----	108
Figura 48 - Vista aérea das avenidas Presidente Vargas e Boulevard Castilhos França, na chegada do último cortejo do Arrastão do Pavulagem 2022 -----	109
Figura 49 – Boi Pavulagem -----	113
Figura 50 – Estandartes -----	113
Figura 51 – Cavalinhos, vaqueirinhos e cabeções -----	114
Figura 52 – Chapéu de fitas coloridas -----	114
Figura 53 - Reco -----	118
Figura 54 - Maracas -----	118
Figura 55 – Barrica -----	119
Figura 56 – Caixas de marabaixo -----	119
Figura 57 – Ganzá -----	119
Figura 58 – Caixa de boi -----	120
Figura 59 - Matracas -----	120

Figura 60 – <i>Printscreen</i> do perfil da Lojinha Pavulagem, no Instagram -----	123
Figura 61 - Chapéus, camisas, livros e CDs disponíveis na loja on-line do Arraial do Pavulagem -----	124
Figura 62 – Caneca disponível na loja on-line do Arraial do Pavulagem -----	124
Figura 63 – Brinquedo artesanal disponível na loja on-line do Arraial do Pavulagem -----	125
Figura 64 – Álbum de fotos disponível na loja on-line do Arraial do Pavulagem -----	125
Figura 65 – Postagem dos pontos de venda itinerantes da Lojinha Pavulagem -----	128
Figura 66 – Ponto de venda itinerante da Lojinha Pavulagem, na Praça da República, durante o Arrastão do Pavulagem 2022 -----	128
Figura 67 – Cachorro trajando chapéu de fitas coloridas, durante o Arrastão do Pavulagem ----	134
Figura 68 – Integrantes do Batalhão da Estrela manuseando instrumentos durante Arrastão do Pavulagem -----	137
Figura 69 – Porta-estandarte do Arrastão do Pavulagem -----	138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Considerações dos sujeitos sobre os cortejos digitais terem conseguido suprir a ausência de experienciar as vivências dos eventos presenciais pelas ruas de Belém -----	80
Gráfico 2 - Do que os sujeitos mais sentiram falta com o cancelamento dos cortejos presenciais do Arrastão, em 2020 e em 2021 -----	81
Gráfico 3 - O que os sujeitos acharam das programações digitais do Pavulagem, sendo 1 para ruim e 5 para excelente -----	82
Gráfico 4 - Do que os sujeitos mais gostaram nas programações digitais do Pavulagem ---	82
Gráfico 5 - De que forma o público do Arraial do Pavulagem soube do cancelamento das atividades presenciais, no ano de 2020 -----	88
Gráfico 6 - Com quem os sujeitos costumavam frequentar os cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem -----	91
Gráfico 7 - Se os sujeitos encontraram pessoas conhecidas nos cortejos digitais, por meio de comentários e conversas na plataforma que divulgava a programação ou via chat ao longo das <i>lives</i> -----	94
Gráfico 8 - Se os sujeitos conheceram pessoas conhecidas nos cortejos digitais, por meio de comentários e conversas na plataforma que divulgava a programação ou via chat ao longo das <i>lives</i> -----	95
Gráfico 9 - Quais sentimentos e sensações foram mais acionados durante os cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem -----	105
Gráfico 10 - Quais sentimentos e sensações foram mais acionados durante os cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem -----	106
Gráfico 11 - O que os objetos do Arrastão do Pavulagem representam para os sujeitos ---	132
Gráfico 12 - Com quais itens/figuras os sujeitos mais identificam o Arrastão do Pavulagem - -----	133
Gráfico 13 - Se os sujeitos têm algum item que comprou em algum evento do Arrastão --	140
Gráfico 14 - Se os sujeitos têm algum item que comprou em algum evento do Arrastão --	140
Gráfico 15 - Se os sujeitos alguém com algum item do Arrastão -----	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Interlocutores ouvidos por meio de entrevista semi-estruturada -----	41
Quadro 2 – Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa de campo -----	43
Quadro 3 – Dados sobre as <i>lives</i> que compõem o Arraial do Futuro, em 2020 -----	62
Quadro 4 – Dados sobre as <i>lives</i> que compõem o Arraial Brincante, em 2021 -----	63

LISTA DE TABELAS

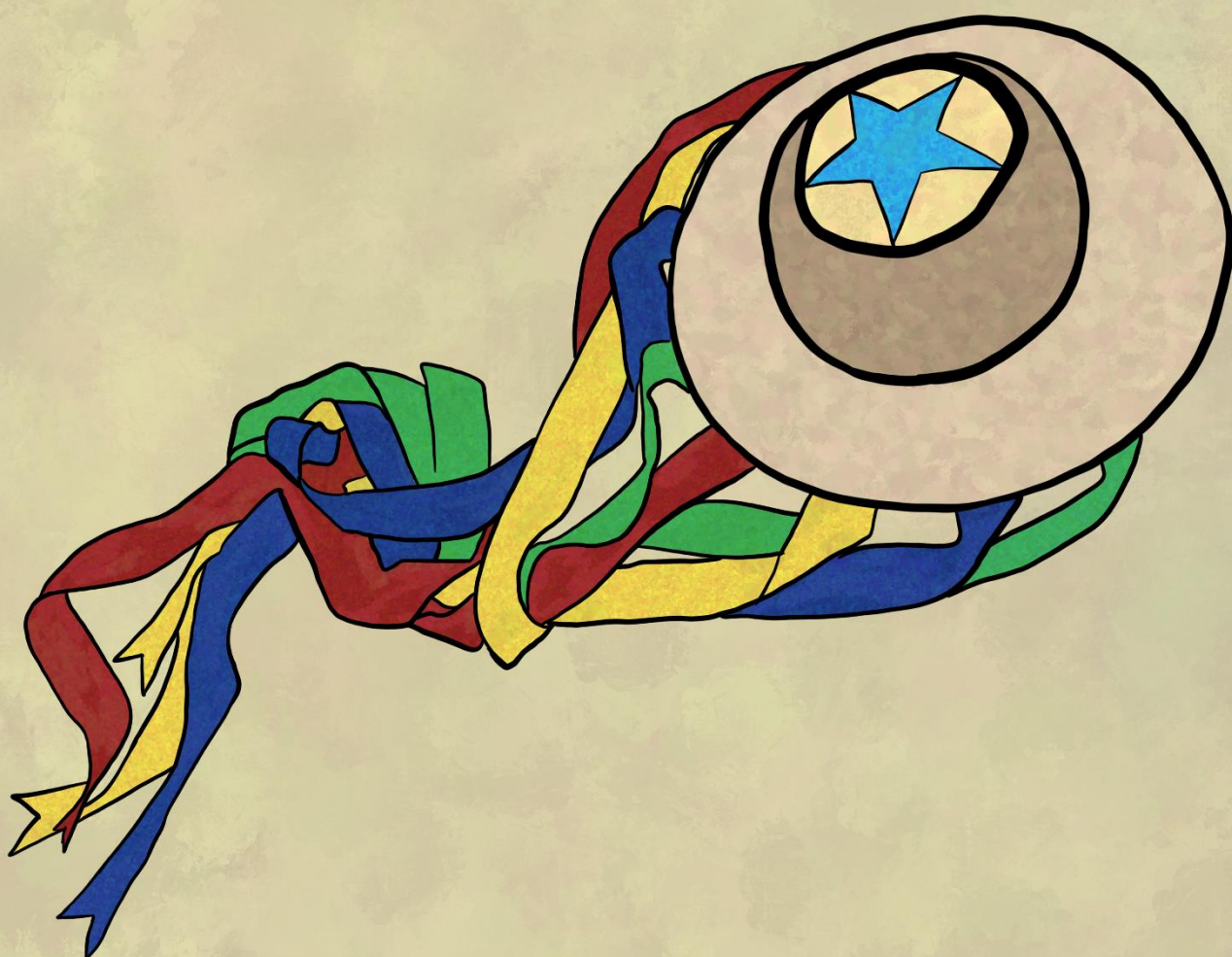
Tabela 1 – Dados coletados da página do Arraial do Pavulagem, no Facebook, de abril a julho de 2020 -----	77
Tabela 2 – Conteúdo da página do Arraial do Futuro, no Facebook, agrupados em temáticas afins -----	77
Tabela 3 – Dados coletados da página do Arraial do Pavulagem, no Facebook, de junho a julho de 2021 -----	79
Tabela 4 - Conteúdo da página do Arraial Brincante, no Facebook, agrupados em temáticas afins -----	79
Tabela 5 - Palavras mais frequentes nos comentários referentes aos arrastões digitais de 2020 e de 2021 -----	103

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PAVULEIRA - “CHAMOU PAVULAGEM, VAQUEIRO! TERRA VAI TREMER” -----	20
INÍCIO DO CORTEJO/INTRODUÇÃO - “ABRE OS OLHOS, MORENA. VEM VER MEU BOI” -----	45
1. CAPÍTULO 1 - “LÁ VEM MEU BOI, LÁ VEM, PELAS RUAS DE BELÉM” -----	50
1.1. A cidade que se (re)constrói -----	57
2. CAPÍTULO 2 - “OI, MORENA. JÁ FAZ MAIS DE ANO QUE EU NÃO VOLTEI PRA TE ESPIAR” -----	84
2.1. Os afetos que (re)unem, (re)conectam e (re)aproximam -----	95
3. CAPÍTULO 3 - “TRAZ MEU CHAPÉU ENFEITADO, MEU TAMBOR. TRAZ A MATRACA, VAQUEIRO DA PEDREIRINHA” -----	111
3.1. O consumo ao alcance das mãos, dos sentidos e das vivências -----	122
CHEGADA DO CORTEJO/CONSIDERAÇÕES FINAIS – “ADEUS, MORENA”. ATÉ O ANO QUE VEM! -----	144
REFERÊNCIAS -----	149
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM MEMBRO-FUNDADOR DO ARRAIAL E DO ARRASTÃO DO PAVULAGEM -----	154
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM DIRETOR DAS PROGRAMAÇÕES DO ARRAIAL DIGITAL -----	156
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PRODUTOR DO GRUPO MUSICAL ARRAIAL DO PAVULAGEM -----	157
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM COMUNICADORA DO ARRAIAL DO PAVULAGEM -----	158
APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM MÚSICO E MEMBRO DO GRUPO ARRAIAL DO PAVULAGEM -----	159
APÊNDICE F - FORMULÁRIO DISPONÍVEL VIA GOOGLE FORMS -----	160

Apresentação Pavuleira –

*“Chamou paraulagem, vaqueiro!
Terra vai tremor”*



Apresentação pavuleira - “Chamou Pavulagem, vaqueiro! Terra vai tremer”

Ao pensarmos na pandemia advinda da Covid-19 e no contexto do isolamento social advindo desta, somos tomados por um sentimento de nostalgia que atravessa cada sujeito de maneiras diferenciadas. Hábitos comuns presentes em nosso dia a dia, tais como cumprimentar alguém com um aperto de mão, com um afetuoso abraço ou com um beijo no rosto, deixaram de fazer parte do cotidiano dos sujeitos, uma vez que, por determinações de protocolos de segurança sanitária, o distanciamento social era amplamente recomendado. Tal postura foi adotada em virtude das recomendações estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS)¹, após declaração de emergência em saúde pública da Organização Mundial da Saúde (OMS)² e de recomendações dos governos municipais e estaduais³, que adotaram tais medidas a fim de combater o aumento do número de casos de Covid-19.

Da mesma forma que tais mudanças foram vivenciadas em nível micro, também se fizeram presentes em nível macro: grandes manifestações culturais que, outrora, reuniam centenas de indivíduos pelas ruas da cidade de Belém foram suspensas visando frear a disseminação do vírus causador da Covid-19 – de eventos de cunho religioso, tal como o Círio de Nazaré, a eventos de cunho cultural, como os cortejos que compõem o evento Arrastão⁴ do Pavulagem, foram (res)significadas e vivenciadas de outras formas. No cenário de múltiplas (res)significações ocorridas em variadas esferas da sociedade, por conta da pandemia da Covid-19, os próprios direcionamentos da presente pesquisa devem ser considerados, uma vez, que, a princípio, eu pretendia abordar direta e exclusivamente questões acerca do consumo da cultura material referente à manifestação que é objeto do estudo proposto. Entretanto, com a pandemia e as transformações sociais, surgiu a questão norteadora e reformulada desta pesquisa: De que forma as relações entre consumo, sociabilidade e cultura material, que se referem ao Arrastão do Pavulagem, foram (res)significadas pelo cenário advindo da pandemia, em tempos de isolamento social?

Tais (res)significações foram, por mim, experienciadas de uma dupla maneira: enquanto consumidor e fazedor de manifestações culturais/artísticas. Este duplo lugar que ocupo - ou

¹ Link de acesso às recomendações do Conselho Nacional de Saúde (CNS): << <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>>>.

² Link de acesso à declaração de emergência em saúde pública da Organização Mundial da Saúde (OMS): << <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/01/oms-declara-emergencia-de-saude-publica-internacional-para-novo-coronavirus>>>.

³ Link de acesso às recomendações do governo do Pará para conter o avanço da pandemia da Covid-19: << <https://www.agenciapara.com.br/noticia/18696/?fbclid=IwAR2W8bKF9uoVxQMM2mIjPtSMXySjS90pc28sIZFCaNGqns9sxXcklMe6d4w>>>.

⁴ Designação para os cortejos de rua realizados pelo grupo musical Arraial do Pavulagem. Advém da expressão popular paraense “Arrastar”, que significa conduzir um expressivo número de pessoas.

lugar de fronteira, como consumidor e fazedor de tais manifestações, deve-se pela dupla formação que tenho: iniciei minha caminhada acadêmica no ano de 2012, como aluno do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade da Amazônia (Unama) – a qual concluí no ano de 2017. Durante o período que realizei a primeira graduação, principiei minha trajetória no campo da pesquisa científica no ano de 2015, ao me tornar bolsista PIBIC do então grupo de pesquisa coordenado por minha atual orientadora, realizando pesquisas acerca de processos de comunicação, do consumo cultural e de sociabilidades, no contexto da Amazônia urbana e da cibercultura. Neste período, tive meu primeiro contato com o que viria a se tornar o objeto deste estudo: o Arrastão do Pavulagem, ao receber convites de algumas amigas para acompanhá-las nos cortejos, durante as quentes e ensolaradas manhãs de domingo da capital paraense, realizados nos meses de junho e julho. A partir deste episódio, tornei-me consumidor assíduo desta e de outras manifestações da cultura local.

Posteriormente, no ano de 2018, dei início ao curso Técnico em Teatro, pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), concluindo o mesmo no começo do ano de 2020, pouco antes do início da pandemia de Covid-19. Tal experiência possibilitou-me vivenciar as manifestações culturais/artísticas não somente como sujeito consumidor destas, mas, também, como sujeito fazedor de tais manifestações. Deste modo, passei a compreender e a viver os processos que envolvem a pré-produção, produção e pós-produção de trabalhos culturais/artísticos; bem como passei a ter noção das diversas áreas e profissionais necessários para erguer e dar forma ao que, outrora, somente consumia. Enquanto pesquisador, artista e comunicador, fui atravessado de diferentes modos pelas ressignificações que a pandemia da Covid-19 foi propulsora. Assim, cheguei a este objeto após reflexões oriundas dos seminários de estudo realizados no grupo de pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade (Consia/UFPa), ao longo do ano de 2020, quanto às alterações advindas das restrições sanitárias decorrentes da pandemia de Covid-19, em diversos processos sociais, e seus desdobramentos, observados em esferas variadas que compõem a sociedade.

Tal vivência por mim relatada neste trecho do presente estudo, como consumidor e fazedor de manifestações culturais, pode ter pontes estabelecidas com apontamentos de Wagner (2010) presentes em sua obra “A invenção da cultura”. Na referida obra, o antropólogo norte-americano pontua que, ao observar e aprender acerca de uma cultura outra, o pesquisador “inventa” uma cultura, ao torna-la “visível” e “plausível”. Assim, segundo atesta Wagner (2010), o pesquisador adquire compreensões diversas da cultura a qual está tendo contato e sua própria cultura torna-se “visível”, ao considerar que, “[...] de início ele a apreende como uma entidade distinta, uma maneira de fazer as coisas, e depois como uma maneira segundo a qual

ele poderia fazer as coisas” (WAGNER, 2010, pp. 30-31). Desta forma, pondera o antropólogo, o pesquisador reinventa sua própria noção de cultura (WAGNER, 2010, p. 31). O diálogo entre as proposições do autor e meu relato, aqui, é estabelecido com a vivência do autor enquanto um sujeito que, ao mesmo tempo, consome e produz manifestações culturais/artísticas – o que pôde possibilitar a mim que acessasse camadas outras sobre os impactos e (res)significações, decorrentes da pandemia de Covid-19, em manifestações culturais inseridas em sociedade em várias esferas tocadas pela cultura, tais como comunicação, economia etc.

Neste contexto, os cortejos do Arrastão do Pavulagem, uma manifestação cultural realizada há mais de 30 anos nas ruas do centro da cidade de Belém até o ano de 2019, foram realocados para o ambiente on-line da internet, por conta do isolamento social decorrente da pandemia causada pela Covid-19. Os eventos, passaram a acontecer no formato de *lives*⁵, denominados Arraial do Futuro, no ano de 2020, e Arraial Brincante, no ano de 2021, como se vê na figura 1, logo abaixo, e na figura 2, na próxima página, respectivamente.

Figura 1 – *Printscreen* da chamada do Arraial do Futuro



Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Facebook

⁵ No vocabulário dos usuários da web, a expressão designa transmissões ao vivo realizadas por meio das redes sociais digitais. Geralmente, não contam limite de tempo de exibição ou de quantidade de espectadores.

Figura 2 – *Printscreen* da chamada do Arraial Brincante



Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Facebook

Ao fazer uma análise dos elementos que constituem a identidade visual de cada programação digital do Arraial do Pavulagem, nos anos de 2020 e de 2021, saltou-me aos olhos a presença/ausência do componente humano no material gráfico: no Arraial do Futuro, realizado no ano de 2020, vê-se figuras humanas representadas nas ilustrações de brincantes do Batalhão da Estrela e de sujeitos vestindo o traje dos cabeções – elementos característicos do Arrastão do Pavulagem que serão evocados e analisados ao longo das seções que constituem o presente estudo; bem como uma forma que lembra um *smartphone*⁶ dentro da qual há o símbolo arroba⁷ (@), como se vê na figura 1 – um indicativo da característica digital/tecnológica/interativa da programação coexistindo com elementos tradicionais dos cortejos.

Já no ano de 2021, para o chamado Arraial Brincante, não há o componente humano no material de divulgação. Em vez disso, visualizam-se elementos que fazem referência aos festejos juninos, tais como bandeirinhas e uma fogueira. Vê-se também elementos ligados à história e visualidade dos cortejos juninos do Arrastão do Pavulagem, como estandarte com o Boi Pavulagem, estrelas e o tradicional chapéu de fitas coloridas, utilizado pelos membros do grupo musical e do Batalhão da Estrela, conforme observa-se na figura 2. Nas próximas

⁶ Termo de língua inglesa que significa “telefone inteligente” e designa telefones celulares com tecnologias avançadas que permitem que os dispositivos executem diversos aplicativos, ao estilo de programas de computadores.

⁷ Símbolo utilizado para indicar endereços eletrônicos. No contexto das redes sociais digitais é utilizado para marcar usuários em conteúdos de textos, fotos e vídeos.

páginas, quem ler este estudo perceberá a relação entre os elementos presentes/ausentes na identidade visual da programação de cada ano, por meio de dados obtidos a partir dos procedimentos metodológicos utilizados na realização desta pesquisa.

Em ambos os anos, os cortejos e as demais programações referentes a eles foram divulgados, transmitidos e desdobrados nas seguintes plataformas de comunicação do Arraial do Pavulagem: página do Facebook, perfil do Instagram e canal na plataforma de vídeos YouTube. Tal movimento pode ser visualizado sob a lente do que Castro (2020) aponta como uma “tecnologização da vida social [...] que dizem respeito, em síntese, às formas e práticas sociais da comunicação” (2020, p. 188), segundo o qual trata-se de “um dos efeitos sociais de maior magnitude produzidos pela atual pandemia de Covid-19” (2020, p. 188), uma vez que experimentou uma ampliação por conta das condições de saúde decorrentes do período pandêmico.

Ressalto, aqui, a relevância da comunicação digital, tanto na realização deste trabalho como na vida em sociedade, na qual o contato presencial passa a ser algo incerto, do ponto de vista de uma realidade pandêmica. Deste modo, “a comunicação digital é ainda mais importante pelo aspecto de contínuas inovações tecno-culturais, de valores comportamentais, linguagens mixados (oral, icônico, escrito, sônico) e relações identitárias” (CANEVACCI, 2016, p. 177). Assim, este estudo passou a buscar compreender de que forma as práticas de comunicação, consumo da cultura material e sociabilidade, que envolvem o cortejo junino Arrastão do Pavulagem foram (res)sinificadas, no cenário de isolamento social. Cabe destacar que os sujeitos aqui referidos são tantos os que produzem os Arrastão quanto aqueles que consomem o evento.

A partir deste ponto, convido a pessoa que ler este trabalho a caminhar sob a sombra das mangueiras que ladeiam a Avenida Presidente Vargas, no centro da Cidade de Belém, e retornar para o ano de 1987. Uma vez que, já definido o posicionamento do autor em relação à pesquisa realizada, pondero ser pertinente apresentar a história desta manifestação cultural paraense e do grupo musical que a realiza nestes mais de 30 anos de existência da festividade: Foi a partir da junção de grupos locais, tais como artistas de Belém e dos interiores do estado, que o grupo musical Arraial do Pavulagem⁸ se originou, no ano de 1987. Em entrevista realizada em ocasião da pesquisa de campo deste trabalho, um dos membros-fundadores do grupo musical revisitou as lembranças acerca do assunto e declarou que os artistas que

⁸ Referência ao local onde as festividades em homenagem aos santos da religião católica são realizadas e o neologismo Pavulagem quer dizer “formoso, bonito, e pomposo e que na linguagem popular tem o significado de ‘o que gosta de aparecer’, ou o fanfarrão”, conforme atesta Blanco (2014, p. 33).

encabeçaram a formação do Arraial do Pavulagem eram músicos e compositores que mantinham relações de amizade e se reuniram, inicialmente, com a proposta de promover apresentações de carimbó nas ruas da cidade de Belém:

A primeira ideia que surgiu foi quando o Baldez me ligou e ele queria colocar um carimbó, na rua. Essa ideia não vingou muito. Aí, depois, ele convidou a gente pra colocar um boi na rua. Eu já gostei. Aí, nós fomos devagar. Fizemos, no início, uma reunião na frente do Teatro (Waldemar Henrique), que é o centro, o ponto de encontro das pessoas, na Praça da República (Figura 3), e começamos a reunir e ouvir as toadas de São Luís, no Maranhão; de Parintins, no Amazonas; e de outros lugares e, principalmente, da nossa região. Teve influência do Boi Tinga⁹ (Figura 4, na página a seguir). Então, foi um aprendizado pra nós. A gente se viu trazendo as toadas, fazendo as toadas, aprendendo a fazer as toadas. Procurando conhecer os mestres da cultura popular. Começou por essa necessidade da gente reunir uma galera, ter um público pra assistir as apresentações que esse coletivo fazia. (Membro-fundador do grupo musical Arraial do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo)

Figura 3 – Praça da República



Fonte: Fotografia de Fernando Sette. Disponível em: <<https://fernandosettecamara.smugmug.com/Cidades/Belem/Pracas/Praça-da-República/i-S3kkGPd>>. Acesso em: 06 abr. 2022.

⁹ Figura tradicional do folclore do município paraense de São Caetano de Odivelas, no nordeste paraense, costumeiramente evocada no período do carnaval.

Figura 4 – Boi Tinga de São Caetano de Odivelas



Fonte: Canal de vídeos Portal Odivelas PA. Disponível em: <<
https://www.youtube.com/watch?v=IkAn8DTK_Qs>>. Acesso em: 08 abr. 2022.

O então Pavulagem do Teu Coração, como se chamava o coletivo à época da sua fundação, apresentava-se em um palco improvisado, aos domingos, na Praça da República, na cidade de Belém. Com o passar do tempo, as apresentações gratuitas agregaram um público cada vez maior, que costumava assistir aos shows e participar dos cortejos, durante tardes de domingo. Por conta de tal repercussão, um dos músicos que também fundou o grupo percorreu os interiores do estado, conforme apontam Lima e Gomberg (2012):

[...] pesquisando música de raiz, sons, ritmos, confecção de instrumentos próprios de determinados contextos, como, por exemplo, o carimbó. Com o tempo, juntaram-se bailarinos que investigaram as coreografias de ritmos paraenses – carimbó, siriá, lundu, xote marajoara, retumbão, samba do cacete, entre outros (LIMA; GOMBERG, 2012, p. 55)

Considero pertinente destacar que o artista citado por Lima e Gomberg (2012) trata-se de um dos membros-fundadores do grupo musical Arraial do Pavulagem ouvido na ocasião desta dissertação. Tais viagens, acrescentou o artista durante a entrevista concedida a mim, faziam parte da “pesquisa intuitiva” realizada por ele, nas quais costumava estar acompanhado dos demais membros do grupo Arraial do Pavulagem, que tinham como objetivo de pesquisar a história da cultura dos lugares visitados e fazer com que as populações locais pudessem conhecer os ritmos de onde vivem. Em decorrência das incursões do membro-fundador do grupo musical pelos interiores do Pará, ouvido em ocasião da realização deste trabalho, as apresentações do Arraial do Pavulagem se tornaram mais amplas e diversificadas, do ponto de vista cultural. A referida diversificação, observa Blanco (2014, p. 33), trouxe uma variada gama

de elementos e objetos da cultura popular, de modo a não focar unicamente no Boi-Bumbá. Assim, o Pavulagem do Teu Coração se tornou o Arraial do Pavulagem e passou a realizar várias manifestações culturais ao longo do ano, tais como o Cordão do Peixe-Boi (atualmente não é mais realizado), os arrastões/cortejos das quadras junina e nazarena, Rodas de Boi, dentre outras programações.

Amaral Filho e Alves (2017) caracterizam os espetáculos como “produtos simbólicos com origem nas manifestações da cultura popular, frutos da experiência tradicional de transmissão oral, representada na ação social de uma comunidade ou grupos sociais” (AMARAL FILHO; ALVES, 2017, p. 3), que fazem parte de um processo de resistência e pós-resistência, no que se refere à efetivação e reconhecimento que caracteriza determinada festividade.

Em outras palavras, a convivência do ritual que deu origem a manifestação com a sua inclusão no momento atual como um festejo da cidade ligada a economia local, impulsionada pela produção do espetáculo cultural na organização da festa pela comunidade, preparativos, vestuário, enredos, controle da festa, com a prefeitura produzindo o espetáculo para o turismo e com a cobertura midiática na publicização do espetáculo cultural. (AMARAL FILHO; ALVES, 2017, p. 4)

As influências sonoras trazidas dos interiores do estado são presentes de forma tão expressiva na identidade do grupo musical Arraial do Pavulagem, e nas iniciativas empreendidas pelos artistas, tais como os arrastões, que parte das composições permeia este estudo de múltiplas formas – seja ao nomear cada capítulo, seja ao longo do texto. Desta forma, considere oportuna a criação de uma *playlist*¹⁰, disponível via link para plataforma de streaming de músicas, a fim de acionar sensorialidades outras a quem percorrer as páginas deste trabalho, ao acompanhar a leitura desta pesquisa. Esta iniciativa foi pensada ao observar o caráter intersensorial dos cortejos que compõem o Arrastão do Pavulagem, após contribuições advindas dos estudos de Castro (2020) acerca da comunicação intersensorial, uma vez que estes eventos acionam múltiplos sentidos nos sujeitos que os experienciam, tais como tato e audição, à medida que estes têm vivenciam o evento em contato com outros sujeitos. Desta forma, objetivo proporcionar a quem ler estes escritos parte da intersensorialidade inerente ao evento.

Assim, trocamos nossas impressões, nossas sensações e nos comunicamos intersensorialmente, utilizando, para isto, os sentidos, aqueles que habitam o corpo que é medium, produtor e receptor concomitante das informações que nos invadim pelos olhos, ouvidos, olfato, tato e pela sinestesia provocada por estar ali, naquele ambiente, experienciando essas informações sensoriais e produzindo uma comunicação intersensorial entre o eu e o outro. (CASTRO, 2020, p. 4)

¹⁰ Lista de músicas e/ou de vídeos presente em plataformas digitais que pode ser organizada pelos usuários conforme suas preferências.

Ao longo do trabalho de campo realizado para o presente estudo, o qual será detalhado, nas próximas páginas, quanto as escolhas metodológicas poro mim realizadas, o membro-fundador que participou da pesquisa de campo rememorou como eram os primeiros cortejos realizados pelo grupo musical, no fim da década de 1980. O interlocutor aqui ouvido é músico e compositor do grupo musical Arraial do Pavulagem e membro fundador do grupo desde a primeira formação, no ano de 1987. Atualmente, é um dos coordenadores dos projetos do Instituto Arraial do Pavulagem¹¹ e se define como um conselheiro da instituição, colaborando nas atividades de diversas formas, devido às limitações decorrentes da idade avançada.

Na ocasião da entrevista, o artista relatou que, em um primeiro momento, havia o toque dos tambores, por parte dos músicos envolvidos. Posteriormente, em um segundo momento, houve a colocação da figura do Boi na tala de madeira, que saía em um cortejo ao redor da Praça da República, partindo da frente do Teatro Experimental Waldemar Henrique¹², disponível na figura 5. Simultaneamente a esta etapa, os membros do grupo musical solicitaram a cessão do Teatro, junto aos órgãos responsáveis pela administração pública, a fim de realizar uma mostra de trabalhos musicais de autoria dos artistas envolvidos nas apresentações, ao final dos cortejos.

Figura 5 – Teatro Experimental Waldemar Henrique



Fonte: Acervo pessoal do autor

¹¹ O Instituto Arraial do Pavulagem será abordado de forma aprofundada ao longo das próximas páginas desta pesquisa.

¹² Criado no ano de 17 de setembro de 1979, na cidade de Belém, com a finalidade de sediar apresentações de grupos de teatro experimentais da região. Anteriormente à função do Teatro Experimental, o prédio abrigou o Cinema Radium e, posteriormente, serviu como edifício do Museu Comercial. Depois de abrigar o Museu, foi sede da Caixa Econômica, até se tornar o Teatro Experimental Waldemar Henrique.

Com o passar do tempo, conforme pontuou o interlocutor, o público das apresentações cresceu de tal forma que o interior do Teatro não era mais suficiente para receber realizadores e público desta manifestação cultural. Devido a este crescimento, a chegada dos cortejos passou a ter como local de chegada o Anfiteatro da Praça da República, que se observa na figura 6. Entretanto, até o Anfiteatro se mostrou pequeno para o tamanho do público consumidor dos cortejos do Arrastão do Pavulagem, que passou a ter como local de partida a saída da Escadinha do Cais do Porto, na Praça Pedro Teixeira, entre a Estação das Docas e o Terminal Hidroviário de Belém, cruzando a Avenida Presidente Vargas até a Praça da República, na qual ocorria o show realizado pelo grupo musical, para fechar o ciclo proposto pelos realizadores. Trago também fotografia dos locais pelos quais os cortejos do Arrastão do Pavulagem passaram, ao longo dos 35 anos de realizações, disponíveis nas figuras de 7 a 11, a fim de contextualizar o leitor e a leitora a este respeito, a partir do meu olhar enquanto autor da presente pesquisa e de morador da cidade de Belém.

Figura 6 – Anfiteatro da Praça da República



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 7 – Escadinha do Cais do Porto



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 8 – Praça Pedro Teixeira



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 9 – Estação das Docas



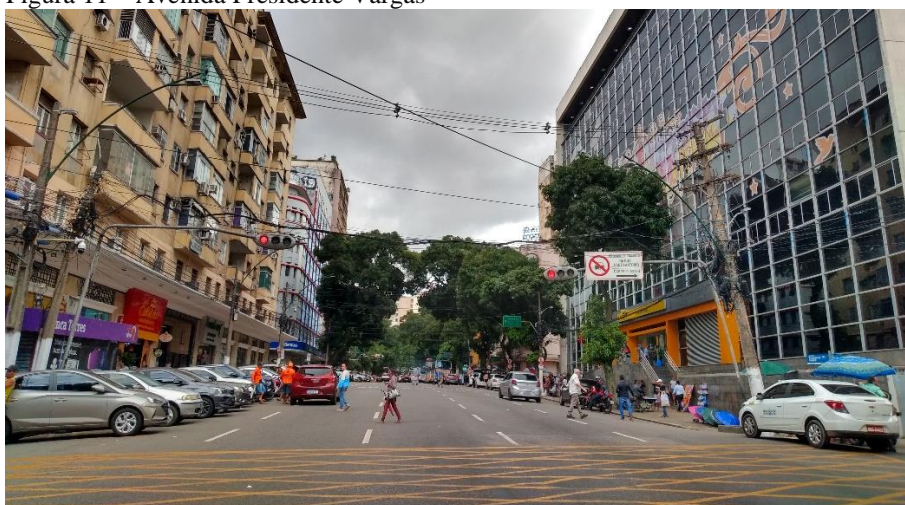
Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 10 – Terminal Hidroviário de Belém



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 11 – Avenida Presidente Vargas



Fonte: Acervo pessoal do autor

Os cortejos que compõem o evento somam um total de quatro. O número possui relação com os quatro santos da igreja católica que são homenageados durante a quadra junina: Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal. Cada cortejo que compõe o Arrastão do Pavulagem homenageia e pede as bênçãos a cada uma das divindades referenciadas neste parágrafo, respectivamente. Durante quatro semanas, aos domingos, as ruas do centro da cidade de Belém são tomadas por centenas de pessoas a se divertir, cantar e dançar. Sob o escaldante sol das manhãs paraenses, os integrantes do Batalhão da Estrela, vestidos de azul e branco, com os rostos pintados com maquiagem cheia de cores, tocam, ritmadamente, instrumentos de sopro e de percussão e executam sequência de toadas, carimbós e quadrilhas juninas; se equilibram em pernas de pau; fazem acrobacias; enquanto, em uníssono, entoam músicas do grupo Arraial do Pavulagem e de demais artistas paraenses, animando o evento e os participantes desde a saída até a chegada dos cortejos, da Praça da República até a Praça dos Estivadores, no bairro da Campina, respectivamente.

Quanto ao público, seja reunido com a família e/ou amigos, seja sozinho, junta-se ao Batalhão, com seus tradicionais chapéus e formam um colorido mar de fitas de cetim a balançar no ar. Misturados por entre o Batalhão e o público, bandeirinhas, cavalinhos, “cabeções”, estandartes dedicados aos santos católicos celebrados durante a quadra junina e o próprio Boi Pavulagem compõem os cortejos que formam o Arrastão do Pavulagem – elementos característicos das culturas dos interiores do estado do Pará; de estados vizinhos, como Amazonas, Maranhão e Amapá; e do período junino.

Outro “elemento” característico do Arrastão do Pavulagem é o Batalhão da Estrela, que se trata de um grupo de brincantes que se apresentam nos cortejos que compõem os arrastões,

conforme pode-se observar na figura 12. O Batalhão da Estrela conduz os cortejos do Arrastão, ao longo da Avenida Presidente Vargas, por meio das alas que o compõem, e costuma ser rodeado por todos os lados pela multidão de frequentadores que vivencia momentos de diversão, ao cantar e dançar ao som dos ritmos regionais tocados pelos membros do Batalhão.

Figura 12 – Batalhão da Estrela durante o cortejo do Arrastão do Pavulagem



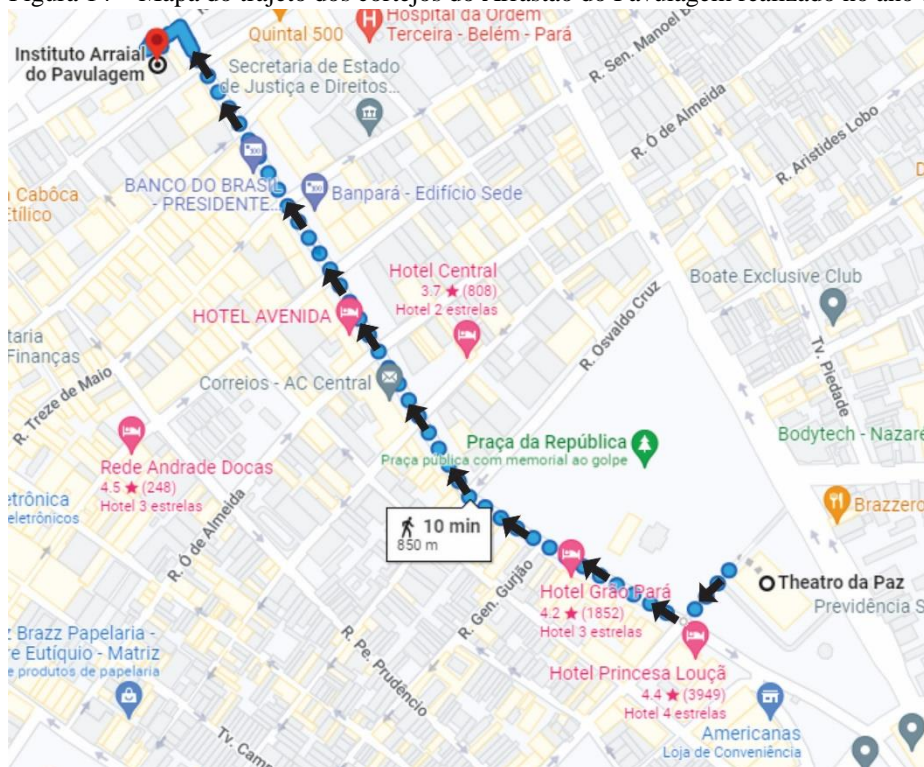
Fonte: Fotografia de Sávio Lima, disponível na página do Arraial do Pavulagem, no Facebook.

Os brincantes do Batalhão costumam fazer parte de uma das três alas que o compõem na seguinte ordem: dança; música, por meio de instrumentos de percussão e de sopro; e pernas-de-pau, respectivamente. Estes sujeitos passam por um período de preparação de um mês, composto por oficinas e ensaios, realizados no Instituto Arraial do Pavulagem, pouco mais de um mês antes do início dos cortejos. Neste sentido, novos brincantes do Batalhão juntam-se a brincantes veteranos nas preparação e realização dos cortejos e, ano após ano, este ciclo se renova a cada edição dos arrastões.

De acordo com informações disponíveis no vídeo “Ep.2|Arraial do Pavulagem – Belém/PA”¹³, o Batalhão da Estrela originou-se no início da década de 2000, a partir da iniciativa de um frequentador dos cortejos, que formou um grupo de sujeitos, juntamente com amigos e primos, que tinha por objetivo engajar mais sujeitos a conhecer e participar das iniciativas do grupo musical Arraial do Pavulagem e, desta forma, aumentar a quantidade de público dos cortejos. Já o nome Batalhão da Estrela, destacou o interlocutor membro-fundador

¹³ Vídeo que se configura como o segundo episódio da série de documentários “O povo brasileiro em festa”, realizada no ano de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i-P_1J0KutI>>. Acesso em: 09 jul. 2022.

Figura 14 – Mapa do trajeto dos cortejos do Arrastão do Pavulagem realizado no ano de 2019



Fonte: Produção do autor (2022)

A fim de apresentar variados pontos de vista sobre a última mudança no trajeto do Arrastão do Pavulagem, a partir do ano de 2019, trago alguns links¹⁴ de noticiários locais informando acerca do novo caminho a ser percorrido pelos arrastões. Aqui, abro um pequeno parêntese para destacar que há variadas formas de “ser frequentador” do Arrastão do Pavulagem: pode-se frequentar os cortejos desde a concentração até os shows ao vivo que encerram cada cortejo; adentrar os cortejos, enquanto este atravessa a Avenida Presidente Vargas, e permanecer para os shows; ir diretamente à Praça dos Estivadores assistir às apresentações ao vivo, sem seguir os cortejos; ir à Praça dos Estivadores por conta da companhia de outros sujeitos, sem, necessariamente, conferir os cortejos e os shows que encerram cada um.

Esta inversão no trajeto, pontuou o membro fundador, deu-se por conta de situações constrangedoras com os moradores do entorno da Praça da República, relacionadas ao zelo necessário à preservação do local – o que foi sentido pelos membros do grupo musical como

¹⁴ Link para matéria divulgada via portal O Liberal.com: <<https://www.oliberal.com/com-trajeto-invertido-primeiro-arrast%C3%A3o-do-pavulagem-re%C3%BAne-milhares-de-brincantes-assista-1.163045>>, Link para matéria divulgada via portal G1 Pará: <<<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/06/08/arrastao-do-pavulagem-tera-mudanca-no-trajeto-de-2019-em-belem.ghtml>>>, Link para matéria divulgada via portal Toda On: <<

uma necessidade de se retirarem do local e partirem rumo à sede do Instituto Arraial do Pavulagem. Neste ponto, considero pertinente contextualizar quem acompanhar este estudo que o entorno da Praça da República, que abrigou a chegada dos arrastões por anos, é um local que contém construções históricas, tal como o Theatro da Paz; hotéis de luxo; e sofisticados edifícios residenciais e comerciais – O que pode caracterizar um ambiente elitizado em relação ao atual ponto de chegada dos cortejos, na Praça dos Estivadores, localizada mais próxima a ambientes considerados mais populares, tais como o Centro Comercial de Belém e o complexo do Mercado do Ver-O-Peso. Tal decisão foi tomada devido aos artistas procurarem evitar conflitos com os moradores, mas buscarem manter posicionamento quanto à realização da manifestação cultural, conforme destacou o membro-fundador do grupo musical durante entrevista que faz parte da pesquisa de campo do presente trabalho:

A gente decidiu valorizar a praça onde fica a sede do Arraial do Pavulagem. Nós decidimos ir pra lá numa conquista daquele espaço, daquele território. Pra que a gente, um dia, consiga montar o Arraial do jeito que a gente sempre quis. Eu acho que foi um passo muito importante pra gente. No momento, algumas pessoas discordaram peça questão das tradições - O que é natural, né? Mas o cortejo continua sendo construído com o mesmo carinho de sempre ou até maior, hoje em dia. Acho que a gente tá melhor ali e vamos ter que adaptar a brincadeira pra aquele espaço. (Membro-fundador do grupo musical Arraial do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo)

Assim, questiono-me se o caráter elitizado que circunda a Praça da República pode ter influenciado o comportamento dos moradores a alimentar eventuais desejos de querer a retirada dos shows que encerram os cortejos do Arrastão do Pavulagem. Seria tal vontade influenciada pelo zelo com o Espaço da Praça da República? Será que a reunião de sujeitos de camadas socioeconômicas outras, que não as mais elevadas, pode ter pesado neste movimento? São questões a se refletir a respeito.

Aqui, pontuo que, durante os quatro domingos de realização dos cortejos do Arrastão, a Praça dos Estivadores, vista a seguir, torna-se enfeitada com bandeirinhas, os mastros de São João, “portais” que demarcam a realização dos cortejos nos quatro quadrantes da Praça e o palco que recebe o grupo musical e artistas convidados para os shows. Enfim, entre os meses de junho e julho de cada ano torna-se notório que a Praça dos Estivadores é ocupada pelos arrastões, enquanto que, no decorrer do ano, a mesma torna-se uma praça com um fluxo ordinário de pessoas, que recebe programações específicas, como algumas das demais praças da cidade de Belém. O mesmo ocorria e ocorre com os demais locais relacionados à história do evento, tais a Escadinha do Cais do Porto e a Praça da República, que, entre os meses de junho e julho, se tornavam facilmente identificáveis por elementos culturais e de infraestrutura, como

espaços relacionados aos arrastões, enquanto que, ao longo do ano, possuem fluxos tranquilos de sujeitos e programações. Para além destas discussões, convido quem ler as páginas deste trabalho a cruzar a Praça dos Estivadores para adentrar no edifício do Instituto Arraial do Pavulagem, como se vê nas figuras 15 e 16, a fim de conhecer mais acerca deste local.

Figura 15 – Praça dos Estivadores



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 16 – Instituto Arraial do Pavulagem



Fonte: Acervo pessoal do autor

O Instituto Arraial do Pavulagem foi criado no ano de 2003 e configura-se como uma organização independente, que fomenta ações pedagógicas, que mesclam arte e educação, no contexto da Amazônia. Tais ações colaboram para a difusão e o fortalecimento dos saberes e das oralidades que atravessam a cultura popular do estado do Pará, por meio de linguagens como músicas, danças e aspectos cenográficos. Conjuntamente aos três cortejos realizados ao longo do ano, que serão abordados em um dos capítulos deste estudo, o Instituto oferece oficinas, palestras, rodas de músicas, ensaios e shows à comunidade, que engrandecem e transmitem ao público as manifestações artísticas típicas da região.

Ao estender pontes com os postulados de Assmann (2013), pondero que as atividades realizadas pelo Instituto Arraial do Pavulagem possuem, ao mesmo tempo, aspectos da memória cultural e da memória comunicativa. Este duplo aspecto, conforme o pesquisador alemão, se deve ao caráter dinâmico da memória que conecta passado, presente e futuro em um constante movimento. Na primeira delas, memória cultural, tem-se a materialização de elementos que acionam lembranças que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas pelos sujeitos inseridos em sociedade. Enquanto que, na memória comunicativa, há o predomínio de lembranças pessoais, por parte dos sujeitos, dotadas de um caráter informal atravessadas por oralidades. Vemos aí o caráter dinâmico da memória, uma vez que há a materialização de elementos pertencentes à cultura popular do estado do Pará, por meio das ações realizadas pelo coletivo de artistas, bem como preserva-se a característica de oralidade que atravessa a cultura popular, presente nos saberes tradicionais repassados pelos mestres da cultura. Assim, ainda em diálogo com os estudos de Assmann (2013), este caráter vivo da memória possibilita que os sujeitos possam construir suas identidades, ao se identificarem como parte de um grupo.

Perguntado sobre a fundação do Instituto, o membro-fundador destacou, durante as entrevistas, que o espaço começou a ser pensado para que o grupo musical, devido à enorme proporção adquirida ao longo dos anos de realização do evento, pudesse ter o respaldo e a estrutura necessários a fim de se inscrever nas leis de incentivo à cultura. “Formatamos esta pessoa jurídica pra que a gente pudesse trabalhar com um pouco mais de conforto. Pudéssemos chamar e remunerar as pessoas pelos serviços prestados. A gente acaba formando uma cadeia produtiva, proporcionando um retorno social”, pontuou o interlocutor.

Depois desta incursão pela história da formação do grupo musical, da realização dos cortejos que compõem o Arrastão junino e da criação do Instituto Arraial do Pavulagem, na qual foi possível conhecer mais profundamente o que antecedeu a realização dos cortejos digitais, apresento os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa

– procedimentos que antecedem e atravessam a pandemia da Covid-19, ao mesmo tempo em que foram modificados pelo contexto sanitário que se impôs, em épocas pandêmicas.

Como metodologia foi adotado um cruzamento de quatro procedimentos metodológicos, a fim de coletar dados quantitativos e qualitativos, com a intenção de possibilitar compreensões diversas acerca do estudo. O primeiro deles trata-se de observação participante realizada durante os cortejos presenciais do Arrastão, entre 2017 e 2019. Como segundo procedimento, foi realizada netnografia na rede social Facebook¹⁵ do Arraial do Pavulagem, complementada com dados coletados via Instagram¹⁶ e YouTube¹⁷ do grupo musical. O terceiro procedimento metodológico adotado consistiu em entrevistas semi-estruturadas com realizadores dos cortejos. Por fim, como a quarta metodologia, foi realizada amostragem em bola de neve, por meio do compartilhamento de um formulário on-line entre consumidores do evento. Nos parágrafos seguintes, cada procedimento será apresentado de modo aprofundado, de modo que se possa conhecer detalhadamente em qual período e de quais formas a pesquisa de campo foi realizada.

Como primeiro procedimento metodológico, foi realizada observação participante nos períodos de junho a julho dos anos 2017 até 2019 - período que compreende os eventos do Arrastão antes da pandemia e da suspensão dos cortejos presenciais nas ruas da capital paraense, mesclando, assim, referências dos eventos presenciais e on-line, acontecidos nos anos de 2019 a 2021, respectivamente. Ressalto que em 2017, ano de início da observação participante, já percorria os caminhos da pesquisa científica há dois anos, haja vista o período no qual fui bolsista PIBIC, durante a graduação. Durante o período de realização da etapa que compreende a observação participante, optei por debruçar-me sobre práticas que compreendem os estudos da cultura material referente aos cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem. Ou seja, busquei atentar-me às formas pelas as quais os sujeitos que realizavam os cortejos (sejam estes músicos ou membros do Batalhão da Estrela) e o público consumidor se relacionavam com os objetos constituidores dos elementos que caracterizam o Arraial do Pavulagem. Aqui, ressalto que, com o retorno das atividades do Instituto Arraial do Pavulagem de forma presencial, houve minha participação, enquanto pesquisador e autor deste trabalho, nas programações que compuseram o Arrastão do Pavulagem, no ano de 2022.

¹⁵ Link de acesso para a página do Arraial do Pavulagem, no Facebook: << <https://www.facebook.com/arraialdopavulagemoficial>>>.

¹⁶ Link de acesso para o perfil do Arraial do Pavulagem, no Instagram: << https://instagram.com/arraialdopavulagem?utm_medium=copy_link>>.

¹⁷ Link de acesso para o canal do Arraial do Pavulagem, no YouTube: << <https://www.youtube.com/c/ArraialdoPavulagemOficial>>>.

Para o segundo procedimento metodológico optei por ater-me à análise da página do Facebook do grupo Arraial do Pavulagem, dado o significativo volume de informação e de questões para serem analisadas que se fazem presentes na referida rede social digital do grupo musical. Ademais, trata-se da rede social digital mais antiga e de maior movimento e fluxo comunicacional do Arraial, conforme destacou a interlocutora responsável pela comunicação do evento, em entrevista semi-estruturada realizada por ocasião da pesquisa de campo deste trabalho. Pude chegar a tal conclusão após a análise dos conteúdos presentes na rede social, na qual a interlocutora destacou que o Facebook é considerado a rede social de maior alcance do grupo devido ao seu caráter popular, assim como o público-alvo do grupo musical.

As análises netnográficas foram embasadas nos aportes de Kozinets (2014), que define o método como sendo “a pesquisa observacional participante em trabalho de campo on-line, que usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal” (2014, pp. 61-62). Kozinets ressalta que existem “[...] alguns fenômenos sociais que vão além da internet e suas interações sociais online” (2014, p. 65), como é o caso dos cortejos que compõem o Arrastão do Pavulagem. Destaco ainda que a escolha pelo método da netnografia deu-se, também, por conta das próprias restrições, por ocasião da pesquisa, quanto ao contato presencial entre os sujeitos, em meio à pandemia da Covid-19, e as possíveis aglomerações decorrentes destes. Assim, foram analisados conteúdos presentes na página do Facebook grupo Arraial do Pavulagem, no período de 16 de abril a 15 de julho de 2020 e 02 de junho a 18 de julho de 2021 – períodos correspondentes à divulgação dos arrastões digitais, com o objetivo de compreender semelhanças e diferenciações na divulgação dos eventos ao longo do período de análise.

A fim de complementar o levantamento da comunicação no Facebook em um caráter de análise da comunicação transmídia e *crossmedia*, conceitos esses que serão explorados em um próximo capítulo, foram analisadas, para o mesmo período de análise da rede social Facebook, os conteúdos presentes nos perfis do Arraial do Pavulagem na rede social Instagram e na plataforma de vídeos YouTube, tendo como enfoque principal a coleta e análise de dados quantitativos, relativos ao engajamento das publicações feitas no período analisado; assim como o teor das interações comunicacionais presentes nas mesmas, por meio das ferramentas disponíveis na referida rede em curtidas, comentários e compartilhamentos das publicações presentes nas redes sociais selecionadas.

Junto à netnografia, e como terceiro procedimento metodológico, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cinco dos fazedores responsáveis pelos cortejos on-line do Arrastão do Pavulagem nas seguintes funções: direção e roteirização das *lives*, assessoria de

comunicação, produção e músicos do grupo Arraial do Pavulagem – um deles membro-fundador do grupo musical e outro é percussionista do grupo. As entrevistas foram realizadas, no período de agosto a outubro de 2021, por meio de roteiros semi-estruturados, disponíveis nos Apêndices A, B, C, D e E, que foram personalizados de acordo com as funções dos interlocutores no Arrastão do Pavulagem. Visando preservar a privacidade dos interlocutores, seus nomes serão suprimidos no presente estudo. Tal decisão foi tomada haja vista que alguns destes alegaram se sentir mais confortáveis em ter seus nomes preservados pois não possuem vínculo empregatício formal em relação ao grupo musical e ao Instituto e prestam serviços na modalidade *freelancers*¹⁸. Por conta de tal decisão, preferi identificá-los pelo cargo/função que desempenharam na ocasião da realização dos cortejos digitais.

Todas as entrevistas foram realizadas em meio à pandemia da Covid-19. Por isso, estas aconteceram de três formas: por meio de ligação telefônica, por vídeo-chamada via plataforma de reuniões on-line Google Meet e por mensagens de áudio via aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp. A escolha da ferramenta de comunicação deu-se de acordo com aquelas que estavam mais facilmente ao alcance dos interlocutores, no momento da realização de cada entrevista, e que garantiam segurança tanto ao pesquisador quanto ao entrevistado. Por meio de tais entrevistas, busquei analisar e compreender os processos referentes à realização dos cortejos digitais, no que se refere às etapas que antecederam, atravessaram e procederam a programação do Arraial on-line, do ponto de vista de várias funções ligadas ao evento. Abaixo, disponibilizo quadro com os interlocutores ouvidos durante o trabalho de campo e suas respectivas funções durante a realização dos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem.

Quadro 1 – Interlocutores¹⁹ ouvidos por meio de entrevista semi-estruturada

Interlocutores	Função desempenhada
Interlocutor 1	Músico/ membro-fundador
Interlocutor 2	Direção e roteirização das <i>lives</i>
Interlocutor 3	Produção
Interlocutor 4	Assessoria de comunicação e gerenciamento de mídias sociais
Interlocutor 5	Músico/ percussionista

Fonte: Produção do autor (2022)

¹⁸ Termo proveniente da língua inglesa que designa o tipo de trabalho realizado sem envolver um vínculo empregatício formal.

¹⁹ Os nomes aqui apresentados são fictícios, a fim de se preservar a identidade dos interlocutores que participaram da pesquisa de campo.

Nesta etapa, vale pontuar, também pretendi coletar dados referentes à origem e à história dos cortejos que compõem o Arrastão do Pavulagem – acontecimentos que remontam ao fim da década de 1980, conforme mostrado nas páginas anteriores.

A quarta e última etapa dos procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa de campo consistiu em amostragem em bola de neve²⁰, aqui empregada via compartilhamento de um formulário on-line via plataforma on-line Google Forms, disponível no item Apêndice F. Estes, por sua vez, tinham como público-alvo usuários das redes sociais on-line que tivessem algum tipo de contato com o Arraial do Pavulagem – seja como frequentadores dos cortejos presenciais, até o ano de 2019, seja acompanhando as programações digitais, nos anos de 2020 e 2021. O formulário on-line contou com 41 perguntas, cujas respostas poderiam ser dadas de forma objetiva e/ou discursiva, com fins de complementar os dados obtidos via análise netnográfica. Com esta etapa objetivei compreender as práticas de sociabilidade e consumo (i)material dos usuários presentes no ciberespaço que, de alguma forma, consomem e se relacionam com os eventos do Arrastão do Pavulagem, seja de forma presencial, seja de forma digital, conforme mencionado.

No referido formulário, as perguntas-filtro utilizadas para determinar se os usuários avançariam para as demais perguntas eram “Você conhece o Arrastão do Pavulagem?” e “Você assistiu aos cortejos digitais do Arrastão, o chamado Arraial do Futuro?”. Ao todo contabilizaram-se 104 sujeitos atingidos com o procedimento metodológico empregado, prospectados das plataformas de comunicação do discente, tais como Facebook, Twitter e WhatsApp, assim como por ações de terceiros. O formulário foi compartilhado via link, no período de maio a julho de 2021 – período que compreendeu a expectativa e a vivência, por parte do público consumidor, da programação digital no referido ano - por meio das seguintes plataformas: os sites de redes sociais Facebook e Twitter e o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp; bem como através do compartilhamento por terceiros, por meio do procedimento metodológico da amostragem em bola de neve. Cabe destacar que as respostas obtidas por meio das entrevistas e do formulário aplicado objetivaram trazer camadas de subjetividade que evoquem memórias profissionais e pessoais dos sujeitos participantes da pesquisa de campo para, assim, complementar os dados coletados via pesquisa netnográfica.

A partir das respostas obtidas, pude perceber alguns pontos entre os participantes da pesquisa de campo que destaco a seguir. O faço a fim de que se possa ter uma ideia geral quanto

²⁰ Segundo Bockorni e Gomes (2021), a amostragem em bola de neve trata-se de “[...] uma técnica de amostragem que vem sendo utilizada em pesquisas qualitativas, nos últimos anos, principalmente, porque permite que se alcancem populações pouco conhecidas ou de difícil acesso” (2021, p. 106).

ao perfil dos consumidores dos cortejos juninos do Arraial do Pavulagem presentes no recorte do ciberespaço mencionado nos parágrafos anteriores, que serão trabalhados de maneira aprofundada nos próximos capítulos. São eles: A maioria dos sujeitos se insere na faixa-etária entre 18 e 27 anos, é moradora da Região Metropolitana de Belém²¹ (sobretudo, dos municípios de Belém e Ananindeua) e conheceu o Arrastão do Pavulagem em seu formato presencial, frequentando os cortejos ao lado de familiares e amigos, há mais de 12 anos. Quanto à relação destes sujeitos com os eventos on-line realizados pelo Instituto Arraial do Pavulagem, salta aos olhos que a maioria dos consumidores teve uma boa recepção em relação à programação digital do evento nos anos de 2020 e 2021, ao considerá-la excelente, embora a maioria tenha destacado que esta não conseguiu suprir a ausência dos arrastões presenciais. A seguir, disponibilizo quadro esquemático com os quatro procedimentos metodológicos e o período em que aconteceram.

Quadro 2 – Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa de campo

Procedimento metodológico	Período de realização
Observação participante	Junho a julho dos anos 2017 a 2019 e 2022
Netnografia	Abril a julho de 2020 e junho a julho de 2021
Entrevistas semi-estruturadas	Agosto a outubro de 2021
Amostragem embola de neve	Maior a julho de 2021

Fonte: Produção do autor (2022).

Ressalto, novamente, que a escolha por combinar tais procedimentos metodológicos visa chegar a compreensões diversas acerca do objeto do estudo realizado, ao coletar dados estatísticos e subjetivos, uma vez que as ressignificações ocasionadas pela pandemia da Covid-19 ocorreram e afetaram diversas esferas da vida em sociedade e os sujeitos que a constituem.

Feitas tais considerações, destaco que foi feita extensão da pesquisa de campo presencial no ano de 2022, uma vez que as programações presenciais que compõem o Arrastão do Pavulagem foram retomadas em razão do controle da pandemia da Covid-19 e da conseguinte da flexibilização nos protocolos de segurança sanitária. Tal extensão foi feita de modo a complementar as análises realizadas a fim estabelecer um paralelo entre os arrastões que antecederam, atravessaram e sucederam a pandemia de Covid-19, para, assim, analisar quais

²¹ Instituída por meio da Lei Complementar nº 14 de 1973, ao mesmo tempo que outras Regiões Metropolitanas do país, reúne, atualmente, sete municípios na chamada “Grande Belém”: Ananindeua, Belém, Benevides, Castanhal, Marituba, Santa Izabel do Pará e Santa Bárbara do Pará.

nuances da transposição dos eventos para o ambiente on-line permaneceram na retomada dos eventos presenciais.

Início do cortejo/ Introdução –

*“Abre os olhos, morena.
Vem ver meu boi”*



Lucas Gil Corrêa dos Santos - 2023

Início do cortejo/Introdução - “Abre os olhos, morena. Vem ver meu boi”

Após fazer a apresentação da temática da presente pesquisa, na seção anterior, intitulada Apresentação pavuleira – “Chamou Pavulagem, vaqueiro! Terra vai tremer”, apresento um resumo acerca dos eixos de análise que irão conduzir os capítulos que constituem este estudo, com o intuito de contextualizar quem pretende prosseguir na leitura das páginas desta dissertação sobre o que irá encontrar nela e reforçar o convite a imergir no universo pavuleiro, repleto de saberes populares, cores e sonoridades.

O Capítulo 1 traz como título “Lá vem meu boi, lá vem, pelas ruas de Belém” e trata de como a cidade de Belém, cenário no qual ocorriam os cortejos presenciais do Arrastão, foi transposta para o ambiente digital da internet, nos anos de 2020 e 2021; bem como haverá a análise das trocas interacionais ocorridas na página da rede social digital Facebook, no que se refere às práticas de transmídia e *crossmedia*, envolvendo a divulgação da programação on-line do Arraial, complementadas com análises realizadas na rede social digital Instagram e no canal do grupo presente na plataforma de vídeos YouTube, em complementação aos acionamentos percebidos na página do Facebook do grupo musical, para o período analisado. São analisadas reflexões dos seguintes teóricos: Canevacci (2016), acerca do atravessamento triplo entre comunicação, cultura e consumo, tanto no espaço urbano físico quanto digital; Amaral Filho (2015; 2017; 2019), quanto aos espetáculos culturais e entretenimento no contexto da Amazônia; Santos (2010; 2021), sobre publicIDADE, enquanto representações do que as sociedades produzem e consomem, no espaço das cidades, a partir da circulação comunicacional; Jenkins (2009; 2014) sobre as práticas de transmídia, *crossmedia*, na ambiência da convergência midiática; e Recuero (2014) sobre interações no ciberespaço.

O Capítulo 2 intitula-se “Oi, morena. Já faz mais de ano que eu não voltei pra te espiar” e aborda, sobretudo, a questão da sociabilidade que permeia e atravessa os cortejos do Arrastão e os sujeitos envolvidos em sua realização; a vivência dos cortejos presenciais do Arrastão, até o ano de 2019, de como foi possível, por parte dos sujeitos, estar juntos uns aos outros durante os eventos digitais realizados no ambiente on-line, em um momento no qual este ambiente era o único considerado seguro para o estabelecimento das trocas e práticas de comunicação entre sujeitos; e quais os sentimentos e sensações acionados na subjetividade de cada um, a partir de tais práticas. No capítulo 2 são evocadas as contribuições dos postulados de França (2008), sobre práticas de comunicação enquanto interações entre sujeitos; Muniz Sodré (2002), acerca da configuração do *bios midiático*; Simmel (1983) quanto a práticas de sociabilidade; Maffesoli (1998; 2016) sobre a vivência e a partilha dos afetos; e Halbwachs (2013) acerca da memória coletiva.

O Capítulo 3, nomeado “Traz meu chapéu enfeitado, meu tambor. Traz a matraca, vaqueiro da Pedreirinha”, fundamenta-se na questão do consumo (i)material do Arrastão do Pavulagem, enquanto experiência social vivenciada pelos sujeitos que produzem e consomem os cortejos – sejam estes membros do grupo musical, equipe de criação dos cortejos digitais, brincantes do Batalhão da Estrela e frequentadores dos arrastões. A partir das experiências de consumo chegam-se a outros eixos de análise do capítulo, tais como a questão da cultura material, ao buscar compreender de quais formas estes sujeitos se relacionam com os objetos relacionados ao Arrastão; os rituais de consumo, que possibilitam a continuidade da existência de hábitos e grupos sociais; e os afetos que permeiam as práticas de consumo acionadas no atual cenário capitalista/mercadológico. A fim de embasar os eixos de análise do último capítulo deste estudo, aciono as contribuições de Featherstone (1995), Barbosa e Campbell (2006) sobre os desdobramentos subjetivos, culturais, tangíveis e intangíveis do consumo; Miller (2007) acerca da cultura material dos objetos e de suas relações com os sujeitos; McCracken (2003), Trindade e Perez (2014), quanto aos rituais de consumo; e Illouz (2011), sobre o capitalismo afetivo.

Finalizando esta etapa do estudo, a seção Chegada do cortejo ou Considerações Finais - “Adeus, morena” explana algumas das percepções obtidas após as análises dos eixos analisados em cada capítulo, juntamente com ponderações sobre os impactos e as transformações, trazidas pela pandemia do vírus da Covid-19, nas interações e nas formas de se consumir e de se estar junto (a fim de apontar tendências que poderão ser absorvidas, modificadas e permanecer para os tempos vindouros). Complementando o título da seção, há a frase “Até o ano que vem!”, acrescentada em alusão a uma continuidade da pesquisa realizada em eventuais desdobramentos, assim como há a continuidade anual dos cortejos realizados pelo Instituto Arraial Pavulagem. Ao mesmo tempo, lançam-se proposições e questionamentos; assim como contribuições que a presente pesquisa pretende acrescentar à comunidade acadêmica e à sociedade paraense.

Após fazer esta breve contextualização acerca do que cada capítulo desta pesquisa irá tratar, ressalto que todas as seções que compõem este estudo foram nomeadas de acordo com trechos de músicas de autoria do grupo musical Arraial do Pavulagem que, de algum modo, se conectem com o conteúdo a ser explanado nos mesmos. Os trechos que dão título à Apresentação e ao Capítulo 1 fazem parte da canção “Reunida”²², presente no álbum “Gente da

²² Link para a canção “Reunida”, do grupo musical Arraial do Pavulagem, na plataforma de streaming de músicas Spotify: <<https://open.spotify.com/track/5qDbJ1LfnVTNnECePfgMNW?si=0b3573ded5664336>>.

Nossa Terra”²³, lançado ano de 1995. No mesmo álbum estão as canções “Batalhão das Estrelas”²⁴, que dá título à Introdução, e “Toada de Igapó”²⁵, que nomeia o Capítulo 2. O Capítulo 3 traz como título o trecho da canção “Bilhete do Nazo”²⁶, faixa de abertura do álbum “Arrastão do Pavulagem”²⁷, do ano de 2001. Por fim, as Considerações Finais receberam como título o trecho da canção “Comando Estrangeiro”²⁸, mais uma das faixas do álbum “Gente da Nossa Terra”. A fim de proporcionar, a quem ler, experiências multissensoriais com o presente trabalho (da mesma forma como ocorre com os cortejos realizados pelo Instituto Arraial do Pavulgem), disponibilizo *QR Code*²⁹, confeccionado com o auxílio da ferramenta Spotify Codes, para playlist por mim organizada com as canções acima referidas e demais canções do grupo musical Arraial do Pavulgem que mostram a pluralidade de ritmos e influências culturais que atravessam e constituem a identidade do grupo musical.



Neste ponto, destaco que a leitura dos três capítulos que constituem o presente estudo pode ser feita da forma como o leitor e a leitora desejarem, sem, necessariamente, seguir a ordem numérica crescente 1, 2 e 3, em uma proposição de leitura livre semelhante ao processo de preparação para os cortejos, uma vez que cada participante, em seus mais variados papéis e possibilidades, pode escolher ordens, ritmos e ações próprias para fazer parte do Arrastão: desde começar junto com o grupo musical, no domingo de abertura oficial das festividades, ou iniciar

²³ Link para o álbum “Gente da Nossa Terra”, do grupo musical Arraial do Pavulgem, na plataforma de streaming de músicas Spotify: <<https://open.spotify.com/album/6pKZL0My7SFUZmpVh1hhG5?si=KBC2XMIyRn2bfATv71UE5g>>.

²⁴ Link para a canção “Batalhão das Estrelas”, do grupo musical Arraial do Pavulgem, na plataforma de streaming de músicas Spotify: <<https://open.spotify.com/track/5PoV6GhY3qDvF1ZmWxoTKc?si=178056feb3e40b3>>.

²⁵ Link para a canção “Toada de Igapó”, do grupo musical Arraial do Pavulgem, na plataforma de streaming de músicas Spotify: <<https://open.spotify.com/track/1bLeQRbU8cYpPnsDael6qA?si=c5a0cc55f21841ea>>.

²⁶ Link para a canção “Bilhete do Nazo”, do grupo musical Arraial do Pavulgem, na plataforma de streaming de músicas Spotify: <<https://open.spotify.com/track/24IjTzmX4jrj5pkhj86T?si=73b51190f02c4700>>.

²⁷ Link para o álbum “Arrastão do Pavulgem”, do grupo musical Arraial do Pavulgem, na plataforma de streaming de músicas Spotify: <<https://open.spotify.com/album/7wyeTQ6W3LGtXvoCM5wSD8?si=laDbiaGsTg-C0IVF34jbYw>>.

²⁸ Link para a canção “Comando Estrangeiro”, do grupo musical Arraial do Pavulgem, na plataforma de streaming de músicas Spotify: <<https://open.spotify.com/track/3IeyYeyN5ZnGyQk3KLVDFM?si=5601535c208f4f56>>.

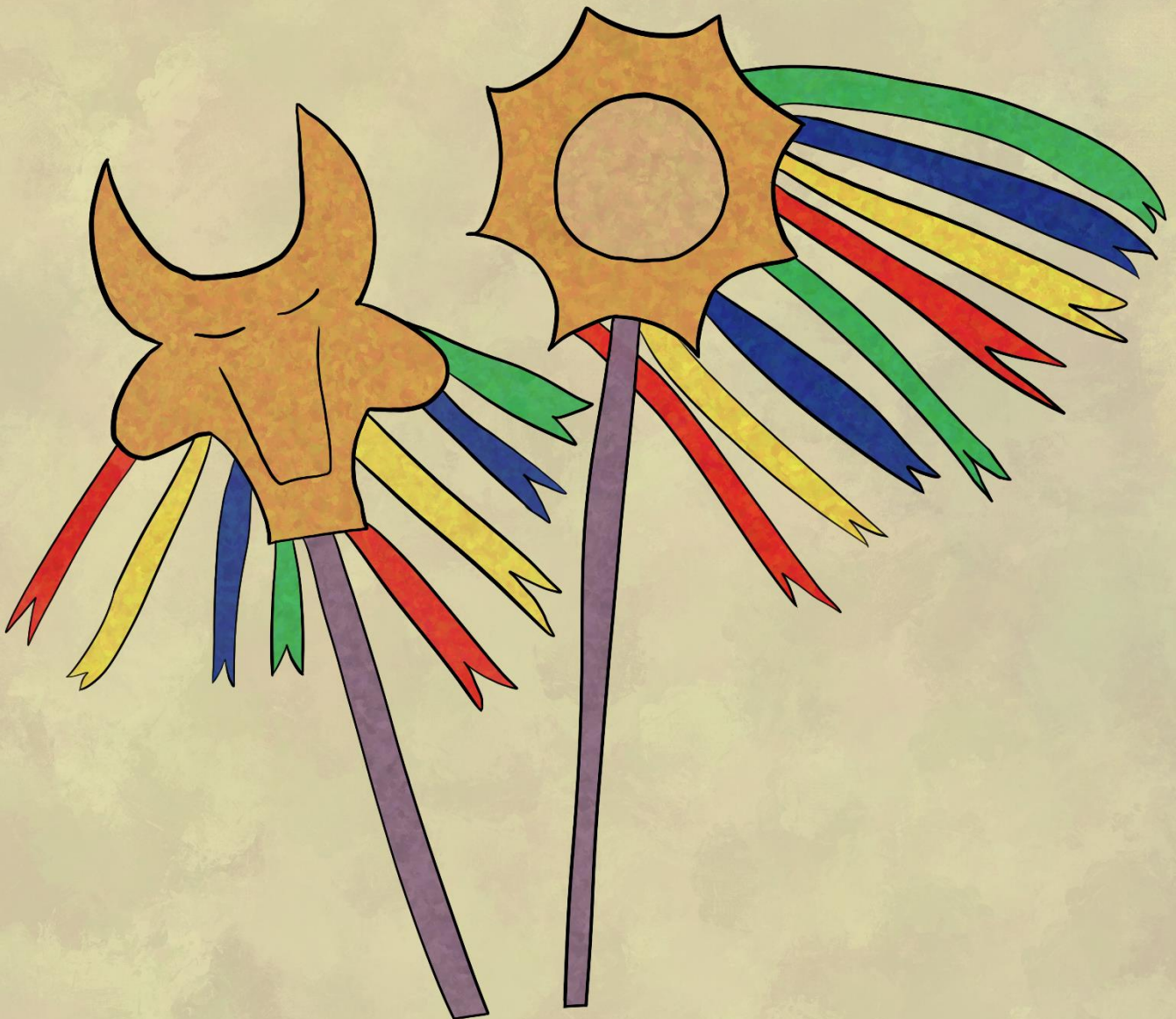
²⁹ Termo proveniente da língua inglesa que se refere a uma espécie de código de barras estilizado que, ao ser lido com o auxílio de uma câmera de celular, fornece informações diversas.

quando se depara com a chegada do cortejo, ou talvez comece nos ensaios com o grupo, ou com o contato com alguma divulgação midiática sobre a programação e quem sabe até com uma ida ao Centro Comercial da cidade de Belém para escolher as fitas de cetim que irão adornar o chapéu do frequentador que opta por confeccionar seu próprio item, acoplado fitas de diferentes cores, da forma como bem desejar, ao chapéu de palha característico do Arrastão do Pavulagem.

Espero que durante a leitura deste estudo, seja em qual ordem aprouver mais ao leitor ou a leitora, os cortejos do Arrastão do Pavulagem possam acessar memórias, sensibilidades, imagens, sons e sensações, sejam as vividas ou as imaginadas, em um convite à experiência, provocadas pelo calor do sol, pelo calor humano e pelo vento que sopra por entre mangueiras que ornaram a capital paraense, durante os domingos de Pavulagem, até o ano de 2019 e retomados em 2022, em cenários atravessados e (res)significados por uma pandemia que alterou a vida e a sociedade nas esferas macro e micro do sentir e do viver.

Capítulo 1 –

*“Lá vem meu boi, lá vem,
pelas ruas de Belém”*



1. Capítulo 1 - “Lá vem meu boi, lá vem, pelas ruas de Belém”

O capítulo 1 deste estudo recebeu como título os versos da canção “Reunida”, do grupo musical Arraial do Pavulagem, presente no álbum “Gente da nossa terra”, lançado no ano de 1995. A escolha do referido trecho deu-se em razão deste poder ser lido à luz das novas configurações do espaço urbano, em virtude do atravessamento triplo entre comunicação, cultura e consumo, no espaço urbano físico e digital, a partir de postulados de Canevacci (2016). Conjuntamente a esta interpretação, estabelece-se o diálogo com campos de estudo como as novas relações entre as mídias que se cruzam na contemporaneidade, estudadas por Jenkins (2009; 2014) à luz da cultura da convergência e da cultura da conexão; e com a publiCIDADE, por meio das considerações de Santos (2010; 2021).

Para entendermos o cenário macro no qual este estudo desdobra-se, ou seja, a Amazônia, adotei a perspectiva defendida por Santos (2002), que atesta que território não se trata somente de demarcações físicas. Mas, sim, uma junção de demarcações de espaços com as apropriações feitas destes. “[...] em outras palavras, a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e política” (SANTOS, 2002, p. 87). Assim, procuro estabelecer um diálogo com as proposições de Guattari e Rolnik (1986), nas quais os autores destacam que a noção de território é um conceito de veras abrangente, já que: “O território pode ser relativo, tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Desta forma, pode-se compreender “em casa” enquanto a Amazônia que cada sujeito carrega consigo, por meio de vivências experienciadas, de objetos materiais e de memórias, ainda que estes sujeitos não residam no espaço físico da região amazônica, como pôde ser verificado com alguns usuários presentes nas redes sociais digitais do Arraial do Pavulagem. A Amazônia, aqui compreendida enquanto território atravessado por apropriações dos sujeitos, vai além daquela “idealizada, distante da realidade vivenciada pelas populações amazônicas” (FILHO; CASTRO; COSTA, 2015, p. 107), mas mergulha na Amazônia atravessada por processos de comunicação e sociabilidades que fortalecem a produção de identidades locais por meio do contato entre arte, política e da vida em si, que também influenciam processos de interação, segundo reflete Castro (2012): “[...] à medida que se aproximam arte, política e vida, em geral, os processos de sociação, de interação e de produção de significação se intensificam, produzindo recorrentes significações da experiência” (CASTRO, 2012, pp. 442-443). Assim, objetiva-se compreender tais atravessamentos ligados aos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, nos anos de 2020 e de 2021, inseridos no território da Amazônia.

Nesta Amazônia produzida e atravessada por apropriações, elementos presentes na cultura popular de municípios interioranos do estado do Pará, de outros pontos da região amazônica e de regiões vizinhas se misturam nas ruas da capital paraense. Tais elementos se fazem presentes no evento por meio de diversas linguagens artísticas, bem como por meio de objetos materiais, conforme pude observar por meio da observação participante realizada nos anos de 2017 a 2019 e com a complementação desta metodologia realizada no ano de 2022, por ocasião da retomada presencial da festividade, bem como por meio de algumas das leituras que embasam este estudo. Dentre as linguagens artísticas observadas, pode-se ver o predomínio de tais objetos nas áreas da dança e da música. Conforme destacam Lima e Gomberg (2012), diversos ritmos paraenses foram trazidos e mesclados, tais como carimbó, siriá, lundu, xote marajoara, retumbão, samba do cacete, entre outros (2012, p. 55) por meio das viagens realizadas por membros do grupo musical. Sobre tais viagens, o membro-fundador do Arraial do Pavulagem, ouvido durante a pesquisa de campo, ressaltou que estas eram realizadas por ele e por outros membros do coletivo de artistas como parte da pesquisa que vem realizando ao longo de décadas, iniciada por meio de sua relação com a Fundação Curro Velho³⁰.

Não foi só eu do Arraial, como a banda, também. Eu sou cria do Curro Velho. Eu tive várias experiências por alguns municípios. Minha área é a de folguedos populares. Então, fui pra vários municípios. A minha pesquisa não é uma pesquisa científica. É uma pesquisa intuitiva. Então, pra todo lugar que eu vou – São Paulo, Rio, Mocajuba – eu vou procurar saber a história cultural do lugar. Isso é uma coisa natural em nós do Arraial. Nós gostamos de saber, de perceber, de fazer algumas coisas pra que as pessoas possam conhecer esses ritmos e a linguagem de cada município. (Membro-fundador do grupo musical Arraial do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo)

Soma-se a esta iniciativa do grupo musical o fato de alguns membros possuírem raízes familiares nos interiores do estado do Pará. Assim, parte das influências culturais que constituem a identidade do grupo musical, das manifestações culturais e das iniciativas empreendidas por eles remonta aos municípios paraenses de Bragança³¹, São Caetano de Odivelas³², no Nordeste do Estado; e Cachoeira do Arari³³, na Ilha do Marajó. A seguir, como

³⁰ Localizada no bairro do Telégrafo, área da cidade de Belém considerada periférica, a Fundação Curro Velho encontra-se em atividade desde o ano de 1991. Tem como público-alvo populações de baixa renda, estudantes da rede pública de ensino e comunidades tradicionais. Realiza ciclos anuais de oficinas voltadas a linguagens artísticas variadas.

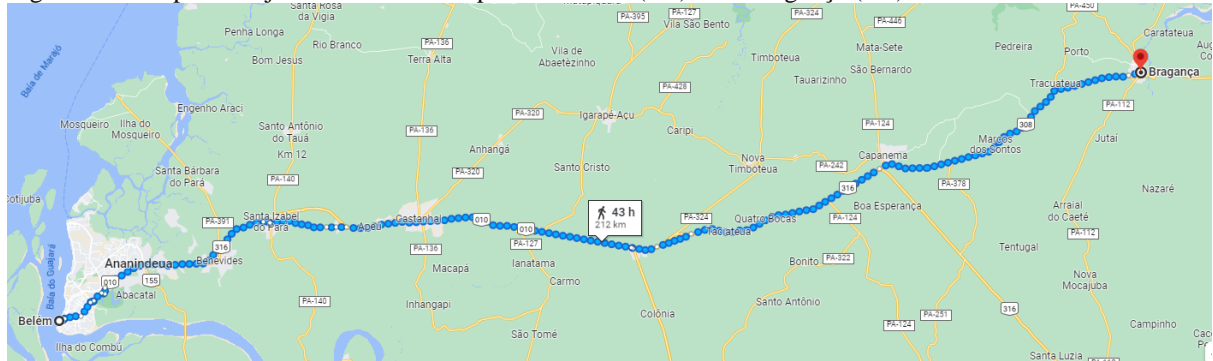
³¹ Município localizado na região nordeste do estado do Pará fundado no ano de 1613. Sedia a Festividade do Glorioso São Benedito, na qual ocorre a Marujada, que reúne danças como a roda, retumbão, chorado, mazurca, dentre outros ritmos.

³² Município localizado no nordeste paraense, na chamada “Região do salgado”, fundado no ano de 1757 e emancipado no ano de 1872. Sedia o Carnaval de São Caetano, conhecido pela figura do boi de máscaras.

³³ Município paraense localizado na Ilha do Marajó, pertencente à microrregião do Arari, fundado ano de 1747. Abriga o Museu do Marajó e foi lar do escritor paraense Dalcídio Jurandir.

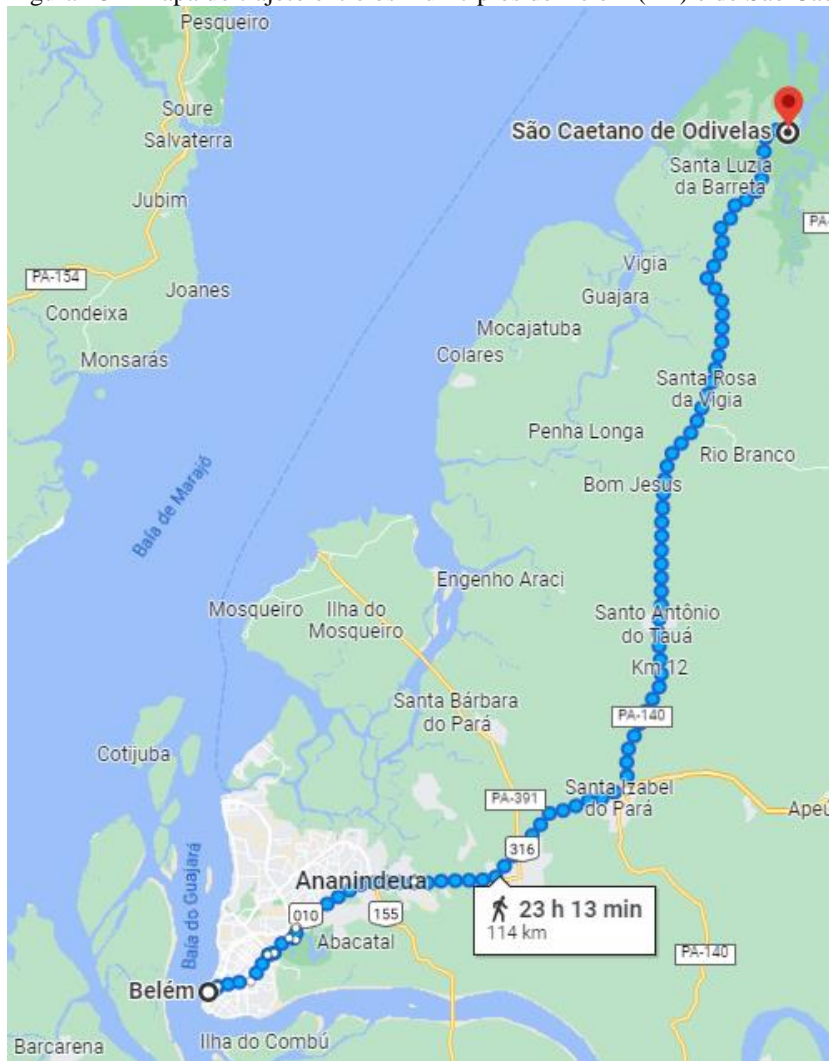
as figuras 17 a 19, disponibilizo mapas dos municípios acima mencionados em relação à cidade de Belém, a fim de contextualizar a dimensão geográfica que perpassa as influências culturais locais que caracterizam as ações do Arraial do Pavulagem.

Figura 17 – Mapa do trajeto entre os municípios de Belém (PA) e de Bragança (PA)



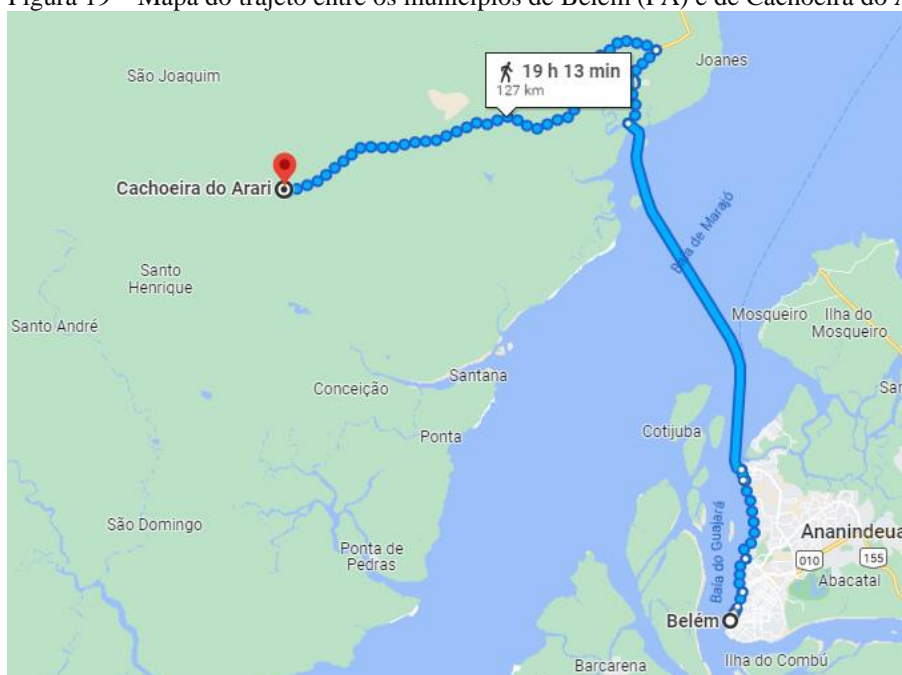
Fonte: Produção do autor (2022)

Figura 18 – Mapa do trajeto entre os municípios de Belém (PA) e de São Caetano de Odivelas (PA)



Fonte: Produção do autor (2022)

Figura 19 – Mapa do trajeto entre os municípios de Belém (PA) e de Cachoeira do Arari (PA)

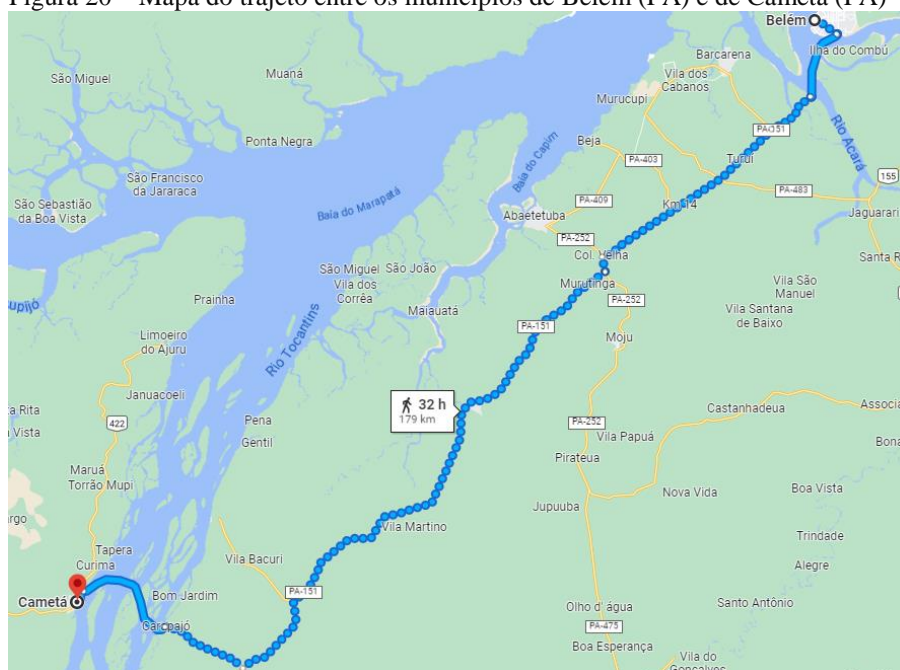


Fonte: Produção do autor (2022)

Ao mesmo tempo foi possível verificar a há existência de similitudes e especificidades em cada região do estado do Pará, que também dialogam com as formas pelas quais tais localidades foram sendo povoadas e desenvolvidas, como as trocas sociais, culturais, e econômicas que retratam religiosidades, historicidade e questões próprias que se aproximam, ao mesmo tempo em que preservam características próprias, e acabaram por enriquecer o que, hoje, forma o Arraial do Pavulagem como este caleidoscópio que não é tão somente musical, mas uma melodia que vibra parte da história do estado do Pará e da região Norte. Como exemplo de tais colocações cito elementos visuais, como o Boi de São Caetano de Odivelas; instrumentos musicais como caixas de boi, ligadas à Ilha do Marajó; e danças, como a marujada, nativa do município de Bragança, e o samba do cacete, originário do município de Cametá³⁴, referenciado na figura 20, disponível na página adiante.

³⁴ Município do interior do estado do Pará, localizado na região Nordeste do estado. Fundado no ano de 1635, possui influência da colonização francesa e exerceu papel significativo no movimento da Cabanagem.

Figura 20 – Mapa do trajeto entre os municípios de Belém (PA) e de Cametá (PA)

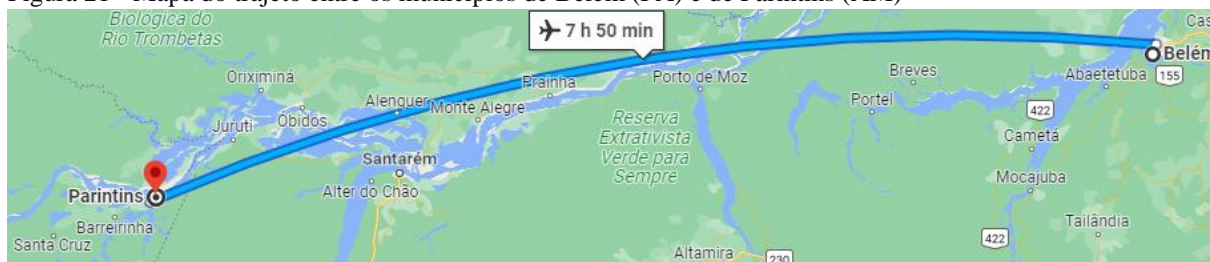


Fonte: Produção do autor (2022)

Juntamente com as influências trazidas de dentro do estado, somam-se a elas influências culturais de outros estados nos arredores do estado do Pará, tais como o município de Parintins³⁵, no estado do Amazonas, referenciado no mapa abaixo, e os estados do Maranhão e do Amapá. Pontuo que trago também um mapa, disponível na figura 21, que ilustra a localização dos municípios de Belém, no estado do Pará e de Parintins, no estado do Amazonas. Estas influências, por sua vez, desdobraram-se em aspectos visuais e sonoros presentes nas composições do grupo musical Arraial do Pavulagem. Assim, ao observar as composições presentes nos álbuns do grupo de artistas, tais como “Comitiva de São Benedito”, “Bate tambor”, “Bilhete do Nazo”, “Rara beleza”, dentre outras, percebem-se referências aos locais que influenciam culturalmente o trabalho dos artistas, nas quais há menções de municípios do estado do Pará. Em trechos de músicas como “Sou de Vila Que Era ô ô Sou de São Benedito ô ô”, “Bate tambor, retumbão e marujada Balança boi que a galera do farol”, “Diz o recado, meu mano, diz quem mandou Que o Guamá tá em festa” e “Vem comigo maruja vem ver A beleza que eu trouxe do mar”, vê-se que não apenas a dimensão físico-material faz-se presente nas composições; mas, também, no que se referem à cultura, valores e práticas sociais de tais localidades.

³⁵ Município do interior do estado do Amazonas, fundado no ano de 1796. Considerado o município mais populoso do estado, segundo dados do ano de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e conhecido por sediar o Festival Folclórico de Parintins, no qual há a disputa entre os bois Garantido e Caprichoso.

Figura 21 - Mapa do trajeto entre os municípios de Belém (PA) e de Parintins (AM)



Fonte: Produção do autor (2022)

A retratação destes aspectos (i)materiais que constituem os locais que influenciam a identidade do grupo musical Arraial do Pavulagem e de suas iniciativas pode ser compreendida à luz dos estudos de Santos (2010) sobre a publiCIDADE. Ao considerarmos que o Arraial do Pavulagem é um grupo musical formado por artistas paraenses, que agrega influências da cultura popular dos interiores do estado, e tem como um dos objetivos fazer com que a população consuma a cultura popular regional, chega-se às colocações de Santos (2010), ao destacar anúncios publicitários no contexto da Belém da *belle époque*³⁶. O pesquisador atesta que tais estudos – aqui estendidos para o consumo da cultura popular local e regional presentes nos arrastões - possibilitam a compreensão da cidade que produz e consome a si, pois “ao constituírem outra realidade, acabam por relacionar-se concretamente com a vida das pessoas dentro de uma determinada classe categoria e sociedade”, no que o pesquisador classifica como a publiCIDADE dos espaços (SANTOS, 2010, p. 253). Neste ponto, ressalto que a escolha por intitular os capítulos deste estudo com trechos das músicas do Arraial do Pavulagem também configura-se como uma forma de construir a publiCIDADE (2010) do grupo musical na estrutura do próprio trabalho.

Em outra instância, as influências oriundas dos interiores do Pará e de regiões próximas ao estado são observadas a partir da junção de diversos elementos trazidos destas regiões, tais como danças e instrumentos musicais, o tradicional chapéu com fitas de cetim coloridas, o Boi Pavulagem, instrumentos de sopro e percussão, “cabeções”, bandeirinhas, cavalinhos, dentre outros, compõem o que Amaral Filho, Leão e Pelaes (2019) destacam como cultura do mundo rural, a partir das proposições de Loureiro (1995). Antes de adentrar no que os pesquisadores definem como cultura rural, considero oportuno evocar algumas definições do que seria cultura popular, uma vez que o Arraial do Pavulagem possui estreitas relações com a cultura popular. Neste sentido, trago as contribuições de Abreu (2003), que apresenta duas formas de observar

³⁶ “Época que acontece concomitantemente ao período áureo do ciclo da borracha na Amazônia, momento de enorme euforia econômica, política e cultural na região, em virtude do comércio do látex, um negócio que movimentou toda a vida social da cidade, principalmente entre os anos de 1870 e 1912” (SANTOS. 2010, p. 17).

cultura popular: a primeira, a partir de vozes outras, é equivalente ao folclore, “entendido como o conjunto das tradições culturais de um país ou região” (2003, p. 1).

Adiante, a pesquisadora pontua que cultura pode ser entendida como um instrumento que possibilita a compreensão da realidade social e cultural, em uma dimensão multifacetada, e complementa tal colocação ao pontuar que “[...] muito mais fácil do que definir cultura popular é localizá-la em países como o Brasil, onde o acesso à chamada modernidade não eliminou práticas e tradições ditas pré-modernas” (2003, p. 2). Traço pontes das contribuições de Abreu (2003) para o contexto da presente pesquisa de campo ao analisar o duplo significado atribuído à cultura popular nos cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem, em que se sobressai a presença de elementos tais como o Boi Pavulagem, Cabeções, Cavalinhos, Estandartes, Bandeirinhas, etc. Destaco que tais elementos serão trabalhados à luz dos estudos sobre cultura material nas próximas páginas deste estudo.

1.1. A cidade que se (re)constrói

Neste estudo, adoto a proposição de cidade, de espaço urbano, a partir dos aportes de Canevacci (2016), que propõe o conceito deste espaço enquanto o que denomina como metrópole comunicacional resultante das “relações *entre* a expansão digital cruzada pelo trio comunicação-cultura-consumo (2016, p. 176). Segundo o pesquisador, a comunicação é o elemento determinante na configuração da metrópole comunicacional, uma vez que descentraliza o conceito de sociedade e a compreensão de diversos fenômenos, tais como inovações, conflitos e tensões, e faz com que esta seja algo flutuante e policêntrica (2016, pp. 176-177).

Ao traçar pontes entre as proposições de Canevacci (2016), também acerca da pluralidade e fragmentação do público consumidor existente nesta metrópole, e o cenário amazônica, no qual esta pesquisa se desenvolve, e no que se refere aos desdobramentos e peculiaridades dos conteúdos ligados aos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, realizados nos anos de 2020 e de 2021, proponho diálogos com as proposições de Santos (2010) sobre a publiCIDADE. Tal diálogo é estabelecido ao visualizar os sujeitos de uma cidade como público consumidor que produz e consome sentidos. Sobre isto, destaco que, na realização da pesquisa de campo, foi perceptível a presença da cultura popular nos cortejos e nas interações ocorridos no digital, nos anos de 2020 e de 2021, por meio dos elementos presentes durante a realização das *lives*, que remontam às tradições e raízes do grupo musical Arraial do Pavulagem - ligadas aos interiores do estado do Pará. Obtive tal percepção ao assistir às transmissões ao vivo do Arraial do Futuro e do Arraial Brincante, que foi corroborada por meio da entrevista

semi-estruturada realizada com o diretor das programações digitais do grupo musical, na qual destacou que:

A ideia do Arraial do Futuro, em 2020, foi criar uma espécie de ‘almanaque digital’ que percorresse diferentes aspectos da formação sociocultural do Arraial. Então a gente, a partir desse conceito, acabou criando alguns temas pros episódios. Em 2021, no Arraial Brincante, a gente quis aprofundar um pouco isso. Na história dos chapéus, na história da confecção do boi... A gente ia acompanhando os artesãos de boi, de instrumentos que compõem a musicalidade do Arraial. (Profissional responsável pela direção e roteirização das *lives* e da programação digital do Arrastão do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo)

Neste sentido, ao percorrer os conteúdos presentes nas redes sociais do Arraial do Pavulagem, durante a preparação e realização dos cortejos digitais dos anos de 2020 e 2021, percebi a prevalência de elementos típicos do Arrastão do Pavulagem, que proporcionavam aos usuários se sentir em meio aos cortejos realizados, além da mudança da “cor-base” das referidas artes de divulgação: sai o azul, que prevaleceu no ano de 2020, e entra o branco, no ano de 2021. Neste ponto, destaco que ambas as “cores-base”, azul e branco, são as cores oficiais dos cortejos juninos do Arrastão do Pavulagem. Por se tratar de uma manifestação expoente da cultura popular paraense, procurei estabelecer diálogos com as considerações de Castro (2010, s/p), segundo o qual: “a cultura associada à mídia pode ser descrita como o ‘quinto poder’, como o elemento estruturante dos imaginários coletivos e, portanto, como uma peça estratégica na construção da visibilidade da cultura local”.

Os elementos anteriormente mencionados, durante a divulgação da programação digital dos eventos realizados ao longo dos anos de 2020 e de 2021, são ilustrações do Boi Pavulagem, dos chapéus de fitas coloridas, de membros do Batalhão da Estrela, de bandeirinhas, estandartes, instrumentos musicais e “cabeções”, unidos por cores variadas – as mesmas cores presentes nas fitas dos chapéus dos membros do Arraial e do Batalhão da Estrela, como se vê adiante, nas figuras 22 e 23. Tais elementos visuais e sonoros, assim como aspectos culturais, práticas e tradições, inclusive, são reforçados nas iniciativas realizadas pelo grupo musical e pelo Instituto Arraial do Pavulagem, conforme destacou um dos interlocutores, membro-fundador do grupo musical, durante a pesquisa de campo:

A gente tá concentrado nisso, né? No fortalecimento da identidade. De tentar mostrar que a tradição não é uma coisa ultrapassada. Ela conta uma história. Eu acho que o Arraial tem essa missão de manter sempre essa rítmica. Da valorização, do fomento dessa sonoridade. É fantástico. Eu acho uma contribuição muito interessante para a música paraense e a música brasileira, num geral. (Membro-fundador do grupo musical Arraial do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo)

Figura 22 – Chamada para a ultima *live* do Arraial do Futuro, no ano de 2020



Fonte: Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Facebook.

Figura 23 – Chamada para as *lives* do Arraial Brincante, no ano de 2021



Fonte: Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Facebook.

Em análise ao conteúdo de imagens e símbolos que remetiam às identificações dos cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem, rememoro a proposição de Baitello (2007), ao destacar a capacidade que as imagens têm de fazer com que os sujeitos fujam do tempo, de sua cronologia e de sua inexorabilidade. Embora a proposição do pesquisador tenha sido feita no contexto das imagens internas, considero-a pertinente, neste estudo, na perspectiva do ciberespaço. Baitello (2007) afirma que o mundo é um ambiente permeado por imagens, sejam elas imagens internas, pinturas, fotografias, dentre outras. Diante de tal perspectiva, procurei levar em conta a proliferação de imagens presentes no ambiente digital e na vida do sujeito contemporâneo relacionadas à uma tentativa de ambientação e de recriação dos cortejos do Arrastão do Pavulagem no digital.

Parte destes elementos observados nos conteúdos presentes ao longo das divulgações relacionadas aos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, realizados nos anos de 2020 e de 2021, também se fez presente durante a realização das quatro *lives* referentes aos quatro dias de

cortejos presenciais, como pode-se ver nas figuras 24 e 25, denominadas Arraial do Futuro e Arraial Brincante, respectivamente.

Figura 24 – *Printscreen* da *live* do Arraial do Futuro, realizada no ano de 2020



Fonte: Canal do Arraial do Pavulagem, na plataforma de vídeos YouTube

Figura 25 – *Printscreen* da *live* do Arraial do Brincante, realizada no ano de 2021



Fonte: Canal do Arraial do Pavulagem, na plataforma de vídeos YouTube

Ao analisar as transmissões ao vivo que abriram os cortejos digitais nos anos de 2020 e de 2021, ocorridas em 21 de junho de 2020 e em 20 de junho de 2021, observa-se, nos palcos onde ocorreram os shows, elementos característicos do Arrastão do Pavulagem que se fazem presentes nos cortejos presenciais realizados pelo Instituto. No palco das *lives* realizadas no ano de 2020, pode-se observar estandartes com imagens dos santos que são homenageados durante e quadra junina e instrumentos de percussão ao longo do palco. Vê-se, também, a presença de peças em tons de verde, azul, vermelho e amarelo – cores que também são características do Arrastão do Pavulagem – elementos que se relacionam com a visualidade do grupo musical. Já

no palco das transmissões referentes ao ano de 2021, há a presença das fitas coloridas características dos chapéus dos brincantes. Mas, desta vez, partilham o espaço cênico com elementos em formato de estrelas e do chapéu de fitas coloridas – estes, por sua vez, também relacionam-se à história e à visualidade do grupo musical e dos cortejos por ele realizados.

O sujeito contemporâneo mencionado por Baitello (2007), ao deparar-se com a divulgação dos cortejos digitais do Arraial do Pavulagem realizados no ambiente on-line entre os anos de 2020 e de 2021, nas plataformas de comunicação do grupo musical, viu-se inserido no ambiente da festividade, de modo a vivenciar o evento de uma forma que não através da participação presencial, em uma época na qual recomendava-se enfaticamente evitar aglomerações, por conta da rápida propagação do vírus da Covid-19 a nível mundial. Contudo, por meio das plataformas de comunicação do Arraial do Pavulagem, tais como página das redes sociais Facebook e Instagram, bem como a plataforma de vídeos YouTube, o sujeito pôde ter contato com imagens e elementos que pudessem possibilitar que estes acionassem vivências e sentimentos experienciados outrora, durante os cortejos realizados de modo presencial, até o ano de 2019, antes do vírus causador da Covid-19 configurar-se como uma pandemia.

Neste ponto, considero oportuno fornecer mais informações acerca da preparação e realização dos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, a fim de que se possa expandir a compreensão do tempo, mobilização e organização necessários para transpor e recriar, no ambiente on-line, um evento anual realizado de modo presencial há mais de 30 anos.

Segundo o profissional responsável pela direção e roteirização da programação, no ano de 2020 o evento foi nomeado “Arraial do Futuro” devido à nova configuração sob a qual o evento seria realizado, por conta das restrições sanitárias decorrentes da pandemia decorrente do vírus da Covid-19. Tal configuração contava com recursos do audiovisual assumindo um papel mais expressivo no processo de produção dos eventos e com as possibilidades interativas das redes sociais on-line e da comunicação mediada por plataformas digitais, que se desdobraram de variadas formas, em diversas esferas da sociedade, tal como aponta Castro (2020):

Pouca certeza há a respeito do desdobramento de todos esses processos, mas algo nos parece evidente: a comunicação, com todas as suas formas e seus dispositivos tecnológicos, se apresenta como um *enjeux* maior, central, da vida social que se forma nos contextos pandêmico e pós-pandêmico. (CASTRO, 2020, p. 99)

O interlocutor pontuou que, a partir de sucessivas reuniões entre membros do grupo musical, da gestão do Instituto, da produção e da direção, que chegavam a durar 4h por dia, foram definidos quatro episódios para cada domingo de realização e de transmissão dos cortejos

digitais, no formato de *lives* transmitidas de 21 de junho a 12 de julho de 2020 e de 20 de junho a 11 de julho de 2021, via *streaming*³⁷, na página do Arraial do Pavulagem, no Facebook; no canal do Arraial do Pavulagem, na plataforma de vídeos YouTube; e na TV Cultura do Pará, que foi uma das apoiadoras do cortejo digital. Os oito episódios, referentes as transmissões de 2020 e de 2021, encontram-se disponíveis no canal do grupo musical, na referida plataforma de vídeos. Cada episódio correspondeu a cada um dos quatro cortejos presenciais que costumava compor a programação do Arrastão do Pavulagem até sua última edição presencial, no ano de 2019, antes da chegada da pandemia do vírus da Covid-19.

O primeiro foi a "Levantação do mastro" porque é o que marca o início dos festejos, na Praça, do Boi Pavulagem. Aí o segundo foi, se eu não me engano, "Marajó Vivo" que foi demarcando esse território de pertença do Ronaldo Silva. De onde saem muitos elementos que atravessam o cortejo do Pavulagem, as brincadeiras e a própria atuação do Instituto. No terceiro final de semana, a gente tratou dos "Mestres da cultura", que estão presentes no Arraial de diversas formas, né? Mestre do Marajó, de Bragança, do Baixo Tocantins, do Amapá, enfim, essa diversidade que forma o Arraial. Na quarta *live*, a gente pensou no lugar da criança, nessa história, toda e, aí, a *live* foi chamada de "O brincante do Futuro". Ela tinha essa prerrogativa de destacar esse papel da criança e projetar o que é que significa tá formando esse brincante, hoje, pensado pro futuro. (Profissional responsável pela direção e roteirização das *lives* e da programação digital do Arrastão do Pavulagem, nos anos de 2020 e de 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo)

Abaixo, disponibilizo quadro esquemático com dados sobre as quatro *lives* que compuseram o Arraial do Futuro, no ano de 2020.

Quadro 3 – Dados sobre as *lives* que compõem o Arraial do Futuro, em 2020

Arraial do Futuro - 2020		
Título de cada episódio	Data de transmissão	Link de acesso
Levantamento dos Mastros	21 de junho de 2020	encurtador.com.br/vARVY
Do Marajó para o Mundo	28 de junho de 2020	encurtador.com.br/pqEHK
Viva Mestres	05 de julho de 2020	encurtador.com.br/zGHO7
O Brincante do Futuro	12 de julho de 2020	encurtador.com.br/ejzC

Fonte: Produção do autor (2022)

Já no ano seguinte, a programação digital foi denominada de “Arraial Brincante”, uma vez que, o mote definido para a programação digital do ano de 2021 foi a valorização das

³⁷ Significa a transmissão, em tempo real, de dados de áudio e vídeo de determinado servidor para um aparelho, como computador, celular, *tablet* ou *smartTV*, por meio do sinal de internet.

brincadeiras associadas à quadra junina. Ao mesmo tempo, pontua o interlocutor, a delimitação do mote temático perpassa a relação entre o período da quadra junina e a ludicidade que o acompanha, bem como os aspectos que estão por trás das brincadeiras abordadas. O profissional ponderou que, diferentemente do ano de 2020, já havia melhor consciência do contexto sob o qual os cortejos seriam realizados e das necessidades para realizá-los. Deste modo, houve mais tempo para pensar na logística de realização das *lives*. Desta forma, decidiu-se também deslocar o conceito da temática da programação de 2021, a fim de diferenciá-la da do ano anterior. Assim, os episódios das *lives* que compuseram o Arraial Brincante contaram com as seguintes propostas:

A gente também faz o mergulho nos significados fundadores da quadra junina. Então são quatro temas que passam por isso. E, aí, gente fala de brincadeiras; a gente fala de saberes ancestrais; fala na fogueira como esse elemento fundador do período do solstício de verão, que coincide com as colheitas. Essas questões mais fundamentais que o Ronaldo Silva e o Walter Figueiredo, que são alguns dos cabeças do Arraial, entendiam como elementos importantes para a gente ter uma reflexão sobre o significado mais profundo da quadra junina. (Profissional responsável pela direção e roteirização das *lives* e da programação digital do Arrastão do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo)

A seguir, disponibilizo quadro esquemático com dados sobre as quatro *lives* que compuseram o Arraial Brincante, no ano de 2021.

Quadro 4 – Dados sobre as *lives* que compõem o Arraial Brincante, em 2021

Arraial Brincante - 2021		
Título de cada episódio	Data de transmissão	Link de acesso
Fogueira do Nascimento	20 de junho de 2021	encurtador.com.br/ejrN1
Santos do Amor	27 de junho de 2021	encurtador.com.br/efkLM
Pescaria dos Sonhos	04 de julho de 2021	encurtador.com.br/enDM6
Cortejo de Saberes	11 de julho de 2021	encurtador.com.br/rvDL5

Fonte: Produção do autor (2022)

Considero importante destacar que os cortejos digitais permanecem armazenados no canal do grupo musical, na plataforma de vídeos YouTube, e estão disponíveis a quem quiser assisti-los novamente. Desta forma, a iniciativa de armazenar e disponibilizar os vídeos referentes às *lives* realizadas pode ser lida como um registro da configuração que shows musicais assumiram em tempos pandêmicos e como um dispositivo disparador de memórias

diversas do que foram os arrastões nos anos de 2020 e de 2021. Aqui evoco os postulados de Halbwachs (2013), acerca da memória coletiva, enquanto uma forma de reconstruir acontecimentos ocorridos em momentos passados. Conforme o sociólogo francês, a lembrança de um sujeito, constituidora deste tipo de memória, resulta das vivências em grupos por parte de tais sujeitos. Neste sentido, as lembranças que temos não pertencem somente a nós, mas a grupos, que também experienciam lembranças semelhantes, de alguma forma. Assim, posicionam-se os sujeitos como participantes em um duplo papel: o de constituidores de uma memória individual e coletiva – o que implica em dizer que, por mais que as experiências sejam individuais, ao sociabilizar com outros sujeitos e grupos sociais, estes passam a partilhar lembranças que se assemelham entre si, ainda que mantenham suas subjetividades.

Neste ponto, relaciono os apontamentos de memória de Halbwachs (2013) com os de Santos (2010) sobre a publiCIDADE. Tal relação é estabelecida uma vez que se vê a intenção dos realizadores do Arrastão em selecionar o que há de mais representativo em aspectos da história da celebração para transpor e rememorar tais aspectos no ambiente digital. Igualmente foram privilegiados conteúdos que relacionam com a cidade de Belém, conforme apontado, por ocasião da presente pesquisa de campo, pelo interlocutor responsável pela direção e roteirização das *lives* que compuseram os cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem. Halbwachs (2013) determina, em seus estudos acerca da memória coletiva, que esta memória lidera a sociedade por meio de uma “lógica da percepção” (2006, p. 61), que determina a leitura do espaço no qual o sujeito e os grupos estão inseridos. Este espaço é produzido e consumido pelos sujeitos que nele habitam (Santos, 2010) – neste estudo, tomo como espaço tanto o ambiente físico, como o ambiente digital.

Ainda sobre a preparação e realização do Arraial do Futuro, no ano de 2020, o interlocutor acrescentou que também se buscou trazer imagens de diferentes fontes sobre os cortejos, tais como o documentário “Boi Pavulagem a Boi do mundo” e diferentes conteúdos que abordassem temáticas “transversais”, tais como a origem do chapéu, a origem do Boi; como os brincantes interagem entre si; as narrativas destes brincantes; e os ensaios digitais que contaram com a presença simbólica de brincantes do Batalhão da Estrela e de demais usuários das redes sociais digitais – o que corrobora a presença do símbolo arroba (@), na identidade visual do evento, conforme observa-se na figura 1, disponível no início deste trabalho. Tais ensaios resultaram em um produto com diferentes músicas executadas por um número reduzido de brincantes a cada semana.

Enquanto que, no ano de 2021, devido ao fato de a equipe de criação dos cortejos digitais ter adquirido experiência das necessidades para realizar as *lives*, no lugar dos ensaios digitais e

homenagens em vídeo, foram realizados pequenos cortejos na rua, em locais públicos da cidade de Belém, que se relacionassem à história do grupo musical e do evento, tais como a frente do Teatro Waldemar Henrique, o anfiteatro da Praça da República, a Escadinha do Cais do Porto e a frente do prédio-sede do Instituto Arraial do Pavulagem. “A gente queria tentar dar um sinal de esperança, em um momento que ainda era de pandemia, e falar assim: ‘olha, o boi, aos poucos, tá voltando à cidade’”, complementou interlocutor responsável pela direção e roteirização dos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem. Vê-se, assim, o porquê de, na identidade visual da programação digital do evento, haver o predomínio de elementos relacionados aos festejos e à época na qual acontecem, sem o componente humano, como visualiza-se na figura 2, também disponível no início do presente estudo.

Quando se observa a iniciativa da equipe de criação dos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, visualiza-se o que Canevacci (2016) apresenta como uma nova configuração do espaço urbano, em virtude do atravessamento triplo entre comunicação, cultura e consumo, neste espaço. De acordo com o pesquisador, a tríplice junção deste processo apresenta inovações que perpassam relações identitárias, na qual o espaço urbano se torna descentralizado, culturalmente sincrético e permeado por vozes e linguagens polifônicas (CANEVACCI, 2016, p. 181). Este tipo de iniciativa, Conforme Vieira e Silva (2016), possibilita a abertura e vivência de novos espaços artísticos, culturais e sociativos entre os sujeitos (2016, p. 331) – estendendo pontes a este estudo, observar-se-á os espaços abertos e vivenciados no ambiente digital. Por meio de pontes estabelecidas com os estudos de Vieira e Silva (2016), os espaços abertos e vivenciados no contexto do desenrolar deste estudo referem-se à realização dos cortejos digitais do Arraial do Pavulagem, no terreno digital, entre 2020 e 2021, a partir de entrelaçamentos entre mídias tradicionais e digitais e das novas formas do público relacionar-se com a cultura que o rodeia, conforme pontua Jenkins (2009; 2014) em seus estudos sobre a da convergência das mídias.

Ao considerar os elementos da cultura popular citados nos parágrafos anteriores, retorno aos estudos de Amaral, Leão e Pelaes (2019), no qual os autores apresentam o conceito de cultura rural. De acordo com o trio de pesquisadores, cultura rural é aquela “cujas raízes provém, em sua grande maioria, de comunidades ribeirinhas, caracteriza-se pela preservação das experiências indígenas e caboclas” (2019, p. 5). Os estudiosos também destacam que a cultura, sobretudo a popular, é atravessada pela participação do povo, já que este “[...] produz e participa ao mesmo tempo, de acordo com as transformações que ocorrem no meio social” (2019, p. 4). A participação do povo que atravessa a cultura popular, citada por Amaral, Leão e Pelaes (2019), também atravessa os projetos realizados pelo grupo musical Arraial do

Pavulagem desde quando foi criado, em fins da década de 1980. Pude perceber tal dado, também, na realização das entrevistas semi-estruturadas realizadas por ocasião da pesquisa de campo deste trabalho, quando um dos membros-fundadores do grupo musical destacou que a relação com o povo³⁸ sempre foi um dos principais pontos na realização dos cortejos do grupo musical, sejam estes presenciais ou digitais. Vale ressaltar que a menção aos cortejos, neste ponto, não se refere unicamente aos arrastões juninos, mas aos três cortejos realizados ao longo do ano pelo Instituto Arraial do Pavulagem: o Arrastão do Pavulagem e o Arrastão do Círio, na cidade de Belém; e o Cordão do Galo, no município de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó.

Antes de adentrar nas demais programações realizadas pelo Instituto Arraial do Pavulagem, destaco que estas não serão o foco do presente estudo. Contudo, incluo tais informações textuais e imagéticas acerca dos festejos a fim de retratar a diversidade do Arrastão e suas formas de interação e representação com a cultura da região. Neste ponto, apresento um panorama geral de como a cidade de Belém se encontra no período do ano no qual os cortejos acima mencionados são realizados: nos meses de junho e parte do mês de julho, época na qual acontecem os arrastões juninos, observam-se certos movimentos de evasão, já que parte da população se encontra em preparação ou em realização das viagens do período das férias escolares. Já no mês de outubro, vê-se o movimento contrário: a capital paraense encontra-se repleta de sujeitos vindos de interiores do estado, de outros estados do Brasil e, até mesmo, de outros países, por conta da realização do Círio de Nazaré³⁹. Enquanto que, no mês de janeiro, observa-se novamente, movimentos de evasão de parte da população, devido ao período de férias escolares. Feitas tais considerações, destaco que tal contextualização também se constitui como uma forma de estabelecer publiCIDADE (2010) entre a capital paraense, os cortejos realizados pelo Instituto Arraial do Pavulagem e o público presente no espaço físico da cidade de Belém, uma vez que, de acordo com Santos (2021), o “termo faz referência ao que é ‘público’ é à ‘cidade’” (SANTOS, 2021, p. 2) e o público participante dos cortejos possui grande peso nas iniciativas realizadas pelo Instituto e pelo grupo musical.

Diferentemente do Arrastão realizado durante a quadra junina, o Arrastão do Círio ocorre no mês de outubro, no fim de semana no qual ocorre o Círio de Nazaré - mais precisamente na manhã do segundo sábado do mês, véspera da festividade religiosa, logo após

³⁸ Neste estudo entender-se-á o povo enquanto o público consumidor dos arrastões.

³⁹ Festividade religiosa paraense em devoção à Nossa Senhora de Nazaré, realizada há mais de 200 anos, no segundo domingo do mês de outubro. É reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e declarado Patrimônio Cultural da Humanidade, pela UNESCO.

o traslado fluvial⁴⁰. Em uma cidade tomada por orações, fé, sons de sinos de igrejas, um rio de pessoas devotas de Nossa Senhora de Nazaré a tomar as ruas da cidade de Belém, bem como pelo cheiro de maniçoba e de pato no tucupi, o Arrastão do Círio vem sendo realizado há 22 anos - desde o ano de 2000, a partir da união de diversos agentes culturais, instituições e da mobilização de brincantes e frequentadores das programações realizadas pelo Instituto. Neste desdobramento do cortejo do Arrastão, a figura do Boi Pavulagem é substituída pela “Senhora das Águas”, em referência aos rios da região, à Nossa Senhora de Nazaré e à orixá Iemanjá; enquanto os elementos tradicionais da quadra junina são substituídos por brinquedos de miriti⁴¹ em forma de embarcações; e as vestes azul e branco dão lugar a vestes totalmente brancas, como vê-se na figura 26.

Figura 26 – Arrastão do Círio, realizado no ano de 2019



Fonte: Fotografia de Adryan Schwann, disponível na página do Arraial do Pavulagem, no Facebook.

Atualmente, o Arrastão do Círio faz parte das programações oficiais do Círio de Nazaré. Assim como os cortejos juninos, o Arrastão do Círio conta com preparações e programações prévias antes da data de realização, como bate-papos, oficinas e ensaios. Também foi transposto para o ambiente on-line, no ano de 2020, em decorrência das restrições sanitárias necessárias para conter a propagação do vírus da Covid-19 e do isolamento social decorrente dela, e passou

⁴⁰ Uma das 13 romarias em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre sempre aos sábados, véspera do Círio. O traslado fluvial é realizado desde o ano de 1986, pelas águas da Baía do Guajará até a Escadinha do Caís do Porto.

⁴¹ Brinquedos confeccionados a partir da palmeira do Miriti, nativa da região do município de Abaetetuba, no estado do Pará. Frequentemente retratam elementos das florestas da região amazônica e lendas da região e do período do Círio de Nazaré. São tombados como patrimônio histórico cultural imaterial, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

a contar com uma programação digital, conforme pode ser visto na figura 27. Já no ano de 2021, a programação digital foi substituída por um show presencial, realizado no Teatro Margarida Schivasappa⁴², conforme mostrado na figura 28. No ano de 2022, por sua vez, o Arrastão do Círio percorreu um novo trajeto, com saída da Avenida Boulevard Castilhos França, na qual estão localizadas a Praça dos Estivadores e a sede do Instituto Arraial do Pavulagem, até a Praça Dom Pedro II, no bairro da Cidade Velha, que se vê na figura 29.

Figura 27 – *Printscreen* da chamada do Arrastão do Círio 2020



Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Instagram

Figura 28 – *Printscreen* da chamada do Arrastão do Círio 2021



Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Instagram

⁴² Localizado no bairro de Nazaré, no centro da cidade de Belém, o Teatro Margarida Schivasappa foi inaugurado em fevereiro de 1987, mesmo ano da fundação do grupo musical Arraial do Pavulagem e do início da realização dos cortejos juninos do Arrastão do Pavulagem. É um dos espaços da Fundação Cultural do Pará. Recebeu o nome em homenagem à professora Margarida Schivasappa, considerada a “primeira dama do teatro paraense”.

Figura 29 – Praça D. Pedro II



Fonte: Acervo pessoal do autor

É curioso reparar, no caso dos arrastões juninos e do Círio, a correlação entre sagrado e profano que há nas festividades, uma vez que, em ambas, há elementos advindos da religiosidade católica, por meio das divindades homenageadas nos cortejos, e elementos que podem ser lidos como profanos, como as bebidas alcoólicas comercializadas pelos cambistas e influências de culturas diversas, tais como influências indígenas e afro-brasileiras.

Ao observar a transposição dos demais cortejos realizados para o ambiente digital, por conta das restrições sanitárias impostas por conta da disseminação da pandemia da Covid-19, verifiquei a determinação dos membros do grupo musical estabelecer formas alternativas de dar seguimento às atividades realizadas pelo grupo musical. Tal observação foi reforçada por meio da declaração de um dos interlocutores ouvidos em razão da pesquisa de campo, na qual foi dito que o Instituto e o grupo musical nunca cogitaram o cancelamento das atividades, no ano de 2020, quando a pandemia de Covid-19 propagou-se pelo mundo todo.

Quando surgiu essa questão do pessoal querer as *lives*, perguntavam: “Quando o Pavulagem vai fazer *live*? Tá todo mundo fazendo *live* e o Pavulagem ainda não fez”. Talvez eles tenham pensado encima disso: “vamo fazer uma *live*, mas vamo fazer bonitinho. Ver um patrocínio pra gente fazer”. Aí, maturaram a ideia. (Percussionista do grupo musical Arraial do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo)

Neste ponto, considero cabível tecer o seguinte questionamento: o público presente nas redes sociais do Arraial do Pavulagem apenas consumia os conteúdos ofertados pelas plataformas de comunicação do grupo musical, relacionados ao Arrastão do Pavulagem, ou também tinham participação ativa nos conteúdos gerados para e nos eventos digitais? Uma

forma de responder este questionamento ou percorrer caminhos que busquem tal compreensão é voltar os olhos para a realização das três grandes programações anuais do Instituto Arraial do Pavulagem no formato on-line (os arrastões juninos e do Círio, mais o Cordão do Galo, que serão analisados em profundidade a seguir), bem como de suas etapas preparatórias.

O clamor do público para a realização de tais programações no ambiente digital foi um dos fatores que fez com que a participação do público fosse contemplada em tais iniciativas, como pôde-se observar por meio da realização da pesquisa de campo deste trabalho. Assim, fui capaz de verificar a ocorrência do que Jenkins, Green e Ford (2014) classificam como cultura participativa. De acordo com este conceito, há uma mudança na relação entre os sujeitos e os meios de comunicação, entre produtores e consumidores de conteúdo digital, na qual o ciberespaço torna-se imbuído de novas camadas de sociabilização entre indivíduos e produções midiáticas. Portanto, passa a ser necessário que produtores compreendam os anseios do público que consome seu conteúdo e que passa a produzir os conteúdos consumidos em conjunto com os produtores, ao mesmo tempo que os produtores compreendam que seu público pode produzir novas significações a partir do contato com determinados conteúdos.

As práticas sociais de mídia propagável precisam de material que seja citável, ao fornecer formas fáceis para que o público possa extrair trechos desse material e compartilhar esses trechos com os outros; e apropriável ao fornecer as funções tecnológicas que tornam o conteúdo de fácil manuseio e compartilhável (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 234).

Ao encontro dos apontamentos do trio de pesquisadores, Shirky (2012) destaca que vivemos em um “ecossistema da web”, no qual sujeitos podem e são capazes de contribuir nas produções midiáticas, como foi o caso das transmissões ao vivo feitas pelo Instituto Arraial do Pavulagem, os ensaios, homenagens e cortejos virtuais que compuseram as programações digitais realizadas nos anos de 2020 e de 2021 e que contou com as contribuições dos que estavam acompanhando as transmissões ao longo de todo o período dos eventos, fosse na forma de publicações próprias ou em comentários e compartilhamentos com a expressão das opiniões. A partir dos dados obtidos via pesquisa de campo e das reflexões teóricas evocadas, aciono novas contribuições de Jenkins, Green e Ford (2014), acerca do vocábulo “propagabilidade”, que se refere à capacidade de circulação de determinado conteúdo, pelas plataformas midiáticas, em relação a outros conteúdos. “A propagabilidade”, de acordo com o trio de autores, configura-se como a força-motriz que confere forma ao ambiente midiático, gerando intensificação de engajamentos e de interações, a partir interesses da coletividade. Conforme apontam Jenkins, Green e Ford (2014), o conteúdo, para ser considerado propagável, é aquele

que “[...] atraia a mais do que um público-alvo, tanto o público pretendido como o público excedente, tem um significado mais amplo como mídia propagável; Parte de um fluxo constante de material” (2014, p. 246).

Os movimentos de propagações, adaptações e (re)criações de conteúdos produzidos acompanharam os demais eventos que compõem o Instituto do Pavulagem, como foi o caso do Cordão do Galo. Esta programação, por sua vez, não ocorre nas ruas da cidade de Belém, mas, no município de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, no mês de janeiro, desde o ano de 2008, configurando-se como o mais recente dos cortejos anuais realizados pelo grupo musical. Considero pertinente, neste ponto, destacar que o Cordão do Galo se trata de uma programação realizada não somente pelo Instituto Arraial do Pavulagem, mas, a partir de uma parceria entre estes e diversas instituições ligadas à Ilha do Marajó. O evento possui este nome por conta da figura central da programação ser um galo de cerca de dois metros de altura e fazer alusão fundador do Museu do Marajó, Giovanni Gallo: padre italiano naturalizado brasileiro. A figura do galo, aqui, também remete ao ambiente dos quintais e terreiros, nos quais há a criação do animal – uma imagem corriqueira no município de Cachoeira do Arari, terra natal de um dos membro-fundadores do grupo musical Arraial do Pavulagem. Assim como os arrastões realizados na cidade de Belém, o Cordão do Galo possui caráter formador, com oficinas e palestras voltadas à comunidade local integrando as programações anuais, além do cortejo, em si, conforme vê-se na figura 30, além de apresentações musicais.

Figura 30 – Cordão do Galo, realizado no ano de 2017



Fonte: Fotografia de Alexandre Yuri, disponível na página do Arraial do Pavulagem, no Facebook.

Da mesma forma que os arrastões do Pavulagem e do Círio, o Cordão do Galo passou por ressignificações, advindas do isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19: no ano de 2020, a programação foi substituída pela campanha “Cordão do Galo Natal da criança do Marajó”, a qual contou com arrecadação de alimentos perecíveis e brinquedos levados à Ilha do Marajó na data que a festividade costuma ocorrer. Já no ano de 2021, parte das programações presenciais foi retomada, com quantidade reduzida de participantes, por conta da pandemia de Covid-19. Vale destacar que, em maio do ano de 2022, a programação do Cordão do Galo deu origem a um livro de músicas e um álbum musical, contendo partituras, letras e acordes musicais de 18 músicas infantis voltadas ao público consumidor da festividade. Nas quatro figuras a seguir, vê-se alguns dos desdobramentos da festividade a partir do início do período pandêmico, no ano de 2020 até o ano de 2022.

Figura 31 – *Printscreen* da chamada para a campanha que substituiu a programação do Cordão do Galo, no ano de 2020



Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Instagram

Figura 32 – *Printscreen* da chamada para a retomada parcial da programação do Cordão do Galo, no ano de 2021



Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Instagram

Figura 33 – *Printscreen* da chamada para a retomada a programação do Cordão do Galo, no ano de 2022



Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Instagram

Figura 34 – *Printscreen* do show de lançamento do livro de músicas do Cordão do Galo, no ano de 2022



Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Instagram

No caso do Cordão do Galo, nota-se que uma mudança na dimensão midiática dos processos comunicacionais referentes a este cortejo realizado pelo Instituto Arraial do Pavulagem, no contexto da impossibilidade da realização de um evento presencial com a presença de grande número de pessoas, ocasionada pela pandemia da Covid-19. Uma vez privado de experienciar a vivência da programação, por conta do isolamento social imposto, o público consumidor das manifestações culturais do grupo musical pôde contribuir com uma campanha beneficente e ajudar sujeitos pertencentes a comunidades locais, como ocorreu com o Cordão do Galo, no ano de 2020. Desta forma, pode observar a vivência da referida manifestação de uma forma outra, por meio do uso das mídias disponíveis, já que, de acordo com Castro (2020), “[...] percebe-se uma série de transformações nos usos que a sociedade faz das suas mídias” (2020, p. 93).

Já no ano de 2021, a programação do Cordão do Galo tornou a ser realizada de forma presencial, na Ilha do Marajó, ainda que com número restrito de participantes, por conta da flexibilização das restrições sanitárias e do isolamento social advindos da pandemia do vírus da Covid-19. Aqui, reforço que, apesar das flexibilizações permitidas pelos órgãos de saúde, ainda havia a existência dos protocolos de segurança sanitária. Enquanto que, no ano de 2022, o evento voltou a ser realizado de forma presencial, sem restrições quanto à quantidade de participantes, devido à maior flexibilização das restrições sanitárias, relacionada ao controle e queda no número de casos de infecções e de mortes ocasionadas pela pandemia, no contexto local e nacional.

A partir do que observei ao analisar os três cortejos realizados anualmente pelo grupo musical, pude perceber a influência das manifestações da cultura popular oriundas de diversas regiões do estado do Pará na construção dos eventos que podem configurar-se como processos de resistência cultural, segundo Amaral Filho e Alves (2017). A dupla de pesquisadores caracteriza espetáculos como “produtos simbólicos com origem nas manifestações da cultura popular, frutos da experiência tradicional de transmissão oral, representada na ação social de uma comunidade ou grupos sociais” (AMARAL FILHO; ALVES, 2017, p. 3), que fazem parte de um processo de resistência e pós-resistência, no que se refere à efetivação e reconhecimento que caracteriza determinada festividade.

Em outras palavras, a convivência do ritual que deu origem a manifestação com a sua inclusão no momento atual como um festejo da cidade ligada a economia local, impulsionada pela produção do espetáculo cultural na organização da festa pela comunidade, preparativos, vestuário, enredos, controle da festa, com a prefeitura produzindo o espetáculo para o turismo e com a cobertura midiática na publicização do espetáculo cultural. (AMARAL FILHO; ALVES, 2017, p. 4)

A figura do público, como também foi possível observar, foi de suma importância para a realização das programações, no que se refere à participação e engajamento deste. Tal fato também ocorreu na realização dos cortejos digitais que integraram a programação on-line dos arrastões. Ao construir pontes com os estudos acerca do consumo cultural, sobretudo no ambiente on-line, Jenkins (2009) apresenta o conceito de cultura da convergência como um processo de novas relações que ocorre nas mídias corporativa e alternativa que se cruzam, “[...] onde o poder produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (2009, p. 29). Em certa parte do texto, o autor aponta que estamos entrando em uma era de transição quanto ao modo de operacionalização dos meios de comunicação e acrescenta que o público consumidor vem exigindo seu direito de participar de maneira íntima da cultura e

complementa com o deslocamento nas relações entre os produtores, o público e a cultura participativa nesta nova configuração midiática e cultural (JENKINS, 2009, pp. 50-51).

Ao observar e ponderar as relações entre comunicação, produtores, mídias e público, estudadas por Jenkins (2009), pude perceber algumas das formas com que as redes sociais divulgaram o Arrastão do Pavulagem, para os anos de 2020 e de 2021, no que se refere aos cortejos e eventos que aconteceram de forma digital. Nesta estruturação da comunicação, foram percebidos tanto processos de *crossmedia* quanto de transmídia. De acordo com Miyamaru (2008), o processo de *crossmedia* também funciona como “[...] uma forma de indicar e incentivar o usuário que a continuação da história pode ser realizada em outra mídia” (MIYAMARU *et al.*, 2008, p. 4), contribuindo para que os sujeitos mantenham o interesse em acompanhar os processos de comunicação. Ao passo de que o outro processo verificado, o de transmídia, “[...] desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo”, de acordo com as colocações de Jenkins (2009, p. 138).

Verificou-se, no que se refere ao uso do *crossmedia*, a criação e divulgação de conteúdos dispostos na página do Arraial do Pavulagem, no Facebook, com informativos sobre chamadas para a programação digital do evento, em diálogo e reprodução de conteúdo, especialmente com a rede social Instagram e com o site de vídeos YouTube, tais como ensaios digitais e as transmissões feitas em tempo real, durante os dias que se realizariam os cortejos de rua do Arrastão. Referente ao uso do processo de transmídia, foi observada a criação e divulgação de conteúdos específicos para cada plataforma do Arraial para divulgar as ações do arrastão, como rodas de conversa e as *lives* que compuseram o Arraial do Futuro, transmitidos via página do Facebook do grupo musical, pela plataforma de vídeos YouTube e pela TV Cultura do Pará, que apoiou o evento realizando a transmissão televisiva das *lives* nos anos de 2020 e de 2021.

Tais usos das plataformas analisadas, marcado por um intercâmbio entre os fluxos de conteúdos, denota o que Jenkins (2009) destaca, ao observar que “novas tecnologias midiáticas permitiram que o mesmo conteúdo fluísse por vários canais diferentes e assumisse formas distintas no ponto de recepção” (Jenkins, 2009, p. 38), ao exemplo do que ocorreu com a divulgação dos conteúdos nas redes sociais analisadas do evento. Considero possível traçar pontes quanto à “descentralização” do fluxo de comunicação, aqui observadas com as colocações de Canevacci (2016), ao destacar que, na metrópole comunicacional, não há um centro definido, “mas uma constelação policêntrica diferenciada temporariamente desenhada” (2016, p. 177). Daí a análise do conteúdo digital das redes do Arraial não se concentrar apenas em uma plataforma, uma vez que, segundo o pesquisador italiano, estamos inseridos na

metrópole comunicacional e formamos, junto a outros sujeitos, “[...] públicos pluralizados e fragmentados: públicos que gostam de performar consumo e comunicação” (CANEVACCI, 2016, p. 177).

Sobre a divulgação no Facebook, ocorrida no ano de 2020, o número de publicações e o consequente engajamento foi bem mais expressivo a partir do mês de junho e durou até julho, com o encerramento da festividade dos cortejos juninos. Tal engajamento foi verificado por meio da contabilização de publicações, curtidas, comentários e compartilhamentos dos conteúdos disponibilizados na página do Facebook do grupo, conforme os dados apresentados no quadro a seguir. O total de 62 publicações veiculadas entre 16 de abril de 2020 e 15 de julho do mesmo ano se deve ao caráter experimental do evento on-line, o qual, de acordo com a interlocutora responsável pela comunicação do Arraial, era novidade para todos. “Os meninos do grupo estavam acostumados a reunir o público, a atrair as pessoas nas ruas, ao longo dos cortejos. Agora, como isso iria ser feito no território da internet? Então, decidimos reforçar a divulgação e aumentar o fluxo de postagens e dos tipos de conteúdo”.

Segundo Recuero (2014), as curtidas funcionam como um meio de proporcionar visibilidade e legitimação, em uma espécie de concordância àquilo que foi curtido (2014, p. 120). A pesquisadora aponta que é possível observar o nível de engajamento dos usuários por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. Ao analisar as postagens presentes na página do Facebook do Arraial do Pavulagem, no período de abril a julho de 2020, observei comentários de usuários expressando tristeza pelo cancelamento das atividades presenciais do evento, mas com a ciência de ser a melhor medida, no momento; sujeitos que expressavam esperança de, logo mais, retornarem às ruas do centro da cidade de Belém; outros que, mesmo morando fora da cidade de Belém e do estado do Pará, se sentiram como se participassem dos eventos presenciais; alguns que expressavam gratidão por poder vivenciar a experiência dos shows, ainda que remotamente; outros que comentaram, por meio de fotos, mostrando estarem vestidos com a indumentária típica do Arraial; e mais alguns que, por questões de saúde, não podiam mais acompanhar os eventos presenciais, passaram a “frequentar novamente” o Arrastão. A pesquisadora destaca que os comentários denotam um engajamento ainda mais forte na conversação, uma vez que:

É uma ação que não apenas sinaliza a participação, mas traz uma efetiva contribuição para a conversação [...] O comentário compreenderia assim uma participação mais efetiva, demandando um maior esforço e acontecendo quando os usuários algo a dizer sobre o assunto. (RECUERO, 2014, p. 120)

Este engajamento torna-se mais evidente nas redes sociais da internet quando os usuários utilizam os comentários para deixar opiniões e marcar outros atores presentes na ferramenta. Conforme aponta Recuero (2014), é possível observar o nível de engajamento dos usuários através de curtidas, comentários e compartilhamentos. Outro fator advindo da prática dos comentários é a aproximação e interação entre sujeitos com interesses comuns, uma vez que, como observa Recuero (2014), o aprofundamento das práticas de conversações on-line faz com que diversos grupos entrem em contato (2014, p. 121). Além de possibilitar que os sujeitos demonstrem interesse em acompanhar as redes sociais digitais do Arraial, também possibilita com que eles mesmos passem a contribuir ativamente na divulgação da iniciativa.

No ano de 2020 foi possível verificar, após a realização da netnografia na página do Arraial do Pavulagem, no Facebook, uma intensificação na divulgação, entre junho e julho, como mostra a tabela 1, com ampla variedade de conteúdo, que envolvia temas sobre as *lives* e ensaios digitais realizados, conteúdos direcionados ao site de vídeos YouTube, homenagens em vídeo, rodas de conversa, dentre outros, como se vê na tabela 2.

Tabela 1 – Dados coletados da página do Arraial do Pavulagem, no Facebook, de abril a julho de 2020

	Meses analisados			
	Abril	Mai	Junho	Julho
Publicações	1	1	39	20
Curtidas	1.100	852	12.670	4.287
Comentários	189	102	7.662	265
Compartilhamentos	549	412	2.852	380

Fonte: Produção do autor (2021).

Tabela 2 – Conteúdo da página do Arraial do Futuro, no Facebook, agrupados em temáticas afins

Conteúdos agrupados em temas afins	Quantidade
Conteúdo das <i>lives</i>	16
Conteúdo dos ensaios	11
Demais conteúdos para o YouTube	10
Atualização de dados (Fotos de perfil, fotos de capa, status, e etc.)	6
Homenagens em vídeo	4
Conteúdos para roda de conversa/ <i>podcasts</i>	4

Demais programações	4
Cancelamento dos cortejos presenciais	1
"Prévia" do anúncio da programação digital	1
Anúncio da programação digital	1
Imprensa	1
Loja on-line	1
Campanha de solidariedade	1
Live no Instagram	1

Fonte: Produção do autor (2021).

Dentre os conteúdos que mais predominaram, devido à frequência com a qual tais conteúdos se fizeram presentes no material analisado, elenco os seguintes: quatro *lives* dos cortejos digitais, conteúdos dos ensaios digitais e conteúdos para o YouTube, respectivamente; homenagens em vídeo, rodas de conversa (*Podcasts*), atualização de dados e demais programações vieram em seguida.

A variedade de conteúdos presentes na página do Arraial do Pavulgem, no período de abril a julho de 2020, deve-se, além da atração do público de antes e da conquista de novos públicos, às experimentações realizadas pela equipe do Arraial do Pavulgem sobre a comunicação do evento, segundo uma das entrevistas realizadas para este trabalho: “A gente foi aprendendo fazendo, porque era tudo muito novo. Experimentando, na prática, para ver o que poderia funcionar e o que não poderia. Assim como saber o que poderia ser aproveitado para a divulgação do evento, no ano seguinte”, declarou a profissional responsável pela comunicação das redes sociais do grupo, no período da realização dos arrastões digitais. “Algumas coisas funcionaram super bem neste processo, outras nem tanto. Então, para 2021, decidimos enxugar um pouco mais a divulgação do Arrastão”, acrescentou. Tal estratégia pode ser visualizada nas tabelas 3 e 4, referentes às divulgações realizadas na página do Facebook do grupo musical no ano de 2021, a qual contou com um espaço de tempo reduzido, englobando os meses de junho e julho - período de realização dos cortejos presenciais e dos cortejos digitais realizados nos anos de 2020 e de 2021.

Tabela 3 – Dados coletados da página do Arraial do Pavulagem, no Facebook, de junho a julho de 2021

Meses analisados		
	Junho	Julho
Publicações	17	31
Curtidas	4.646	2.464
Comentários	300	73
Compartilhamentos	869	284

Fonte: Produção do autor (2021).

Tabela 4 – Conteúdo da página do Arraial Brincante, no Facebook, agrupados em temáticas afins

Conteúdo agrupados em temas afins	Quantidade
Atualização de dados (Fotos de perfil, fotos de capa, status, e etc.)	3
Anúncio da programação digital	1
Envio de vídeos	3
Homenagens em vídeos no YouTube	2
Conteúdo das <i>lives</i>	19
Loja on-line	7
Conteúdo presente no YouTube	2
Novidades/Convidados	3
Campanha para doação de sangue	1
Lançamentos música/vídeo	4
Desafio no Instagram	1
Pavulagem na imprensa	1
Demais programações	1

Fonte: Produção do autor (2021).

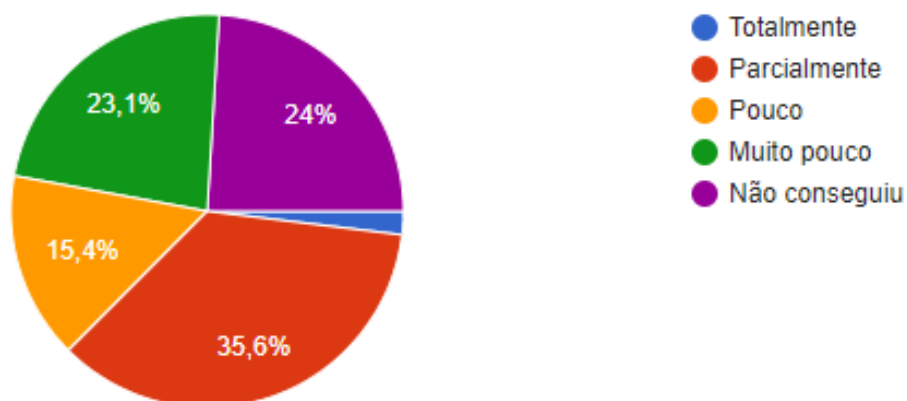
A prevalência de tais conteúdos deve-se, em parte, à estratégia adotada na divulgação do evento, pautada em “fidelizar” o usuário da rede social Facebook e aumentar o número de inscritos no canal do grupo, no YouTube. Ao passo que, no ano de 2021, a interlocutora destacou que o público do Arraial já tinha ciência da programação digital e poderia ter noção do que esperar em termos de conteúdo. Ao observar os conteúdos que mais prevaleceram no ano de 2020, foi possível relacioná-los às categorias presentes neste estudo, tais como a vivência

da cidade, a sociabilidade e a experiência do entretenimento, uma vez que, nestes conteúdos prevaleciam imagens e demais peças audiovisuais, como elementos típicos do Arrastão, que proporcionavam aos usuários se sentir pelas ruas da cidade de Belém, em meio aos cortejos. Já no ano de 2021, notou-se uma movimentação maior referente ao lançamento de canções e videoclipes inéditos do grupo musical, a divulgação de músicos convidados pelo grupo para os cortejos digitais e a maior divulgação da loja on-line com a venda de produtos oficiais do Arraial do Pavulagem.

Diante da mudança no planejamento da temática e na execução da programação digital do Arrastão do Pavulagem, ocorrida entre os anos de 2020 e de 2021, referente à divulgação nas redes sociais digitais e na realização das *lives*, em si, ressalto que percebo tal mudança, para além do aprendizado adquirido pela equipe de realizadores dos arraiais com a realização do trabalho, conforme destacado ao longo das entrevistas semi-estruturadas: a mudança também foi oriunda pelas alterações nas linguagens presentes nas plataformas de comunicação digital em um período de intensas apropriações e usos de tais ferramentas, de acordo com pesquisas realizadas no contexto pandêmico.

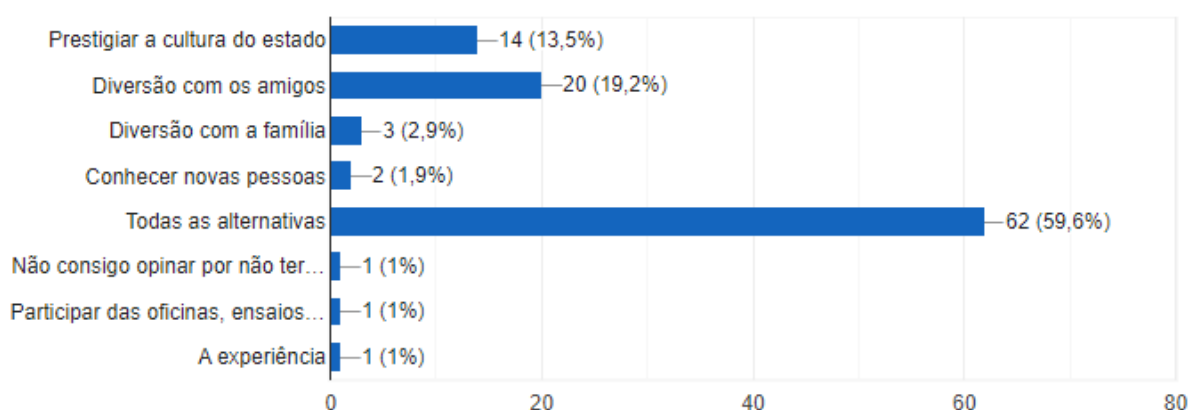
A fim de estender os dados obtidos via análise netnográfica, trago, agora, dados referentes à amostragem em bola de neve, acerca da experiência dos frequentadores do Arrastão do Pavulagem com a programação digital realizada nos anos de 2020 e de 2021. Mesmo com a intensificação da divulgação e com o aumento do engajamento observado nas publicações compartilhadas no período acima destacado, 35,6% dos 104 sujeitos do universo alcançado consideraram que os arrastões on-line supriram apenas parcialmente a ausência deixada pela programação presencial, que se encontrava suspensa; enquanto que 24% ponderou que esta ausência não foi suprida, conforme visualiza-se no gráfico 1.

Gráfico 1 – Considerações dos sujeitos sobre os cortejos digitais terem conseguido suprir a ausência de experienciar as vivências dos eventos presenciais pelas ruas de Belém



Ao serem questionados sobre o que mais sentiram falta da vivência nos cortejos presenciais, no período da realização da programação on-line dos arrastões, os sujeitos respondentes alegaram razões as mais diversas, como pode-se ver no gráfico 2. Dentre as alternativas que compuseram as respostas estavam as seguintes: prestigiar a cultura do estado; diversão com amigos; diversão com a família; conhecer novas pessoas e ter a experiência de participar de ensaios, oficinas e dos cortejos, em si; e todas as alternativas – esta última a mais assinalada, totalizando 59,6% do universo de 104 pessoas alcançado ou 62 pessoas. A diversidade de respostas reflete as variadas particularidades que atravessam a subjetividade de cada sujeito, que podiam assinalar até três alternativas, se desejassem. Entretanto, ressalto que, ao observar individualmente cada alternativa, percebe-se que divertir-se com amigos (19,2% ou 20 pessoas) e prestigiar a cultura do estado (13,5% ou 14 pessoas) foram os pontos que os sujeitos mais sentiram falta, na vivência digital dos arrastões, nos anos de 2020 e de 2021.

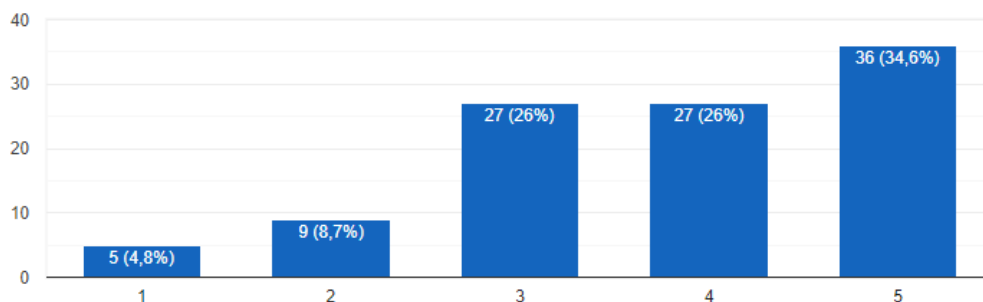
Gráfico 2 – Do que os sujeitos mais sentiram falta com o cancelamento dos cortejos presenciais do Arrastão, em 2020 e em 2021



Fonte: Produção do autor (2021)

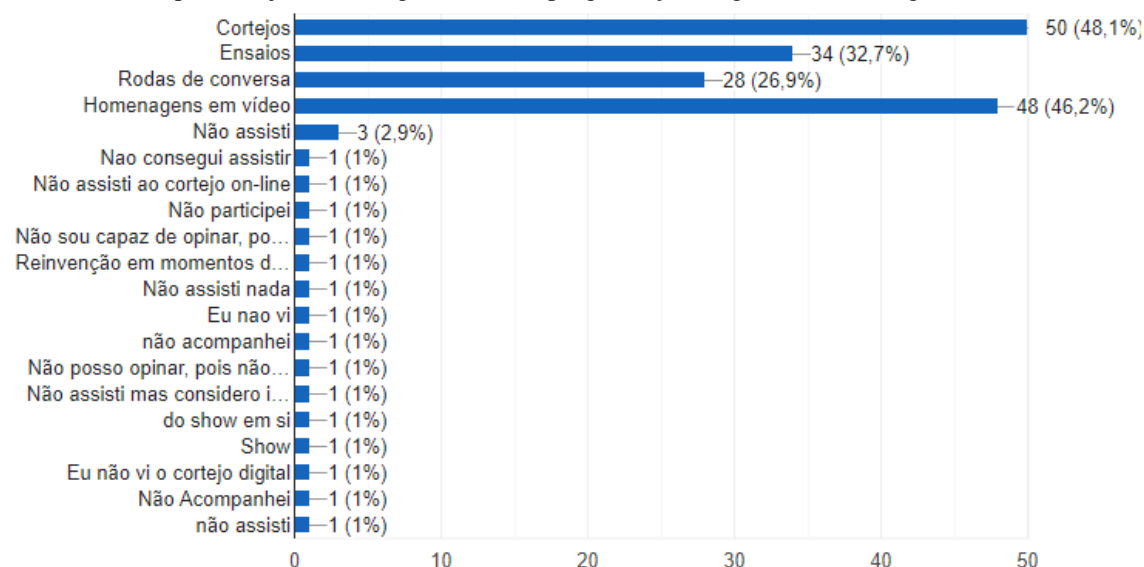
Por outro lado, ao serem perguntados o que acharam das programações on-line, 34,6% afirmaram tê-las considerado excelentes, como observa-se no gráfico 3. Neste contexto, foi apontado que os cortejos digitais foram a programação que os usuários mais gostaram, com 48,1%; enquanto que as homenagens em vídeo foram a segunda programação mais querida pelos respondedores, contabilizando 46,2%, conforme demonstra o gráfico 4. Neste ponto, destaco que, na última pergunta, os sujeitos poderiam escolher até três opções, ao assinalar as opções que compreendessem cada resposta dada.

Gráfico 3 – O que os sujeitos acharam das programações digitais do Pavulagem, sendo 1 para ruim e 5 para excelente



Fonte: Produção do autor (2021)

Gráfico 4 – Do que os sujeitos mais gostaram nas programações digitais do Pavulagem



Fonte: Produção do autor (2021)

Por meio dos dados analisados via netnografia e amostragem em bola de neve, pude observar que o Arraial do Futuro e o Arraial Brincante tiveram êxito em sua realização, no que se refere à proporção alcançada pela divulgação realizada e ao engajamento obtido. Todavia, ao mesmo tempo em que houve adesão à participação dos usuários da rede social digital Facebook nas programações que compuseram os cortejos, estes mesmo usuários continuaram a sentir falta do formato presencial dos cortejos, em variados graus, e das sensações acionadas a partir destas vivências e da partilha delas com demais sujeitos. Tais sensações, (com)partilhadas com demais frequentadores, que evocam o que Maffesoli (1998) nomeia de “papéis emocionais”, desempenhados pelos sujeitos ao compartilhar emoções uns com os outros (1998, p. 86).

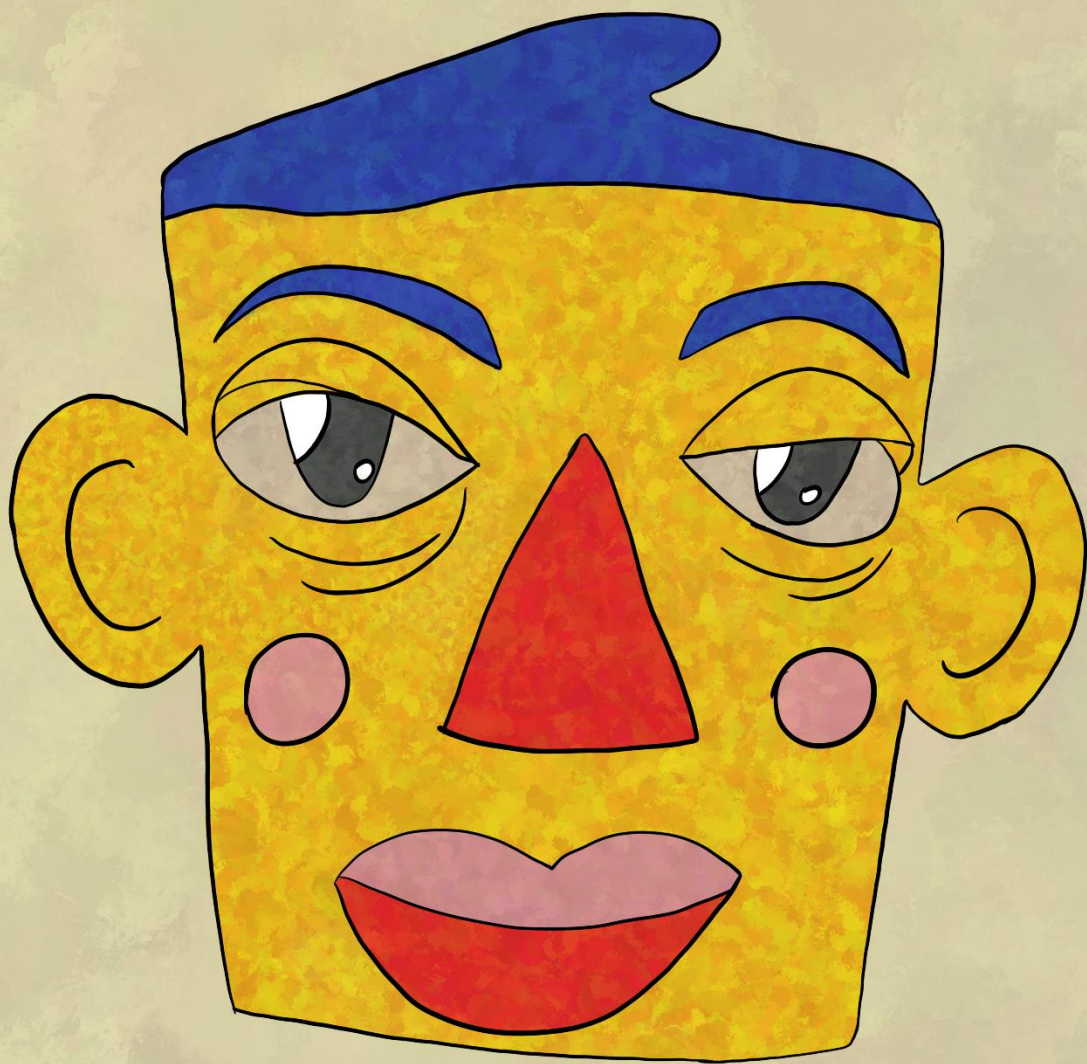
Ao longo deste capítulo foi discutido como se deu a divulgação do Arraial do Futuro e do Arraial Brincante, nos anos de 2020 e de 2021, seu processo de preparação e de realização

no ambiente on-line, bem como de seus desdobramentos, com a transposição dos eventos para o terreno da internet, por conta das restrições sanitárias impostas em decorrência da pandemia de Covid-19. Considero oportuno, enquanto forma de complementar este estudo, atualizar o panorama quanto à divulgação, no ciberespaço, do Arrastão do Pavulagem realizado no ano de 2022 em razão de, no referido ano, o Instituto Arraial do Pavulagem ter retomado as atividades de modo presencial, por conta flexibilização quanto aos protocolos de segurança relativos à pandemia.

Por conta disso, desde o dia 29 de abril de 2022 até o dia 3 de julho de 2022, os usuários presentes nas redes sociais digitais do Arraial do Pavulagem puderam acompanhar, por meio dos conteúdos postados, chamadas e instruções de participação para as programações preparatórias dos cortejos juninos, tais como oficinas, ensaios e rodas de conversas, realizadas de forma presencial; assim como dos cortejos presenciais, realizados entre os dias 12 de junho e 3 de julho de 2022. Quanto a estes, os usuários também puderam ter acesso a fotos e vídeos referentes a cada um dos quatro cortejos realizados, da mesma forma que o último cortejo, realizado no dia 03 de julho de 2022, foi transmitido ao vivo pela TV Cultura, apoiadora do evento, enquanto acontecia de forma presencial, na Praça dos Estivadores, no centro da cidade de Belém. Desta forma, com a retomada da programação presencial do Arrastão do Pavulagem, pude verificar formas outras de uso das plataformas de comunicação digital e novos fluxos de informação se desdobrando a partir dos conteúdos divulgados e das programações realizadas, em relação aos eventos digitais analisados neste estudo.

Capítulo 2 –

*"Oi, morena. Já faz mais de ano
que eu não voltei pra te espiar"*



2. Capítulo 2 - “Oi, morena. Já faz mais de ano que eu não voltei pra te espiar”


O capítulo 2 do presente trabalho foi intitulado a partir dos versos da canção “Toada de igapó”, do grupo musical Arraial do Pavulagem, também presente no álbum “Gente da nossa terra”, lançado no ano de 1995. A opção por utilizar o trecho deu-se pela possibilidade deste poder ser interpretado à luz dos processos de sociabilidade e interação. Conjuntamente a esta interpretação que, ao mesmo tempo, dialoga com práticas de comunicação - neste estudo abordada a partir de interações entre sujeitos (FRANÇA, 2008), o trecho da canção evoca o aspecto de temporalidade e do saudosismo, tão ligados ao período pandêmico à época do surgimento do objeto central deste estudo.

O conceito de comunicação aqui abordado parte da perspectiva de França (2008), que se atenta às interações que nela acontecem no processo comunicacional. França (2008) embasa suas reflexões a partir dos estudos de Mead (2006) acerca da matriz conceitual das interações. Tal perspectiva foi adotada em razão de implicar afetação mútua entre os sujeitos, mediada por ações, já que, de acordo com a autora, o processo comunicacional ocorre por meio de ações (ou gestos significantes), que efetuam o papel de mediadora entre os sujeitos. Em outras palavras, pode-se dizer que a comunicação envolve desdobramentos de processos, de experiências sociais. França (2008) destaca que a comunicação adquire uma dimensão prática, enquanto ato social (2008, p. 84), e passa a fazer parte do campo da interação, “onde um e outro estão sempre, e desde o início, implicados” (FRANÇA, 2008, p. 85), além de ser composto por fases inseparáveis, ao serem analisadas, e marcado pela flexibilidade sobre os efeitos que tais ações trarão aos sujeitos (FRANÇA, 2008, p. 79).

Opto por utilizar os apontamentos de França (2008) sobre comunicação, uma vez que este estudo analisa as trocas interacionais entre sujeitos inseridos nas redes sociais digitais do Arraial do Pavulagem, por conta das medidas sanitárias advindas com a pandemia da Covid-19, a partir de conversações estabelecidas no ciberespaço, nas quais pôde-se verificar, por meio da pesquisa de campo, que os usuários experienciaram uma mútua afetação, que os atingiram de variadas formas. Neste ponto, vale ressaltar que tal fluxo de comunicação na página do Arraial do Pavulagem, no Facebook, juntamente com as interações estabelecidas, já existia desde muito antes da realização deste estudo. Entretanto, com o advento do isolamento social, o fluxo comunicacional e as práticas de interação ganharam nuances outras e questões próprias, a partir das particularidades de quando o Arraial do Pavulagem se transportou totalmente para o terreno on-line e passou a acontecer no ambiente digital, conforme ocorreu nos anos de 2020 e de 2021, a partir da postagem referente ao cancelamento das atividades presenciais do Arraial

do Pavulagem, divulgada na página do Facebook do grupo musical, em 16 de abril de 2020, que se vê a seguir, na figura 35.

Figura 35 – *Printscreen* da postagem sobre o cancelamento dos cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem

 Arraial do Pavulagem
16 de abril de 2020 · 🌐

Chamou Pavulagem, vaqueirx!

Batalhão da estrela, que saudade! Maio está chegando e neste período os preparativos já começavam para enfeitar o boi azulado e embelezar as ruas de Belém com as fitas coloridas, vibrar com as danças regionais, tocar os instrumentos em uníssono com alegria e união e levar sorrisos e cores com os pernaltas.

Porém, 2020 chegou diferente. Tendo em vista o estado de pandemia declarado pela OMS e as orientações dos órgãos de saúde pública é um momento onde o cuidado, a prudência e o resguardo com a saúde pública devem ser prioridade. Neste sentido, o Instituto Arraial do Pavulagem comunica ao Batalhão da Estrela e a comunidade que neste ano NÃO será possível colocar o boi nas ruas e os tradicionais cortejos que ocorrem nos meses de Junho e Julho, assim como todas as atividades previstas para o primeiro semestre de 2020. Por enquanto todas estão adiadas e sem previsão para retorno.

Não nos esquecer que embora seja um momento para estar fisicamente separados, devemos ficar em sintonia com o que nos une: o amor pela cultura popular. Torcemos para que tudo isso passe logo e respeitemos as orientação dos órgãos competentes. Compreender que a saúde dos amigos e familiares depende da consciência de cada um de nós e que precisamos fazer a nossa parte. Quem puder, fique em casa!

Esperamos anunciar o mais breve possível a data do reencontro e diminuir a saudade que bate no peito! Continuem nos acompanhando nas redes sociais, escutando as músicas nas plataformas digitais e mandando boas energias por que vai passar.

Salve São Cosme, São Damião, Santo Antônio, São João, São Pedro, São Marçal, todos os seres espirituais e Nossa Sra. de Nazaré! Que Nos tragam bençãos, saúde, paz e alegria neste momento tão delicado.

COMUNICADO

Chamou Pavulagem, vaqueirx!


Batalhão da estrela, que saudade! Maio está chegando e neste período os preparativos já começavam para enfeitar o boi azulado e embelezar as ruas de Belém com as fitas coloridas, vibrar com as danças regionais, tocar os instrumentos em uníssono com alegria e união e levar sorrisos e cores com os pernaltas.




Porém, 2020 chegou diferente. Tendo em vista o estado de pandemia declarado pela OMS e as orientações dos órgãos de saúde pública é um momento onde o cuidado, a prudência e o resguardo com a saúde pública devem ser prioridade. Neste sentido, o Instituto Arraial do Pavulagem comunica ao Batalhão da Estrela e a comunidade que neste ano NÃO será possível colocar o boi nas ruas e os tradicionais cortejos que ocorrem nos meses de Junho e Julho, assim como todas as atividades previstas para o primeiro semestre de 2020. Por enquanto todas estão adiadas e sem previsão para retorno.

Não nos esquecer que embora seja um momento para estar fisicamente separados, devemos ficar em sintonia com o que nos une: o amor pela cultura popular. Torcemos para que tudo isso passe logo e respeitemos as orientação dos órgãos competentes. Compreender que a saúde dos amigos e familiares depende da consciência de cada um de nós e que precisamos fazer a nossa parte. Quem puder, fique em casa!

Esperamos anunciar o mais breve possível a data do reencontro e diminuir a saudade que bate no peito! Continuem nos acompanhando nas redes sociais, escutando as músicas nas plataformas digitais e mandando boas energias por que vai passar.

Salve São Cosme, São Damião, Santo Antônio, São João, São Pedro, São Marçal, todos os seres espirituais e Nossa Sra. de Nazaré! Que Nos tragam bençãos, saúde, paz e alegria neste momento tão delicado.



   1,1 mil

192 comentários · 548 compartilhamentos

Fonte: Página do Arraial do Pavulagem, no Facebook.

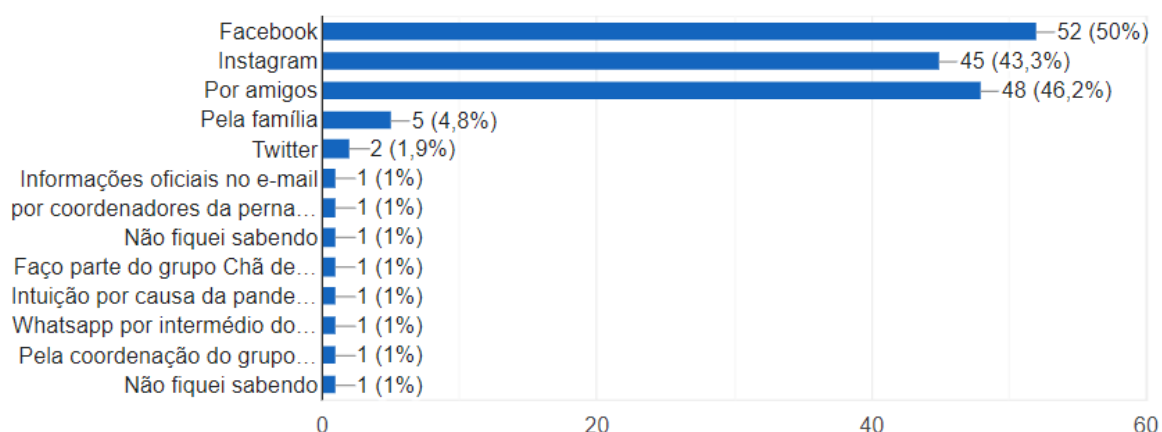
Estabelecendo uma perspectiva entre a definição de comunicação aqui utilizada e a transposição para o ambiente digital, pela qual os cortejos do Arrastão passaram, chego à discussão feita por Sodré (2002) acerca de *bios midiático*, no qual se discorre sobre a existência, na sociedade contemporânea, de um quarto *bios* (ou “Existência”, conforme proposto por Aristóteles, de acordo com Sodré), equivalente à uma nova forma de vida atravessada pela tecnologia da mídia, sobretudo com a presença da internet, que acarretou uma “virtualização do mundo” (SODRÉ, 2002, p. 34). Em entrevista concedida à Revista Pesquisa Fapesp, o pesquisador destaca sua visão acerca do *bios midiático*: “Eu descrevo a mídia como o quarto *bios*, que é o midiático, virtual, da vida como espectro, da vida como quase presença das coisas. É real, tudo que se passa ali é real, mas não da mesma ordem da realidade das coisas” (SODRÉ, 2008, p. 78).

A partir desta “realidade espectral” da vida e de seus acontecimentos, no *bios midiático*, proposto por Sodré (2002), e da comunicação enquanto uma experiência social, apontada por França (2008), esta pesquisa se desenvolve entre variadas camadas: sites de redes sociais digitais e plataformas de comunicação da internet, tais como Facebook, Instagram e YouTube, que apresentam conteúdos que evocam sensorialidades plurais nos usuários presentes no ciberespaço, tais como visão, audição e tato; bem como de sentimentos variados, acionados a partir de vivências do presente e de um passado próximo, quando os cortejos arrastavam centenas de pessoas pelas ruas do centro de Belém do Pará e faziam a terra tremer ao som do chamado do vaqueiro. Entretanto, nos anos de 2020 e de 2021, este chamado passou a ecoar não mais pelas ruas do centro da capital paraense, por conta das restrições sanitárias, mas, sim, nas telas dos dispositivos de comunicação dos sujeitos que realizavam e frequentavam os arrastões, a partir do cancelamento das atividades presenciais do evento, ocorrido no dia 16 de abril de 2020 – o que proporcionou ao ambiente on-line novas configurações de uso e interações na realidade projetada e vivenciada pelos sujeitos presentes no ciberespaço.

Ao tomar como referência os dados relacionados à postagem ilustrada na figura 35, pude notar grande número de ações, tais como os expressivos números de curtidas, comentários e compartilhamentos, que demonstram a dimensão das interações estabelecidas entre os usuários presentes na página do Arraial do Pavulagem, na rede social digital Facebook, tida como a rede social digital de maior alcance do grupo musical por conta de seu caráter popular. A popularidade verificada no Facebook se deve ao alcance atingido pela página, referente ao número de seguidores e ao engajamento verificado nas publicações, por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos, conforme destacou, anteriormente, a profissional que integra a equipe de comunicação do Pavulagem ouvida nas entrevistas semi-estruturadas. As 1,1 mil

reações, 192 comentários e 548 compartilhamentos da postagem acima citada corroboram a colocação da interlocutora responsável pela assessoria de comunicação e pelo gerenciamento das mídias sociais do Instituto Arraial do Pavulagem, feita em ocasião da pesquisa de campo, na qual a profissional pontuou que o Facebook é considerado a plataforma de comunicação mais popular do grupo musical paraense, da mesma forma como o público do Arraial do Pavulagem e as iniciativas empreendidas por eles também são considerados populares. A popularidade da rede social entre o público do grupo musical também foi percebida por meio da amostragem em bola de neve realizada em razão deste trabalho: do universo de 104 usuários alcançados, 50% dos respondentes (equivalente a 52 sujeitos) respondeu ter tomado ciência do cancelamento das atividades presenciais realizadas pelo Instituto Arraial do Pavulagem, no ano de 2020. Tal dado estatístico, por sua vez, pode ser visualizado por meio do gráfico 5:

Gráfico 5 - De que forma o público do Arraial do Pavulagem soube do cancelamento das atividades presenciais, no ano de 2020



Fonte: Produção do autor (2021)

Na postagem acima mencionada, sobre o cancelamento das atividades presenciais do Arrastão do Pavulagem, no ano de 2020, houve manifestações dos usuários, por meio dos comentários deixados na publicação. Nestes comentários, os sujeitos presentes no ciberespaço expressavam-se de diversas formas, tais como: “É triste, mas sabemos que é pro bem de todos. Então, vamos obedecer às recomendações para, mais tarde, sair pelas ruas comemorando o fim de todo esse sofrimento.”; “Ô saudade com um soluço entalado na garganta, meu 2020 acabou quando percebi que isso ia acontecer.”; “Fico feliz que o Arraial do Pavulagem tenha adotado a postura de respeito à vida, apesar de não esperar atitude diferente, por já acompanhar vocês tem tempo. Assim que tudo isso passar, com certeza estarei em todos os cortejos. Até a volta, meu boi!”; “É isso aí quando passar voltamos com força total pra dançar muito .viva o pavulagem”; “No momento vamos cuidar da saúde de todos,e futuramente quando tudo passar

teremos tempo pra comemorar a vida.”; “Que orgulho!!! Fiquem todos bem. Espero estar presente no próximo cortejo e sentir a alegria de ver o boizinho azulado em meio ao Batalhão da Estrela! Nesse dia a terra vai tremer.”.

Neste sentido, fui capaz de verificar a prevalência de sentimentos que vão desde a tristeza pelo cancelamento das programações presenciais, passando pela saudade/nostalgia das experiências que não poderiam ser vivenciadas como outrora, ao estar em contato com demais usuários; e concordância com a atitude tomada, visando a saúde, segurança e bem-estar de todos os sujeitos envolvidos nos cortejos, sejam brincantes e realizadores. Pesquisas realizadas no cenário pandêmico, como o estudo feito por Vieira e Galvão (2020), mostram como alguns sentimentos foram “comuns” em diversos atores presentes no espaço das redes sociais da internet, no contexto do isolamento social advindo da pandemia causada pelo vírus da Covid-19, tais como observou-se nas interações estabelecidas pelos usuários presentes na página do Facebook do Arraial do Pavulagem.

Partindo do pressuposto das interações comunicacionais, chego à questão da sociabilidade - um dos principais aspectos que sofreu alterações com a transposição dos cortejos que compunham o Arrastão para o ambiente simbólico da internet. Simmel (1983) percebe a sociabilidade como o “estar junto”, uma vez que ela “depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre” (SIMMEL, 1983, p. 170). O ato de “estar junto”, mencionado por Simmel (1983), pôde ser identificado também nas respostas obtidas via amostragem em bola de neve no gráfico 5, sobre a forma pela qual os sujeitos souberam do cancelamento das atividades presenciais do Arraial do Pavulagem, no ano de 2020: do total dos 104 respondentes da amostragem em bola de neve, 48 destes (equivalente a 46,2%) afirmaram ter tomado conhecimento do fato por meio de amigos. No contexto do isolamento social, acionado pela pandemia da Covid-19, no qual a postagem foi divulgada, os sujeitos experienciaram práticas de sociabilidade, ao comunicar pessoas conhecidas sobre o cancelamento das atividades presenciais do Arraial do Pavulagem.

Ao evocar dados coletados a partir da observação participante, realizada entre os anos de 2017 e 2019, forma-se uma sequência de imagens, que atravessam minhas lembranças e vivências enquanto consumidor dos cortejos do Arrastão, que ocorrem ano após ano, nos domingos dos meses de junho e julho, na capital paraense: Sozinhos ou em grupos, os frequentadores do Arrastão se dirigem até as ruas do bairro da Campina, nas manhãs dos tradicionais - e então presenciais – cortejos. Sob o sol das 9h, os sujeitos saem em grupos de suas residências; reúnem-se em pontos de ônibus, ao longo do trânsito da cidade; ou encontram-se sob a sombra das mangueiras que adornam o centro da capital paraense. O sol forte, o vento

no rosto e os vários sujeitos, conhecidos, recém-conhecidos e desconhecidos entre si, caminhando na mesma direção são algumas das marcas do início dos cortejos juninos. Ao chegar à Praça da República, atual ponto de concentração e de saída dos cortejos, sujeitos encontram-se com outros sujeitos e com grupos, grupos juntam-se com outros grupos ao som de músicas do repertório do grupo musical Arraial do Pavulagem, em meio a abraços e cambistas a vender chapéus com fitas e bebidas, tais como água, vinho e cerveja, conforme pode-se ver nas figuras 36 e 37.

Figura 36 – Sujeitos partilham a vivência dos cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem



Fonte: Acervo pessoal do autor

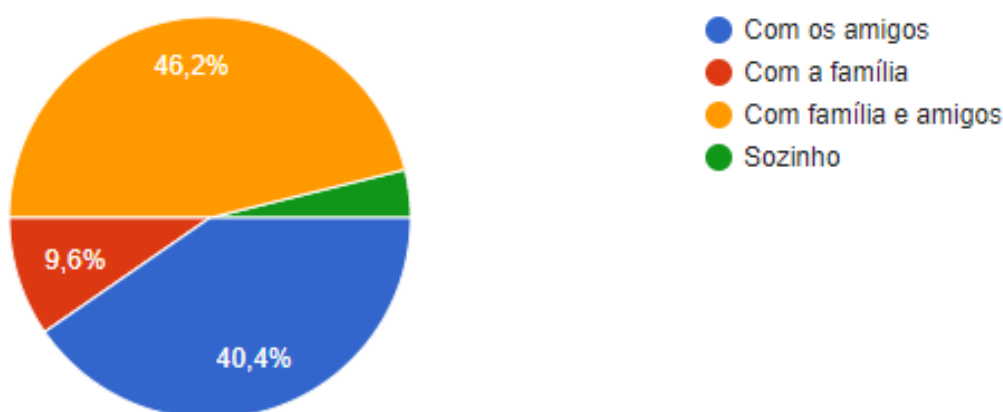
Figura 37 – Sujeitos partilham a vivência dos cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem



Fonte: Acervo pessoal do autor

É neste cenário que os 104 sujeitos que formam o universo alcançado pela amostragem em bola de neve apontaram frequentar os cortejos acompanhados, em sua maioria, de amigos e familiares, como pode-se ver no gráfico 6, logo abaixo.

Gráfico 6 – Com quem os sujeitos costumavam frequentar os cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem



Fonte: Produção do autor (2021)

Conforme observa-se no gráfico, 46,2% dos sujeitos costumava frequentar os cortejos acompanhados de familiares e amigos. Em segundo lugar, com 40,4%, os sujeitos costumavam estar acompanhados de amigos, nos cortejos juninos do Arraial. Enquanto que somente 3,8% afirmaram ir sozinhos aos eventos. Desta forma, ao ponderar os percentuais atingidos por meio das respostas, pode notar que os sujeitos, em sua maioria, procuravam estar juntos com outros sujeitos, sejam amigos, sejam membros da família. Entretanto, com a retirada dos cortejos do Arrastão do Pavulagem das ruas do centro da cidade de Belém, por conta do isolamento social decorrente da pandemia causada pela Covid-19, também sofreram alterações os processos de sociabilidade dos sujeitos participantes do Arrastão do Pavulagem, fossem eles integrantes ou brincantes do evento. Devido à privação de “estar junto com” o outro, presencialmente, tornou-se possível “estar junto com” no terreno das redes sociais da internet, no contexto do isolamento social advindo da pandemia causada pelo vírus da Covid-19.

Contudo, ressalto que, mesmo com todas as restrições e limitações decorrentes das restrições sanitárias a fim de diminuir a propagação do vírus da Covid-19, ainda foi possível a alguns sujeitos reconstruir parte da sensação do “estar junto com” outros presencialmente, durante a realização dos cortejos digitais do Arraial. Em entrevista semi-estruturada com o interlocutor responsável pela produção do grupo musical e dos cortejos digitais pontuou que, na ocasião da preparação e realização das transmissões ao vivo, a equipe, que outrora contava com uma média de 60 sujeitos, passou a contar com cerca de 10 a 12 integrantes trabalhando

em conjunto na preparação e realização das *lives*. A (re)configuração no quantitativo de sujeitos que compuseram a equipe técnica por trás dos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, nos anos de 2020 e de 2021, deveu-se por conta dos protocolos de segurança sanitários estabelecidos, a fim de dirimir as possibilidades de contágio pelo vírus da Covid-19. Em tais protocolos, que podem ser acessados por meio de links disponíveis nos rodapés 24, 25 e 26, referenciados nos parágrafos acima, recomendava-se, dentre outras coisas, o distanciamento social entre sujeitos e a quantidade reduzida de sujeitos em um mesmo ambiente.

Por conta da redução ocorrida, relatou o interlocutor, houve sobrecarga de afazeres nos profissionais atuantes, devido à demanda de afazeres e às condições incomuns nas quais o trabalho foi desenvolvido: “Nós éramos uma equipe muito reduzida. Era um trabalho de 60 pessoas. Era um programa de TV realizado no meio da pandemia por pessoas que nunca, em hipótese alguma, esperavam trabalhar naquelas condições”, ressaltou o interlocutor. Ao mesmo tempo, destacou o profissional, o contato presencial com outros sujeitos, em um momento no qual tantos sujeitos passavam por questões de cunho psicológico, por conta das situações deflagradas pela pandemia, juntamente à união e o empenho da equipe por objetivos em comum, acrescentaram camadas outras ao processo de realização dos cortejos digitais, do ponto de vista da subjetividade de cada sujeito e do coletivo que havia se formado.

Foi um processo muito duro. Apesar de ter sido muito gostoso também, porque, naquele momento, todo mundo tava passando por questões pessoais assim, né? A pandemia mexeu muito com o psicológico de todos e a retomada, né, voltar a trabalhar foi muito importante para que a harmonia dentro do set, ela se mantivesse. (Profissional responsável pela produção dos cortejos digitais, nos anos de 2020 e de 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo)

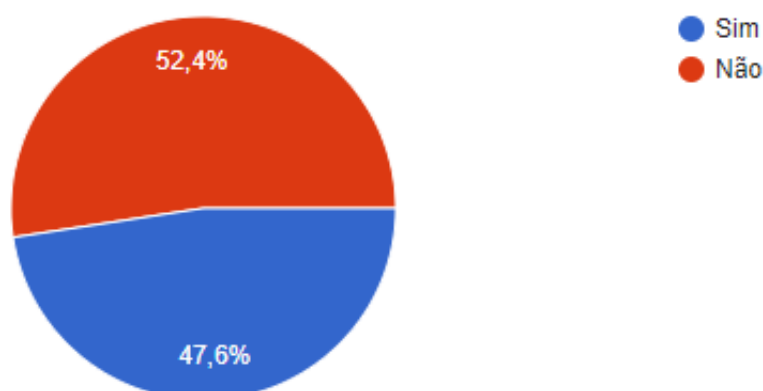
Ao delinear paralelos entre a vivência relatada pelo interlocutor, no parágrafo acima, e os postulados acerca do “sentir-junto”, traço pontes com a interpretação de Castro e Castro (2017) acerca dos apontamentos de Simmel (1983). Os estudos do sociólogo alemão foram a base para as reflexões de Maffesoli (2000) sobre a sensação de estar junto e partilhar sentimentos e sensações com outros. Conforme os autores, pela ótica do sociólogo francês, o “sentir-junto” (2017, p. 187) trata-se de um “[...] processo de identificação produzido enquanto ímpeto de atração, agregação, pertença, partilha, socialização, vínculo, aliança, ligação ao corpo coletivo” (CASTRO; CASTRO, 2017, p. 187). Assim, vê-se a ampla gama de nuances que “estar junto com” e sentir-junto (2017, p. 187) com o outro atravessam e se desdobram na subjetividade de cada sujeito – aqui, a equipe responsável por preparar e realizar as *lives* que compuseram os cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, no cenário pandêmico.

As *lives*, por sua vez, foram transmitidas pela rede social Facebook, por meio da página do Arraial do Pavulagem; pela televisão, através do Canal TV Cultura⁴³; e pela plataforma de vídeos YouTube. Deste modo, devido ao contexto pandêmico repleto de restrições e incertezas, os sujeitos transpuseram as práticas de sociabilidade referentes ao evento majoritariamente para o terreno das redes sociais digitais. Juntamente às práticas de sociabilidade, a capital paraense também foi transposta para o ambiente do ciberespaço, a partir da recriação dos cortejos que compõem o Arrastão do Pavulagem no ambiente digital. Em perspectiva com as considerações de Jeudy (2005), o qual, em seus estudos, aponta que uma “cidade simbólica” se forma para os sujeitos dentro da dimensão física das cidades, reflito que outra Belém foi erguida, do ponto de vista simbólico, não somente dentro da dimensão física da cidade, uma vez que “[...] se oferece e se retrai segundo a maneira como é apreendida” (JEUDY, 2005, p. 81); mas, ao mesmo tempo, também na dimensão digital desta, a partir de vivências experienciadas coletivamente – neste estudo, por sua vez, vivências dentro e fora do ciberespaço, pelos sujeitos que acompanharam e fizeram o evento.

Assim, a “Belém digital” que foi erguida no terreno das redes sociais digitais deu não apenas ambiência para a festa, mas tornou-se palco dos encontros, de uma história que se conta em momentos (com)partilhados entre sujeitos presentes nas plataformas de comunicação do Arraial do Pavulagem, a partir das interações estabelecidas nos conteúdos divulgados na página do Facebook do grupo musical. Tal fenômeno pôde ser percebido na pesquisa de campo realizada, quando 47,6% dos 104 sujeitos participantes da amostragem em bola de neve afirmaram ter encontrado conhecidos, por meio de comentários presentes no Facebook e YouTube do Arraial do Pavulagem, na ocasião da transmissão das *lives*, conforme mostra o gráfico 7, disponível na página a seguir – algo que poderia acontecer pessoalmente, pelas ruas da cidade de Belém, no contexto dos cortejos presenciais.

⁴³ Rede Cultura do Pará é uma emissora de televisão com sede na cidade de Belém, capital do estado do Pará. É afiliada da TV Cultura e pertence a FUNTELPA (Fundação Paraense de Radiodifusão), órgão público do governo paraense.

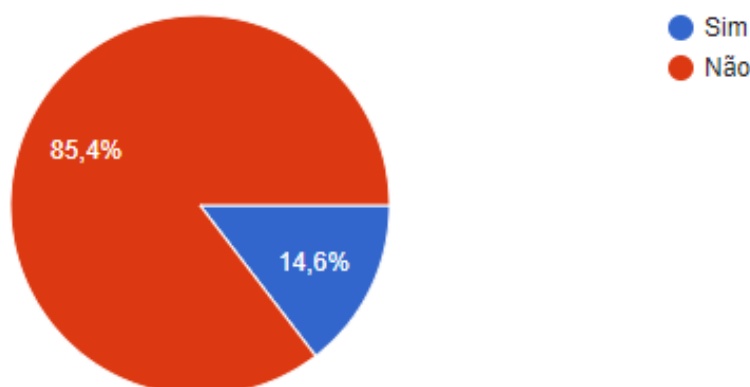
Gráfico 7 – Se os sujeitos encontraram pessoas conhecidas nos cortejos digitais, por meio de comentários e conversas na plataforma que divulgava a programação ou via chat ao longo das *lives*



Fonte: Produção do autor (2021)

Ainda que a maioria das respostas do universo alcançado pelo procedimento metodológico acima citado tenha sido de não ter encontrado pessoas conhecidas, no momento de transmissão das *lives* – que resultou em 52,4% dos respondentes, pode-se observar a ocorrência expressiva de interações e (com)partilhamentos entre os usuários presentes na rede social, haja vista que a diferença foi pouca entre os percentuais obtidos a partir das respostas. Ao encontro dos postulados de Jeudy (2005), Lynch (2011) atesta que nada é experienciado isoladamente, em relação a vivências adquiridas pelos sujeitos. Tais vivências, no contexto deste trabalho, perpassam a associação das quentes e ensolaradas manhãs de domingo dos meses de junho e julho da capital paraense, e dos meses por si próprios, com a festividade, os elementos visuais e sonoros nela presente e as práticas de sociabilidade que se configuravam na modalidade presencial dos cortejos juninos pelas ruas da cidade de Belém. Por outro lado, ao ser perguntados se conheceram novas pessoas durante as transmissões ao vivo dos cortejos digitais, também no Facebook e YouTube do Arraial do Pavulagem, por meio de interações estabelecidas nos momentos nos quais as *lives* ocorriam, a diferença no percentual das respostas foi bem mais expressiva, como pode-se ver no gráfico 8, na página adiante.

Gráfico 8 – Se os sujeitos conheceram pessoas conhecidas nos cortejos digitais, por meio de comentários e conversas na plataforma que divulgava a programação ou via chat ao longo das *lives*



Fonte: Produção do autor (2021)

Diante das respostas, na qual 85,4% dos respondentes declararam não ter conhecido outros sujeitos durante a realização das *lives* que compuseram os cortejos digitais do Arrastão do Pávilagem, vê-se outras formas de apropriações e (res)significações das plataformas de comunicação do Arraial do Pavulagem. Embora se trate da mesma rede social digital e de momentos que também são os mesmos, os sentidos que circulam por tais plataformas diferem de um sujeito para o outro. Grohmann (2020, p. 8) destaca que, na seara dos estudos culturais, os sentidos a circular “[...] são criados, fixados, reapropriados, desconstruídos ou ressignificados” e ressalta o papel fundamental do contexto que atravessa os sentidos, as plataformas de comunicação e os sujeitos na compreensão da circulação de sentidos presentes nos processos comunicacionais. Isto posto, percebo que a disparidade das respostas obtidas se deve não somente à pluralidade de usuários presentes na transmissão ao vivo dos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem; mas a diversos outros fatores que atravessam as vivências dos sujeitos, bem como suas relações de uso e apropriação com as plataformas de comunicação digital e com a cultura que é produzida e circula no estado do Pará.

2.1. Os afetos que (re)unem, (re)conectam e (re)aproximam

Em outra instância, as emoções e afetividades que atravessam os usuários presentes na página do Facebook do Arraial do Pavulagem também podem exercer grau de influência nos usos e apropriações das plataformas de comunicação que geraram as respostas obtidas por meio dos procedimentos metodológicos adotados. A partir das considerações de Illouz (2011) sobre consumo e afetividades, Duarte (2015), observa que

Por meio da apropriação social de aparatos tecnológicos, hoje tornaram-se comuns manifestações afetivas compartilhadas na *Web*. Lugar comum para demonstração de afetos, os sites de redes sociais se efetivam como conexões em que circuitos sentimentais são possíveis, provavelmente, por conta da ilusória ideia de proximidade entre as partes que se relacionam no ambiente digital e transformam as trocas de experiências em fatores em comum. (DUARTE, 2015, p. 2)

Deste modo, os usuários que acompanharam os cortejos digitais via Facebook e YouTube podem ter sido movidos pelos sentimentos de fortalecer laços com pessoas queridas, presentes no mesmo ambiente simbólico da internet, ou de acionar memórias relativas a experiências outrora vivenciadas ao lado de pessoas conhecidas durante os eventos realizados no formato presencial, uma vez que, durante o período de análise deste estudo, tais vivências não eram viáveis por conta dos protocolos de segurança sanitária adotados em razão da pandemia de Covid-19. Ao passo de que conhecer novos usuários, no ciberespaço, não tinha o mesmo peso afetivo para estes.

A fim de expandir a compreensão dos dados analisados, trago imagens de sujeitos assistindo as *lives* que compuseram o Arraial do Futuro e o Arraial Brincante, nos anos de 2020 e de 2021, respectivamente, durante o período da vigência do isolamento social, entre os anos de 2020 e de 2021. Tais *lives*, como já mencionado nos parágrafos acima, encontram-se disponíveis no canal do Arraial do Pavulagem na plataforma de vídeos YouTube. As imagens, disponíveis por meio das figuras dispostas ao longo das próximas páginas, foram catalogadas a partir do acervo pessoal de usuários presentes em minhas redes sociais digitais, por meio de processo similar à metodologia da amostragem em bola de neve, ao longo do último trimestre do ano de 2022. Destaco que todas as imagens possuem a devida autorização de seus proprietários para a utilização nesta pesquisa e em eventuais desdobramentos da mesma.

Figura 38 – Sujeitos assistindo as *lives* do Arraial Brincante e do Arraial do Futuro



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos

Figura 39 – Sujeitos assistindo as *lives* do Arraial Brincante e do Arraial do Futuro



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos

Figura 40 – Sujeitos assistindo as *lives* do Arraial Brincante e do Arraial do Futuro



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos

Figura 41 – Sujeitos assistindo as *lives* do Arraial Brincante e do Arraial do Futuro



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos

Figura 42 – Sujeitos assistindo as *lives* do Arraial Brincante e do Arraial do Futuro



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos

Figura 43 – Sujeitos assistindo as *lives* do Arraial Brincante e do Arraial do Futuro



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos

Figura 44 – Sujeitos assistindo as *lives* do Arraial Brincante e do Arraial do Futuro



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos

Figura 45 – Sujeitos assistindo as *lives* do Arraial Brincante e do Arraial do Futuro



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos

Ao visualizar tais imagens, considero pertinente ressaltar ao leitor e à leitora as variadas formas pelas quais os sujeitos assistiram os cortejos digitais do Arrastão do Pavluagem, nos anos de 2020 e de 2021: sozinhos, acompanhados de familiares e/ou amigos, animais de estimação; em contato com objetos característicos do evento, como o chapéu de fitas coloridas; por meio de aparelhos de televisão e de computadores, no momento da realização das transmissões (junho e julho de 2020 e de 2021) ou em momentos outros, etc. A gama de variedades por mim percebida faz-me ponderar que, independentemente dos modos, locais e a presença (ou ausência) de companhias presenciais, os sujeitos que assistiram aos cortejos digitais buscavam variadas formas de estabelecer mecanismos de “estar junto” com sujeitos outros, ainda que por meio da mediação de plataformas e dispositivos de comunicação, em um momento no qual “estar junto presencialmente” não era algo seguro ou viável, haja vista o isolamento social tomado como principal medida para conter o alastramento da pandemia causada pelo vírus da Covid-19.

Ao mesmo tempo, estes sujeitos buscavam “estar junto” com o evento, mesmo em seu formato digital. O ato de procurar “estar junto” com o evento, pode ser percebido, ao observar as figuras acima disponibilizadas, quando alguns dos sujeitos assistiam as *lives* utilizando objetos ligados aos arrastões – tais como o chapéu de fitas coloridas, conforme pode-se notar. A partir de tal fato, questiono-me acerca do “peso” que o chapéu de fitas coloridas possui quanto à representação do evento na memória coletiva dos sujeitos: seria o chapéu mais representativo que a figura do Boi Pavluagem? Teriam ambos o mesmo “peso” no imaginário destes sujeitos? O que levou os sujeitos a utilizar objetos ligados aos arrastões, ao assistir às *lives*? Por que utilizaram determinado objeto em vez de outro? São perguntas que me reservarei a buscar as

respostas nos demais capítulos deste trabalho e em eventuais desdobramentos da pesquisa aqui apresentada.

A partir dos dados apresentados, volto os olhos para o que Simmel (1983) classificou como sociabilidades e socialidades, sobre o “estar-junto” entre sujeitos em diversos graus de envolvimento emocional: diretamente ligado à relação entre o *eu* e o *tu/outro* e priorizando a importância do *outro*, quando do primeiro caso, e com objetivos em um terceiro elemento quando do segundo caso, no qual o *outro* não assume um papel de primeiro plano. Essas relações fazem parte do processo de socialização, proposto por Simmel (1983). Este processo, no caso do Arrastão do Pavulagem, foi diretamente afetado pelas restrições acarretadas pelas medidas de isolamento social, uma vez que os sujeitos foram privados do contato presencial uns com os outros, como costumava ocorrer durante as oficinas e ensaios para os arrastões e, sobretudo, nos dias de realização do cortejo, durante as manhãs de junho e julho, como costumava ocorrer até o ano de 2019 e, novamente, durante o ano de 2022.

Tais questões extrapolaram as experiências vivenciadas no formato presencial, ora suspenso, e reverberaram no espaço digital em depoimentos dos usuários presentes nas plataformas de comunicação do grupo Arraial do Pavulagem. Uma vez que esta pesquisa conta com análises complementares realizadas nos conteúdos presentes na rede social Instagram e na plataforma de vídeos YouTube, analisarei, a seguir, comentários deixados nas quatro *lives* que compuseram os cortejos digitais do Arraial do Futuro e do Arraial Brincante, sejam no espaço destinado aos comentários disponibilizados pela plataforma, seja pelo bate-papo em tempo real que acompanha as transmissões ao vivo. Tais *lives*, por sua vez, estão disponíveis em *playlists* presentes no canal do grupo musical, organizadas nos anos de 2020 e de 2021, à ocasião das transmissões dos cortejos.

Nos vídeos que compõem as *playlists* do Arraial do Futuro, os comentários avaliados demonstram sentimentos tais como emoção por vivenciar a experiência de participar dos arrastões, ainda que de forma não-usual; nostalgia pelas sensações acionadas a partir de vivências dos cortejos presenciais; saudades da cidade natal, por parte de quem reside fora da cidade de Belém; e um sentimento de pertença e aproximação despertados pelo amplo alcance que a internet possibilita aos conteúdos que por ela circulam. Vale pontuar que, tanto no ano de 2020 como no ano de 2021 (e, por assim dizer, na retomada da programação presencial, no ano de 2022), os sentimentos de nostalgia e de saudades, despertados nos sujeitos, foram utilizados de forma mercadológica (do ponto de vista das práticas de consumo (i)material) a fim de assegurar a audiência e o engajamento da programação on-line em um tempo no qual atividades presenciais encontravam-se suspensas por tempo indeterminado.

Ao observar o alcance geográfico que as *lives* tiveram, nos anos de 2020 e de 2021, por meio dos comentários analisados no canal do YouTube do Arraial do Pavulagem, evoco o depoimento da interlocutora responsável pela assessoria de comunicação e gerenciamento das plataformas de comunicação do grupo musical, no qual foi destacado que houve o engajamento e adesão de usuários localizados no exterior do Brasil, em locais como países da América do Norte e da Europa. O aumento do engajamento da plataforma de vídeos, assim como da rede social digital Instagram, conforme salientado pela profissional, ocorreu por conta da produção de conteúdos direcionados para plataformas, tais como videoclipes de músicas inéditas do grupo musical e vídeos curtos, respectivamente, assim como pelo uso de *hashtags*⁴⁴, que tiveram a finalidade de acompanhar as marcações dos conteúdos, por parte dos usuários, e, assim, aumentar o engajamento e o número de seguidores.

Foi destacado, também, que, durante a realização das *lives*, o uso das *hashtags* e o engajamento costumavam aumentar, por conta da participação do público. Pondero ser pertinente relacionar tal expansão às considerações de Recuero (2014) acerca do engajamento referente às publicações existentes no ambiente digital, por meio das práticas de curtir, comentar e compartilhar, realizadas pelos usuários presentes na *web* e pelo uso de *hashtags*. “Com isso, as conversações tomam outra dimensão: elas são reproduzidas facilmente por outros atores, espalham-se nas redes entre os diversos grupos, migram e tornam-se conversações cada vez mais públicas” (RECUERO, 2014, p.116).

A fim de expandir as percepções acerca dos comentários presentes nas *lives* que compuseram os cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, considerei pertinente a confecção de nuvem de palavras com os termos presentes nos comentários. Foram selecionados uma média de quatro a cinco comentários deixados por usuários da *web* na plataforma de vídeos YouTube, nos quatro vídeos que integram as *playlists* do Arraial do Futuro, no ano de 2020, e do Arraial Brincante, no ano de 2021, no período de junho e julho dos anos acima citados. Para a produção de tal recurso utilizei a ferramenta on-line de análise Voyant Tools⁴⁵, que, além da confecção da nuvem de palavras, apresentou outras métricas de análise, tais como as palavras mais frequentes no conteúdo analisado. Adiante, na figura 46, disponibilizo nuvem de palavras produzida a partir da análise dos comentários.

⁴⁴ Vocabulo proveniente da língua inglesa que indica palavras-chave ou termos associados a informações ou discussões que se tornam *hiperlinks* dentro da *web*. Tais *hiperlinks* possibilitam interações entre usuários de determinada rede social digital, que se interessam por certa temática presente na plataforma.

⁴⁵ Ferramenta disponível por meio do seguinte link de acesso: <<https://voyant-tools.org/>>.

Figura 46 – Nuvem de palavras com as palavras presentes nos comentários sobre os cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, nos anos de 2020 e de 2021, no canal do Arraial do Pavulagem, na plataforma de vídeos YouTube



Fonte: Produção do autor, com o auxílio da ferramenta Voyant Tools (2022)

A nuvem é composta pelas palavras mais frequentes detectadas pela ferramenta, nos comentários analisados. A partir da detecção da frequência destas, a ferramenta as apresenta a nuvem de palavras da seguinte forma: quanto mais determinada palavra se repete, apresentando maior frequência, maior é o tamanho dela na nuvem de palavras. Por outro lado, quanto menor a frequência da palavra, menor é o tamanho apresentado nos resultados. Desta forma, ao lançarmos os olhos para os resultados acima apresentados, visualiza-se que as palavras que mais foram expressas pelos usuários, durante as transmissões ao vivo dos cortejos digitais, foram as seguintes: “pavulagem”, com 15 repetições; “arraial”, “saudade” e “viva”, com nove repetições; “cultura” e “saudades”, com oito repetições e “boi”, como cinco repetições. Vale ressaltar que o quantitativo aqui mencionado foi obtido também por meio da ferramenta Voyant Tools. A seguir, disponibilizo tabela com as palavras mais frequentes nos comentários referentes aos arrastões digitais realizados nos anos de 2020 e de 2021, no canal do Arraial do Pavulagem, na plataforma de vídeos YouTube, a fim de complementar os dados apresentados e ampliar a compreensão do assunto por parte de quem lê o presente texto.

Tabela 5 - Palavras mais frequentes nos comentários referentes aos arrastões digitais de 2020 e de 2021

Palavras	Repetições
Pavulagem	15 vezes
Arraial	9 vezes
Saudade	9 vezes
Viva	9 vezes
Cultura	8 vezes
Saudades	8 vezes
Boi	5 vezes

Fonte: Produção do autor, com o auxílio da ferramenta Voyant Tools (2022)

Salta-nos aos olhos, assim, alguns sentimentos e sensações acionados nos usuários ao assistir a versão digital dos cortejos, tais como nostalgia por não poder vivenciar a programação de forma presencial, como era costume, ou por encontrarem-se longe da cidade de Belém, ao verificar a frequência da palavra “saudade”, por exemplo; ao mesmo tempo, ao analisar os termos mais frequentes, nota-se sentimentos como orgulho e exaltação da cultura popular apresentada nos cortejos digitais dos anos de 2020 e de 2021, ao tomar como referência a palavra “viva”. É curioso reparar na ocorrência dos termos “saudade” e “saudades” de forma expressiva, na nuvem de palavras (nove e oito vezes, respectivamente).

Ao observar a variação do vocábulo, torna-se possível inferir que os sujeitos experienciaram este sentimento referente a algo específico, no caso do termo “saudade”; como a coisas diversas, por vezes relacionadas entre si, como no caso do termo “saudades”. Cabe ressaltar que, independentemente do teor dos sentimentos, as palavras “arraial”, “pavulagem” e “cultura” evidenciam a estreita relação que os usuários têm com os cortejos e com as manifestações da cultura popular expressas por meio do evento. Neste ponto destaco que parte dos sentimentos observados durante a realização das análises netnográficas, apresentadas nos parágrafos anteriores, e por meio da nuvem de palavras, também foram observados nos resultados da amostragem em bola de neve.

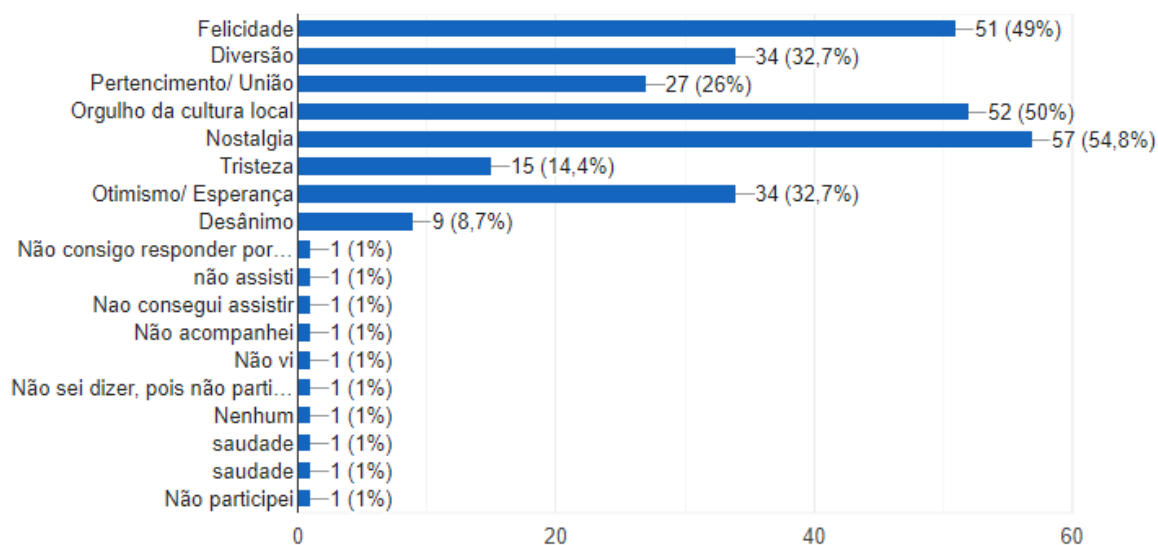
Por meio das análises realizadas, pude perceber como estas emoções conectam, comunicam e são fontes de compreender o entretenimento, para além do lazer, e, as emoções, para além do instante. Desta forma, pode-se compreender o entretenimento e o lazer enquanto coisas/instantes continuados, que atravessam variados cenários e intencionalidades (pessoais, coletivas, políticas, culturais, sociais, mercadológicas, etc.). Em análise à obra *Ética* (2015), do filósofo holandês Espinosa, Amaral (2021) destaca que este (2015) aponta três afetos

originários dos quais todos os demais afetos se originam: alegria, tristeza e ódio. A partir das relações estabelecidas entre estas formas de afetos com variáveis, tais como “o tempo [passado, presente, futuro], a certeza ou incerteza, a exterioridade ou interioridade, compõem todos os outros afetos, tais como: amor, ódio, medo, esperança etc.” (AMARAL, 2021 p. 68). Pode-se dizer que estes afetos, originados a partir dos três afetos pontuados por Espinosa (2015), permeiam a vida dos sujeitos inseridos em sociedade, independentemente dos recortes e dos contextos que atravessem a existência de tais sujeitos e coexistem simultaneamente na subjetividade de cada um.

Assim, pude relacionar os sentimentos verificados a partir dos comentários presentes nos cortejos digitais do Arraial do Pavulagem, disponíveis na plataforma de vídeos YouTube, aos postulados de Espinosa (2015) acerca dos afetos, uma vez que as manifestações e os sentimentos externadas pelos usuários podem ser lidos como resultantes de múltiplos atravessamentos, tais como as experiências individuais de cada sujeito, as experiências anteriores com o evento, localização geográfica, a pandemia da Covid-19 e as formas as quais os sujeitos vivenciaram o período pandêmico e as mudanças advindas deste. Desta forma, afetos/sentimentos diversos podem ser percebidos ao lançar o olhar para determinado comentário nas *playlists* disponíveis, ainda que haja a prevalência de certo sentimento em relação a outro.

Verificou-se a predominância do sentimento de nostalgia, entre 57 dos 104 sujeitos alcançados nesta etapa dos procedimentos metodológicos, o equivalente a 54,8% do universo de participantes. Em segundo lugar, o sentimento que mais foi acionado nos usuários, durante as transmissões ao vivo, foi o de orgulho da cultura local, com o total de 50% de respostas. Já em terceiro lugar, com 49% das respostas, os usuários destacaram que se sentiram felizes durante a exibição dos cortejos digitais. Empatados em quarto lugar, com 32,7%, os sentimentos de diversão e otimismo/esperança prevaleceram entre os usuários que compuseram o universo da amostragem em bola de neve – sentimentos estes que, assim como os já citados, também se fizeram presentes por meio dos comentários. Destaco, neste ponto, que cada usuário poderia assinalar até três sentimentos ou sensações acionadas, ao responder à presente pergunta. Na página a seguir, visualiza-se o gráfico 9, que contém os percentuais de respostas assinaladas.

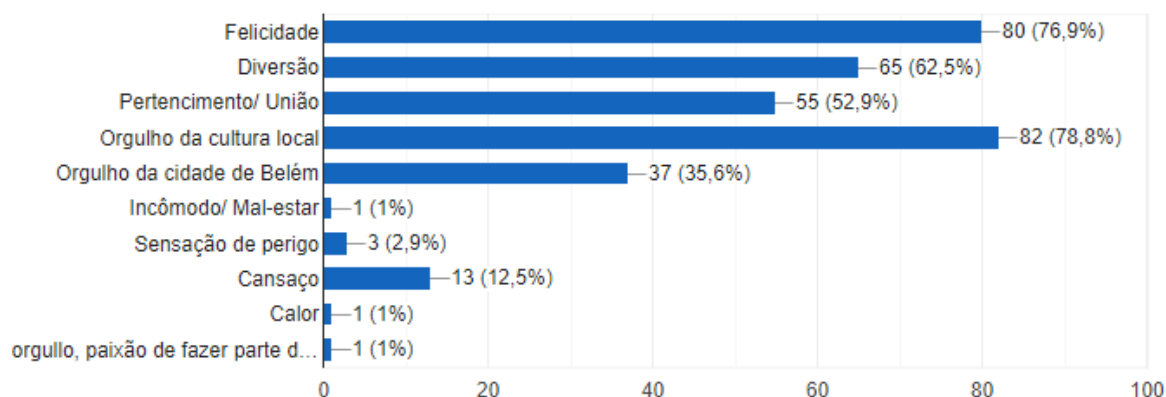
Gráfico 9 – Quais sentimentos e sensações foram mais acionados durante os cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem



Fonte: Produção do autor (2021)

A fim de expandir as percepções acerca dos sentimentos e sensações acionados nos brincantes dos cortejos do Arrastão do Pavulagem, analiso, neste ponto, os sentimentos acionados até os eventos realizados no ano de 2019, período no qual a programação dava-se de forma presencial, uma vez que a pandemia causada pelo vírus da Covid-19 ainda não havia se disseminado. Considero oportuno realizar tal análise, uma vez que, no parágrafo anterior, foram feitas ponderações sobre os eventos digitais em relação aos eventos presenciais. Agora, apresento uma análise sobre o mesmo ponto, dos sentimentos e sensações acionados, sob o prisma dos arrastões presenciais em relação ao formato digital. Conforme observa-se no gráfico abaixo, 78,8% dos 104 participantes da amostragem em bola de neve (equivalente a 82 participantes) assinalaram que sentiam orgulho da cultura local, durante os eventos presenciais; ao passo que 76,9% e 62,5% do universo alcançado – as outras duas maiores porcentagens observadas nas respostas obtidas - os usuários relataram os sentimentos de felicidade e diversão, respectivamente. Ressalto que, assim como na pergunta que conduziu o questionamento que resultou no gráfico 10, disponível na página adiante, os usuários poderiam assinalar até três alternativas, no momento de responder à pergunta.

Gráfico 10 – Quais sentimentos e sensações foram mais acionados durante os cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem



Fonte: Produção do autor (2021)

Ao colocar, lado a lado, as respostas obtidas por meio de ambos os gráficos apresentados acima, referentes aos sentimentos e sensações acionados antes e durante o período pandêmico de 2020 e 2021, no qual esta pesquisa se debruça, pondero que, para a maioria dos brincantes que compuseram o universo da amostragem em bola de neve, o sentimento de nostalgia predominou entre os usuários, no momento a programação foi transposta totalmente para o ambiente digital. Já os sentimentos de orgulho da cultura local e de felicidade, ao experienciar os arrastões, ainda possuem grande expressividade na subjetividade de cada usuário, contudo, o sentimento de nostalgia prevaleceu, já que a vivência e a partilha de momentos presenciais estavam, temporariamente, impossibilitadas de acontecer.

Ao traçar pontes entre os sentimentos acionados pelas vivências pandêmicas do Arrastão do Pavulagem e as contribuições de Espinosa (2015), por meio da leitura de Amaral (2021), visualiza-se a via de mão dupla que há entre os afetos e o mundo que circunda os sujeitos. Tal relação se dá, de acordo com Espinosa (2015), na medida em que, ao mesmo tempo, os sujeitos afetam e são afetados pelo mundo ao redor, aumentando ou diminuindo sua potência de ser ou de agir (2021, p. 67). “Para essas duas maneiras de se relacionar com o mundo – aumento e diminuição de potência –, Espinosa nomeia ‘alegria’ o aumento de potência, e tristeza a sua diminuição” (AMARAL, 2021, p. 67). Pude observar o aumento e diminuição da potência de afetos dos sujeitos, no caso deste estudo, pela ótica da mudança do sentimento que predominou nas respostas obtidas por meio da amostragem em bola de neve, em relação aos sentimentos e sensações acionados no contexto dos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, nos anos de 2020 e de 2021. Tal mudança foi percebida haja vista que o contato presencial e os sentimentos acionados a partir dessa vivência haviam dado lugar a outras formas de contato e de

sociabilidades, por conta da suspensão das atividades presenciais do evento, por conta do isolamento social advindo da pandemia de Covid-19.

No contexto das redes sociais da internet e da sociabilidade via digital, estendo pontes ao apontamento de Maffesoli (2016) acerca da era dos afetos, na qual predominam a “pessoal plural”, a valorização do presente e o sentimento, formando o “espírito coletivo da pós-modernidade”. Em análise às obras de Maffesoli, Geoseffi (1997) destaca que o desejo pelo contato físico com o outro e a vontade de integrar grupos constituem o que Maffesoli (2016) aponta como uma “estética do cotidiano” que valoriza “a maneira de sentir e de experimentar em comum”; modo de afirmação da existência no aqui-e-agora” (GIOSEFFI, 1997, p. 48). No contexto da vivência, enquanto experiência sensível dos sujeitos, o sociólogo francês também destaca que a

[...] “duração” feita de pequenos “instantes eternos” que, de modo fractal, formam o mosaico de uma socialidade que não possui um sentido unívoco que pudesse ser determinado *a priori*, mas cujo conjunto é feito de significações ao mesmo tempo efêmeras dentro do momento, mas não menos perduráveis em sua globalidade” (MAFFESOLI, 1998, p. 176).

Deste modo, a coletividade, por mais plural e heterogênea que seja, partilha de pequenos momentos, a partir das vivências de cada sujeito que, em uníssono, formam um conjunto de significações, como aponta Maffesoli (1998). Tais significações, por sua vez, conforme pude visualizar por meio das análises feitas, formam respostas comuns acerca de sentimentos partilhados, ainda que atravessados pela subjetividade de cada sujeito, no período dos cortejos presenciais e, agora, no período dos cortejos digitais, presentes na memória dos brincantes da festividade. Aqui, trago novamente as contribuições de Halbwachs (2013) quanto à memória coletiva. Em seus estudos, o pesquisador francês aponta que o processo de formação da memória coletiva é diretamente influenciado (e afetado) pelo que ele denomina “comunidade afetiva”, que é formada a partir da convivência individual e coletiva entre sujeitos. Tal comunidade, conforme destaca Halbwachs (2013) possibilita a presença do componente afetivo na construção da memória coletiva. Tal componente afetivo, referente aos cortejos do Arrastão do Pavulagem, passou por mudanças diversas, uma vez que a convivência presencial se encontrava temporariamente suspensa, por conta da gravidade da pandemia da Covid-19 – o que implica em mudanças nos afetos que predominaram nos cortejos digitais em relação aos cortejos presenciais.

2022 foi o ano que o Arrastão do Pavulagem completou 35 anos de realização. Foi marcado também pelo maior quantitativo de sujeitos que integraram o Batalhão da Estela, por

meio das oficinas realizadas pelo Instituto, e pelo quantitativo de frequentadores que já foi contabilizado nas mais de três décadas do evento, como pode-se observar por meio da figura 47.

Figura 47 – Vista aérea das avenidas Presidente Vargas e Boulevard Castilhos França, na chegada do primeiro cortejo do Arrastão do Pavulagem 2022

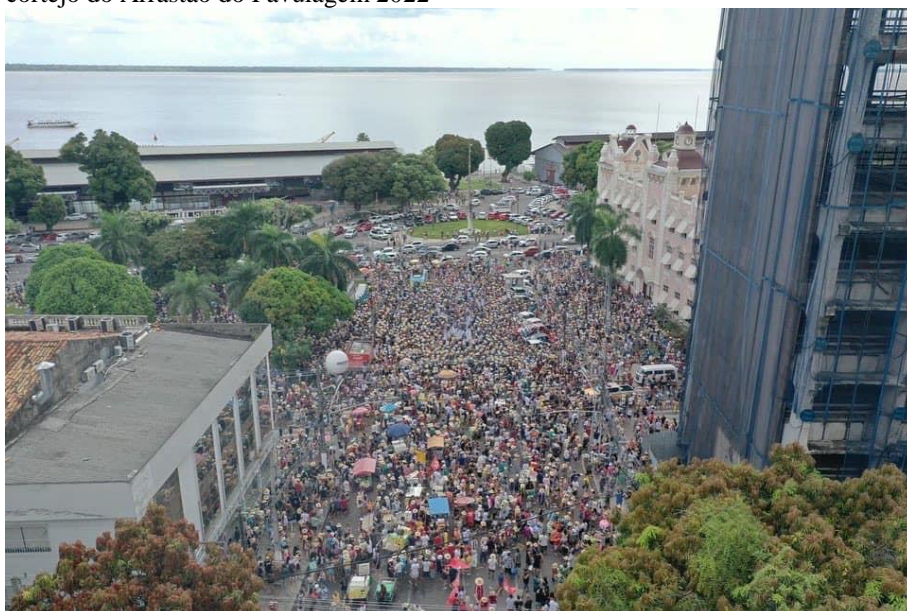


Fonte: Fotografia de Beatriz Andrade, disponível na página do Arraial do Pavulagem, no Facebook.

Segundo estimativas do Instituto Arraial do Pavulagem, compartilhadas pelo interlocutor responsável pela produção dos arrastões, no primeiro dia do evento presencial, realizado no dia 12 de junho, foram contabilizados mais de 100.000 frequentadores que marcaram presença no cortejo; enquanto que, no último dia do evento, realizado no dia 03 de julho, foram contabilizados cerca de 80.000 sujeitos, que reuniram-se para se despedir da programação de 35 anos do evento, como se observa na figura 48. Já o Batalhão da Estrela

contou com a participação de mais de 850 brincantes que participaram das oficinas preparatórias e compuseram as três alas que constituem o Batalhão – o maior Batalhão da Estrela formado até então, segundo os membros do Instituto. Por conta desta adesão de brincantes e frequentadores, o que se viu foi um mar de sujeitos a se reunir pelas ruas da cidade de Belém para a programação presencial, após os dois anos nos quais esta esteve suspensa. As largas avenidas e ruas tonaram-se estreitas, as sombras das copas das mangueiras não foram suficientes para abrigar a todos; o suor e o calor - sejam pelo clima, seja pelo grande número de sujeitos - foram potencializados a altos níveis.

Figura 48 – Vista aérea das avenidas Presidente Vargas e Boulevard Castilhos França, na chegada do último cortejo do Arrastão do Pavulagem 2022



Fonte: Fotografia feita por Drone TW Drone, disponível na página do Arraial do Pavulagem, no Facebook.

Os abraços e sorrisos trocados, os momentos vivenciados e compartilhados, as emoções e sensações acionadas e compartilhadas entre sujeitos (membros do grupo musical, equipe técnica, brincantes do Batalhão da Estrela e frequentadores) foram maiores do que as expectativas por parte de quem realiza os arrastões, como foi colocado pelos interlocutores ao longo das entrevistas feitas em ocasião desta pesquisa, como uma catarse coletiva em celebrar não somente o evento, mas o fato de se estar vivos e reunidos presencialmente, após os difíceis anos que marcaram o início da pandemia de Covid-19.

Ao longo deste capítulo, foram discutidos os processos de sociabilidade dos sujeitos nos eventos digitais do Arrastão do Pavulagem, realizados nos anos de 2020 e de 2021, e as formas pelas quais estes processos foram atravessados e desdobrados em razão das modificações no formato do evento por conta da pandemia causada pelo vírus da Covid-19. Simultaneamente,

discutimos de quais modos os sentimentos dos consumidores, acionados a partir das vivências digitais e presenciais do evento, foram perpassados pelas ressignificações decorrentes nos arrastões por conta do processo pandêmico. Por conta da retomada das atividades presenciais do Instituto Arraial do Pavulagem, haja vista a flexibilização dos protocolos de segurança sanitários referentes à pandemia, e à realização dos cortejos no formato presencial, no ano de 2022, considereei pertinente realizar as devidas atualizações quanto às práticas de sociabilidade observadas a partir da expansão da observação participante realizada nos cortejos, ao longo do ano em curso.

Capítulo 3 –

*“Fraz meu chapéu enfeitado, meu tambor.
Fraz a matraca, vaqueiro da Pedreirinha”*



Capítulo 3 - “Traz meu chapéu enfeitado, meu tambor. Traz a matraca, vaqueiro da Pedreirinha”

O capítulo 3 deste estudo traz, em seu título, os versos de “Bilhete do Nazo”. A canção é a faixa de abertura do álbum “Arrastão do Pavulagem”, lançado no ano de 2001. A escolha de nomear o capítulo com o trecho da referida canção relaciona-se com o fato de alguns objetos, característicos da identidade visual/sonora do grupo musical e dos cortejos (tais como chapéu, tambor e matraca), serem evocados e a possibilidade de estabelecer pontes entre estes objetos e os estudos sobre consumo e cultura material, a serem abordados ao longo deste capítulo, a partir de contribuições de Barbosa e Campbell (2007), Miller (2007) e McCracken (2003; 2007). Serão analisados, também, os desdobramentos acerca das práticas de consumo, tais como as dimensões tangíveis e intangíveis de tais práticas e os rituais de consumo que envolvem elementos característicos dos cortejos e os sujeitos que se relacionam com tais objetos ao consumir o evento.

Os elementos materiais acima referenciados constituem os aspectos que mais se destacam quando se evocam os arrastões juninos promovidos pelo Instituto Arraial do Pavulagem e o próprio grupo musical: a visualidade e a sonoridade ligadas a ambos. Pude perceber o referido destaque, no contexto da presente pesquisa, pelos resultados obtidos por meio dos procedimentos metodológicos adotados, tais como observação participante, netnografia, entrevistas semi-estruturadas e amostragem em bola de neve. Em outra esfera de análise, tal destaque dá-se por meio dos usos e comercializações de tais itens, por meio dos fazedores, brincantes e frequentadores dos arrastões. Ao destacar a visualidade dos cortejos, pode vir à mente de quem conhece o evento imagens de diversos elementos – das culturas populares da região e do período junino – que já se tornaram tradicionais ao longo das mais de três décadas de realização. São eles: o Boi Pavulagem, estandartes, cavalinhos, cabeções, vaqueirinhos, mastro de São João, bandeirinhas, o chapéu de fitas coloridas etc., como se vê nas figuras disponibilizadas ao longo das próximas páginas.

Figura 49 – Boi Pavulagem



Fonte: Pinterest. Disponível em: <<<https://br.pinterest.com/pin/850476710864458297/>>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Figura 50 – Estandartes



Fonte: Portal G1 Pará. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/arraial-do-pavulagem-encerra-festejos-juninos-neste-domingo.ghtml>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Figura 51 – Cavalinhos, vaqueirinhos e cabeções



Fonte: Minube. Disponível em: <<https://www.minube.com.br/sitio-preferido/arraial-da-pavulagem-a3647864>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Figura 52 – Chapéu de fitas coloridas



Fonte: Jornal Beira do Rio. Disponível em: <<<https://www.beiradorio.ufpa.br/index.php/2016/59-131/86-arrastao-de-cores-nas-ruas-de-belem>>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Devido aos eixos de estudo que norteiam o presente capítulo, considero oportuno contextualizar, quem ler esta pesquisa, acerca dos principais elementos que constituem a visualidade e a sonoridade dos arrastões. Em razão da pesquisa de campo realizada, o membro-fundador ouvido discorreu sobre as origens/influências de tais elementos e as formas que estes se inserem nos cortejos.

Acerca dos elementos acima citados, o interlocutor destacado acima pontuou que o Boi Pavulagem, inicialmente, era confeccionado em uma tala de madeira, que passava de mão em mão entre os brincantes do cortejo. Somente no terceiro ou quarto ano de realização da programação, após a realização de sete ou oito oficinas, na fundação Curro Velho, é que o Boi Pavulagem passou a adquirir a indumentária que possui até os dias de hoje, composta de tecido veludo azul, bordados, fitas coloridas e um rosário. Neste mesmo período, destacou o músico, houve diversas ampliações quanto à percepção da dimensão agregadora dos arrastões, ao reunir grande número de crianças, nas oficinas, haja vista o caráter pedagógico do trabalho desenvolvido. Nesta configuração, houve o acréscimo dos demais elementos que compõem a visualidade dos cortejos, tais como os estandartes e as figuras dos cabeções, cavalinhos, vaqueirinhos etc., que acionam diferentes referências às culturas populares dos municípios dos interiores do estado do Pará e de estados vizinhos:

Então, o caminho que a gente encontrou para trabalhar a inclusão foi exatamente dar uma olhada nessa cena Amazônica, da cultura amazônica, que tem boi-bumbá, em Parintins; em São Luís do Maranhão; que tem o Marabaixo, lá em Macapá; tem o Espanta Cão, de Alter-do-Chão, né? Então, o Estado, ele é muito rico, né? Tem Marujada, de Bragança; tem a festividade do Glorioso São Sebastião; em Luta Marajoara... Tem um monte de coisa bonita. E aí foram acontecendo um monte de coisa. Então, esses elementos... O estandarte: Por que que aparece o estandarte? Porque nós comemoramos a quadra junina. Nós trabalhamos com a valorização da quadra junina. Então, são os santos católicos, os santos casamenteiros, os guardiões da quadra junina. Por isso que ele que eles aparecem. Os cavalinhos: eles são uma inspiração de São Caetano de Odivelas. Os bois vêm de Cachoeira do Arari, que tem o vaqueirinho, ali naquela história. É um personagem que a gente também ressignificou para dentro, né? Os vaqueirinhos também são elementos do boi tradicional, né? É os cabeções são uma um carinho da gente com os bois São Caetano de Odivelas e os Cabeçudos de São Caetano de Odivelas. Então, né... O Pavulagem, na verdade, ele é um “grande imã”. Eles têm a função de agregar e encantar as pessoas. São elementos representados ali. Personagens tradicionais, mas com um olhar mais contemporânea para a história. (Membro-fundador do grupo musical Arraial do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo)

O interlocutor ainda acrescentou que, na confecção dos elementos que compõem a visualidade do Arrastão do Pavulagem, a exemplo do Boi Pavulagem, preza-se a viabilidade de movimentação de quem irá trajar tais elementos, o que faz com que se priorize a leveza destes, desde sua confecção até o resultado final – percepção, segundo o músico, adquirida com a realização dos cortejos, com o passar dos anos. Neste ponto, trago as contribuições de Miller (2007) sobre cultura material, que serão aprofundadas ao longo das próximas páginas. Ao destacar a adaptação das indumentárias para o melhor conforto dos brincantes, rememoro as reflexões do antropólogo norte-americano, que pontua que, ao mesmo tempo que construímos os objetos materiais que nos circundam, também somos construídos por estes. Tais objetos são

imbuídos de significados pelos sujeitos que os utilizam, ao mesmo tempo em que nós, sujeitos, nos ajustamos a tais objetos, tal como atesta Ingold (2012). Assim, os objetos que compõem a visualidade do evento, como a indumentária do Boi Pavulagem, não são apenas confeccionados para ser usados pelos brincantes que desempenham o papel de “tripa”⁴⁶ do Boi, mas passam por ajustes diversos de acordo com as especificidades físicas de determinado brincante.

Andrade (2012), em suas pesquisas acerca da moda em interface com a cultura material, destaca que as roupas (neste estudo, indumentária que caracteriza o Boi Pavulagem) possuem um duplo sentido por trás do que se vê em um primeiro momento: um sentido físico e um sentido cultural. Desta forma, o Boi Pavulagem traz consigo camadas de interações e experiências vivenciadas e partilhadas durante a após sua confecção, assim como heranças de vida e de culturas presentes nas subjetividades de quem o confecciona e de quem o traja, assim como presentes também nos próprios objetos que constituem a referida indumentária – aspectos que se entrecruzam e produzem significações diversas.

Outro elemento de destaque, presente na visualidade dos cortejos do Arrastão e do grupo musical, é o chapéu de fitas colorido utilizado pelos membros do grupo musical Arraial do Pavulagem, pelos membros do Batalhão da Estrela e por quem frequenta os cortejos, como se vê na figura 33, disponível nas páginas anteriores. Acerca do chapéu, o membro-fundador do grupo musical ouvido na ocasião deste trabalho reforçou que o adereço é inspirado nos chapéus utilizados pelos vaqueiros, mas adaptado às condições climáticas da cidade de Belém. São adereços, pontuou o interlocutor, comuns às manifestações populares que envolvem a figura dos bois, na cultura popular do Brasil. “Essa imagem do Arraial, na rua, essas cores, esses bordados que a gente adaptou pro dia, embora também a gente saia de noite. Então, né? É bem mais leve a parada da indumentária”, destacou ele. O músico também aponta que o significado da estrela que adorna o topo do chapéu utiliza-se com o santo católico São João Batista, que “[...] além de padroeiro da quadra, ele é, para nós, a Estrela-Guia, a Estrela Azul, a Estrela-D'alva, a Estrela do Norte”. Já sobre as fitas que adornam o chapéu, o interlocutor ponderou que o significado delas é apenas alegórico, diferentemente dos significados atribuídos às cores que acontece, por exemplo, na igreja católica. E acrescentou que as cores utilizadas atualmente – azul, amarelo, verde e vermelho – são uma junção das cores primárias com algumas secundárias.

Ingold (2012), em seus estudos sobre cultura material, coloca em foco a materialidade que há nos objetos que estão no mundo junto a outros objetos e aos sujeitos. De acordo com o

⁴⁶ Sujeito que “sustenta” a indumentária do Boi Pavulagem, ao longo dos cortejos que compõem o Arrastão.

antropólogo, a partir das interações acionadas entre objetos, estes “ganham vida”, mediante as relações entre *materiais e forças* (INGOLD, 2012, p. 26). Desta forma, pondera Ingold (2012), os objetos possuem “vida” que extrapolam as formas que os envolvem, uma vez que “Trata-se do modo como materiais de todos os tipos, com propriedades variadas e variáveis, são avivados pelas forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de coisas” (INGOLD, 2012, p. 26). A proposição do pesquisador britânico, presente nos estudos sobre antropologia ecológica, faz-me refletir, diante da fala do interlocutor, sobre as (re)apropriações e novas atribuições de sentidos dadas, por parte dos fazedores dos arrastões, aos elementos que constituem a visualidade dos cortejos juninos.

Aqui, faço pontes às considerações de Volpi (2014), quanto à produção de sentidos por meio da cultura material que atravessa a construção das indumentárias, ao destacar que “A produção de sentido se dá através de sua estética, expressa pelas matérias, cores e formas empregadas na construção da indumentária e, ao mesmo tempo, pela ligação intelectual e afetiva que se estabelece entre o traje e seu usuário”. (VOLPI, 2014, p. 72). Assim, não somente os elementos visuais “ganham vida” e sentidos por meio dos usos e apropriações, por parte dos sujeitos, e por meio do contato com outros objetos, mas, também, cada adereço que os constituem, juntamente às experiências que culminaram na confecção destes objetos, são imbuídas de novos sentidos. Neste ponto, sinalizo a quem acompanha este estudo que as discussões acerca da indumentária representada pelo chapéu de fitas coloridas utilizado pelos brincantes e frequentadores dos arrastões serão aprofundadas ao longo dos próximos parágrafos que compõem este capítulo.

Outro aspecto de grande expressividade referente aos cortejos do Arrastão do Pavulagem é a sonoridade do evento e do grupo musical. Acionada pelos instrumentos musicais utilizados (instrumentos de sopro e de percussão), a sonoridade que permeia os cortejos possui forte influência de instrumentos oriundos de populações tradicionais, como os povos indígenas, os quilombolas e de demais regiões do Brasil, de acordo com o interlocutor. A junção das influências culturais referenciadas em um cenário resultante da mescla entre verde e cinza, natureza e concreto, floresta e cidade, permeado pelos sujeitos que habitam, transitam e se constroem em meio a tantas influências. Aqui, evoco as palavras de Paes Loureiro (2016) acerca das relações entre rio e floresta: “É como se aquele mundo fosse uma só cosmogonia, uma imensa e verde cosmoalegoria. Um mundo único real-imaginário. Nele foi sendo constituída uma poética do imaginário, cujo alcance intervém na complexidade das relações sociais” (PAES LOUREIRO, 2016, p. 126). Neste mundo real-imaginário, no contexto deste estudo o “mundo pavuleiro”, como chamarei, sonoridades diversas são acionadas a partir de influências

da floresta e de adjacências, por meio de instrumentos musicais. Dentre os instrumentos musicais utilizados pelos artistas que fazem os arrastões estão alfaias, barricas, maracas, recos, caixas de marabaixo, ganzá, matracas, caixas de boi, cuícas, dentre outros, como se vê nas figuras disponibilizadas a seguir, a partir da observação participante que realizei na sede do Instituto Arraial do Pavulagem, em ocasião da retomada dos eventos presenciais, no ano de 2022. Adiante, entre as figuras 53 a 59, trago imagens dos instrumentos musicais acima mencionados.

Figura 53 - Reco



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 54 – Maracas



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 55 - Barrica



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 56 – Caixas de marabaixo



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 57 – Ganzá



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 58 – Caixa de boi



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 59 - Matracas



Fonte: Acervo pessoal do autor

Ao se aprofundar acerca das origens dos principais instrumentos utilizados nos cortejos e as formas pelas quais foram inseridas nos arrastões, o interlocutor pontuou que a barrica, por exemplo, é um instrumento característico do Boi Bumba presente nos estados do Pará e do Maranhão; as alfaias foram trazidas do estado do Paraná, no início da realização dos arrastões, durante a década de 1980; as caixas de marabaixo, por sua vez, são formas de homenagear os ritmos oriundos do estado do Amapá; as maracas são originárias das populações indígenas e são utilizadas em rituais xamânicos; as caixas de boi são originárias do município de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, e foram inseridas nos cortejos no ano de 2022, com a retomada do formato presencial dos cortejos juninos. Por fim, ponderou que: “Todos esses instrumentos, apesar da origem, como eu te falei, né? Que veio do Nordeste, do Paraná, de Santarém Novo,

de Macapá; aqui, eles estão a favor do fortalecimento cultural da floresta” (Membro-fundador do grupo musical Arraial do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo).

Juntamente aos aspectos materiais que caracterizam os cortejos do Arrastão do Pavulagem, referentes à visualidade e sonoridade, há também os aspectos imateriais que também caracterizam o evento – aqui, referenciados pela sonoridade que dá o tom às composições do grupo musical. Conforme pontuam Lima e Gomberg (2012), uma junção de ritmos aconteceu conforme os cortejos foram amadurecendo com o passar do tempo, tais como “carimbó, siriá, lundu, xote marajoara, retumbão, samba do cacete, entre outros” (LIMA; GOMBERG. 2012, p. 55). A dupla de autores pondera a ligação de tais ritmos com os interiores do estado do Pará. Ao ser indagado sobre as influências sonoras que atravessam a rítmica do grupo musical e, diretamente, dos cortejos do Arrastão, o membro-fundador ouvido para a realização desta pesquisa forneceu detalhes acerca dos aspectos materiais e imateriais que caracterizam os cortejos do Arrastão do Pavulagem. O interlocutor discorreu sobre as referências que influenciaram diretamente a sonoridade produzida pelo grupo musical e nos cortejos:

Então, pra a gente chegar nisso, a gente escutou muito os mestres da cultura popular: Mestre Cardoso, mestre Madureira, mestre Damasceno, Mestre Piticaia, Verequete, Pinduca, Waldemar Henrique, os compositores do boi de Parintins, os compositores de São Luís do Maranhão, os compositores de Macapá, Santarém, Manaus. A gente mergulhou pra dentro dessa história, né? É então essas influências, elas são bem-vindas. Tem de Roraima também, né? A gente tem uma ligação, assim, com todas as comunidades que praticam cultura popular, compositores da região como todo, né? Que estão espalhadas por esse mundão aí. E é isso: as influências são todas né? (Membro-fundador do grupo musical Arraial do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo).

Desta forma, pode perceber que aspectos das influências culturais de diversas regiões do estado do Pará e de estados vizinhos constituem as dimensões materiais e imateriais dos cortejos do Arrastão do Pavulaegm. Tais aspectos, tão presentes nas culturas populares do estado do Pará e das regiões vizinhas, atravessaram dimensões temporais e espaciais, por meio de usos, práticas e (re)apropriações de sujeitos que habitam a região amazônica, até chegarem aos sujeitos que realizam e aos que consomem os cortejos do Arrastão do Pavulagem, na Belém do Pará do século XXI. Considero pertinente traçar pontes entre esta constatação e os apontamentos de Paes Loureiro (2016), ao destacar que: “A cultura amazônica talvez represente, neste final de século, uma das mais raras permanências dessa atmosfera espiritual em que o estético, resultante de uma singular relação entre o homem e a natureza, reflete-se e ilumina miticamente a cultura” (PAES LOUREIRO, 2016, p. 127).

Logo, as relações homem-natureza se desdobraram nos aspectos (i)materiais que constituem as dimensões analisadas neste capítulo acerca dos arrastões juninos e tais dimensões, por sua vez, perpassam as relações homem-natureza e, por assim dizer, ao dilatar decorrentes interpretações, as relações dos sujeitos com outros sujeitos e com a materialidade que o cerca, uma vez que “[...] seus atributos podem ser apreendidos como sendo partes de mundos e corpos múltiplos que demarcam territórios ancestrais encontrados em um universo ameríndio” (BARRETO e OLIVEIRA, 2016 apud ERICK, 2021, p. 57). O que significa dizer que heranças culturais dos povos tradicionais passam a coexistir em um mesmo “universo” e transpõem as fronteiras do tempo chegando até os sujeitos inseridos na contemporaneidade.

No próximo subitem do presente capítulo serão aprofundadas reflexões sobre práticas de consumo referentes aos cortejos juninos do Arrastão do Pavulagem, em suas dimensões tangível e intangível, dos produtos oficiais e não-oficiais relacionados ao evento; bem como as práticas de consumo relacionadas às sensorialidades e experiências vivenciadas, consumidas e partilhadas no contexto que se desenha a partir da preparação, realização e desdobramentos dos arrastões.

3.1. O consumo ao alcance das mãos, dos sentidos e das vivências

Os sujeitos envolvidos na programação do Arrastão do Pavulagem - fazedores, brincantes e frequentadores - tanto em seu formato presencial como em seu formato digital, como nos anos de 2020 e de 2021, em ocasião da pandemia de Covid-19, acionam práticas de consumo tangível e intangível ao ter contato com dimensões materiais e imateriais do evento. De acordo com Reilly e Schweih (1998), o que define objetos enquanto tangíveis e intangíveis é o valor resultante da natureza de tais objetos. No caso dos objetos tangíveis, trata-se da natureza física, palpável, inerente a estes, que é experienciada pelos sujeitos. Enquanto que a natureza dos objetos intangíveis está ligada à dimensão simbólica que tais objetos possuem na subjetividade de cada sujeito. Deste modo, para proporcionar a quem ler este trabalho uma ampla compreensão das práticas de consumo que envolvem os cortejos do Arrastão do Pavulagem, optei por analisar tais práticas por este duplo viés: o da tangibilidade e da intangibilidade.

No que se refere às práticas de consumo tangível dos objetos que constituem a visualidade do Arrastão do Pavulagem, estas podem ser percebidas por duas formas: por meio da produção, venda e aquisição dos produtos oficiais e não-oficiais relacionados aos cortejos do Arrastão. A tangibilidade de tais objetos, de acordo com Ferreira e Oliveira (2020), é mensurada por “[...] elementos táteis, corporais e visuais dos ativos tangíveis lhes dão valor

porque emergem de seus recursos físicos” (FERREIRA; OLIVEIRIA, 2020, p. 157). Logo, os sujeitos, no contato com tais objetos, acionam sentidos tais como visão, tato, audição, dentre outros. Os produtos oficiais, evocados neste ponto, podem ser adquiridos via perfil da loja virtual do Arraial do Pavulagem, disponível no site de rede social Instagram, chamada Lojinha Pavulagem⁴⁷, conforme pode-se ver na figura 60.

Figura 60 – *Printscreen* do perfil da Lojinha Pavulagem, no Instagram



Fonte: Perfil da Lojinha Pavulagem, no Instagram

O perfil da loja foi criado no ano de 2021, e meio à pandemia de Covid-19, com o intuito de arrecadar capital financeiro para a manutenção do Instituto Arraial do Pavulagem nos períodos do ano nos quais não há grande circulação de capital financeiro no Instituto, haja vista que a entrada do capital financeiro oriundo do patrocínio dos eventos, por conta dos cortejos realizados pelo Instituto, ocorre em períodos pontuais do ano, de acordo com a responsável pela loja. A Lojinha Pavulagem começou a ser divulgada de forma expressiva no ano de 2021, durante as transmissões ao vivo dos cortejos digitais da programação digital do Arraial do Pavulagem, chamada Arraial Brincante, que ocorreram entre os meses de junho e julho de 2021, embora tenha observado a divulgação dos produtos oficiais durante a programação digital realizada no ano de 2020.

No ano de 2021, por sua vez, além do aumento da divulgação via *lives*, houve a criação do perfil da Lojinha na rede social digital Instagram que, atualmente, conta com 36 publicações, 3780 seguidores e segue 14 usuários, como observa-se na figura acima. Assim, o Arraial do Pavulagem passou a contar com dois perfis oficiais na referida rede social: @arraialdopavulagem e @lojinhapavulagem. Na loja on-line é possível encontrar produtos que vão desde o chapéu de fitas (mostrado nas páginas anteriores do presente capítulo), passando

⁴⁷ Link para o perfil da loja on-line do Arraial do Pavulagem, na rede social Instagram: < <https://instagram.com/lojinhapavulagem?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>.

por camisas temáticas da festividade, canecas e álbuns de fotos personalizados. Também se comercializam CDs e DVDs gravados pelo grupo musical Arraial do Pavulagem, livros com partituras e letras de músicas do grupo musical, bem como brinquedos artesanais, conforme vê-se nas figuras 61 a 64.

Figura 61 - Chapéus, camisas, livros e CDs disponíveis na loja on-line do Arraial do Pavulagem



Fonte: Perfil da Lojinha Pavulagem, no Instagram

Figura 62 – Caneca disponível na loja on-line do Arraial do Pavulagem



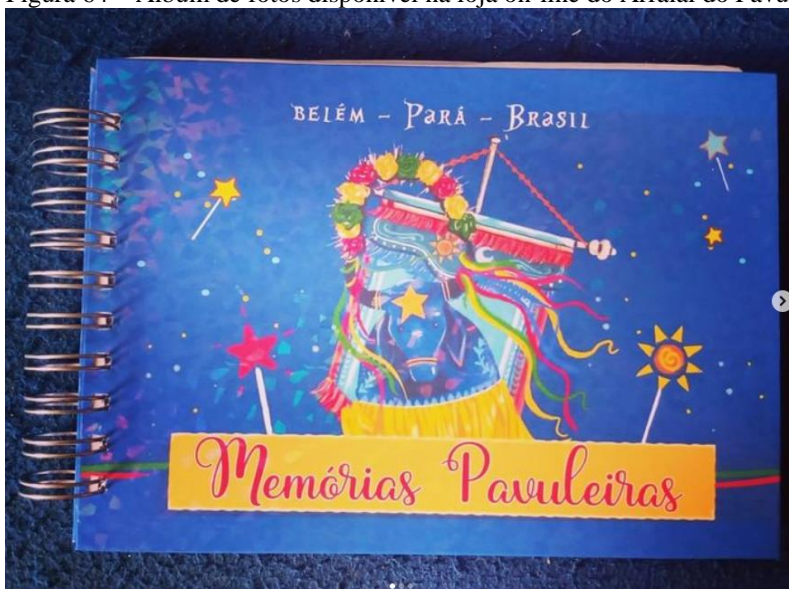
Fonte: Perfil da Lojinha Pavulagem, no Instagram

Figura 63 – Brinquedo artesanal disponível na loja on-line do Arraial do Pavulagem



Fonte: Perfil da Lojinha Pavulagem, no Instagram

Figura 64 – Álbum de fotos disponível na loja on-line do Arraial do Pavulagem



Fonte: Perfil da Lojinha Pavulagem, no Instagram

Segundo os estudos acerca do marketing dos sentidos, os cinco sentidos devem ser acionados no contato dos sujeitos com determinada marca ou produto, a fim de capitanear vendas e clientes por meio de experiências multissensoriais, “uma vez que possibilita o indivíduo a se ligar emocionalmente com a empresa” (ACEVEDO; FAIRBANKS, 2018, p. 3). Os sentidos evocados nos estudos sobre marketing dos sentidos são visão, audição, olfato, tato e paladar. Segundo Blessa (2011), o sentido da visão costuma ser o mais acionado, no processo de apreensão dos sujeitos, com 83%; enquanto o paladar é o menos acionado, com 1%. No caso do perfil da Lojinha Pavulagem, múltiplos sentidos podem ser acionados, ao se ter contato com produtos como os chapéus de fitas; camisas, canecas e brinquedos personalizados, CDs e DVDs

e etc., que podem acionar lembranças e sensorialidades de vivências dos cortejos presenciais, tais como visão, audição, tato e paladar. A disponibilização de tais produtos e a organização do *feed*⁴⁸ do perfil da loja on-line pôde ter levado ao aumento nas vendas dos produtos disponibilizados, no ano de criação do perfil da loja (2021), durante o Arraial Brincante, uma vez que os sujeitos se encontravam privados das vivências presenciais dos cortejos, por conta do isolamento social advindo a pandemia da Covid-19. Desta forma, transferindo para os objetos materiais (produtos oficiais, neste caso) dimensões simbólicas, tais como afetividades e valores culturais a partir destas práticas de consumo (MCCRACKEN, 2007).

O marketing sensorial, conforme consta no Portal Administração (2014), busca, desta forma, trabalhar dimensões como as sensibilidades e as experiências vivenciadas pelos sujeitos. Tais dimensões seguem sendo trabalhadas nas vendas da loja oficial, por meio dos produtos da loja oficial do Arraial do Pavulagem, mesmo após a retomada dos cortejos presenciais, no ano de 2022. Pude perceber tal estratégia a partir da disponibilização de um álbum de fotografias personalizado. Ao refletir sobre usos, apropriações e comercialização do referido produto, evoco novamente as considerações de Baitello (2007), ao afirmar que as imagens (neste ponto, as fotos que poderão ser armazenadas no álbum) têm a capacidade de proporcionar aos sujeitos que estes fujam do tempo cronológico, pois “Essa técnica tem o potencial de trazer à memória do consumidor um momento especial da sua vida num instante” (OLIVEIRA; BRAGA, 2013, p. 13). Desta forma, tanto os sentidos como as sensibilidades costumam ser pensados e acionados nas estratégias de marketing, pois, conforme ressalta Sampaio (2003), é impossível trabalhar as dimensões racional e emocional separadamente.

Neste ponto faço-me os seguintes questionamentos: teria a responsável pela loja de produtos oficiais conhecimento das estratégias de marketing dos sentidos? Caso não, até que ponto o marketing dos sentidos influenciou no consumo dos produtos oficiais do Arraial do Pavulagem? Caso as estratégias fossem estudadas a fundo, haveriam alterações nas vendas da loja oficial? Com a retomada da programação presencia, no ano de 2022, as vendas da loja passaram por quais tipos de mudanças em relação à programação digital do ano de 2021? Não tenho como objetivo, neste ponto da presente pesquisa, obter respostas concretas a estas questões, uma vez que o marketing dos sentidos e as práticas de consumo advindas da loja de produtos oficiais do Arraial do Pavulagem não são o foco principal do trabalho, e se apresentaram ao estudo a partir de desdobramentos reflexivos a partir da interseccionalidade dos dados e informações coletados ao longo do trabalho de campo. Contudo, durante realização

⁴⁸ Termo oriundo da língua inglesa que designa um fluxo de conteúdos presente em plataformas de comunicação digital, que pode ser percorrido pelos usuários, ao usar tais plataformas.

de observação participante, pude ter contato com indícios de que, em determinado grau, houve influência de sensorialidades e sensibilidades, nas decisões de compras na loja oficial do Pavulagem, por parte de alguns sujeitos. Agora, convido quem percorre as páginas destes escritos a prosseguir nas reflexões acerca da cultura material e das práticas de consumo no “universo pavuleiro”.

Em seus estudos acerca da cultura material, Miller (2007) pontua que “as pessoas sempre consumiram bens criados por elas próprias ou por outros” (2007, p. 40) – o que possibilita encarar o consumo como um viés desta. No contexto do consumo tangível dos objetos do Arrastão do Pavulagem, o consumo desses bens pode ser observado a partir da comercialização dos artigos presentes na loja on-line do Arraial do Pavulagem e por meio dos produtos não-oficiais comercializados por cambistas. Estes últimos, destaque, são produzidos apenas no período do ano no qual ocorrem os cortejos do Arrastão do Pavulagem (os meses de junho e julho) e comercializados em “locais-chave”⁴⁹ dos cortejos. Considero pertinente destacar que a loja de produtos oficiais do Arraial do Pavulagem, durante os meses de junho e julho (período de realização dos cortejos juninos), também passou a funcionar em formato físico, no prédio-sede do Instituto Arraial do Pavulagem; e de forma itinerante, em shoppings da cidade de Belém e em locais por onde os cortejos do Arrastão do Pavulagem passam, concentrando e conduzindo centenas de sujeitos, conforme pode-se ver nas figuras 65 e 66, disponíveis na página a seguir. Desta forma, aciona-se possibilidades variadas de práticas de consumo tangível, por meio da circulação dos produtos oficiais.

⁴⁹ Chamo de “locais-chave” os pontos da cidade de Belém nos quais há maior concentração e circulação de sujeitos, durante os cortejos presenciais do Arrastão do Pavulagem. Geralmente, estes locais concentram e são o palco do trânsito de grande circulação de sujeitos, pois relacionam-se com a concentração, traslado e chegada dos fazedores e consumidores dos arrastões.

Figura 65– Postagem dos pontos de venda itinerantes da Lojinha Pavulagem



Fonte: Perfil da Lojinha Pavulagem, no Instagram

Figura 66 – Ponto de venda itinerante da Lojinha Pavulagem, na Praça da República, durante o Arrastão do Pavulagem 2022



Fonte: Acervo pessoal do autor

De acordo com McCracken (2007), as práticas de consumo podem ser analisadas a partir dos movimentos de circulação de objetos que são consumidos e carregam consigo significados

culturais. Assim, junto à circulação do capital financeiro há a circulação de aspectos culturais do estado do Pará e das redondezas ao consumir os produtos relacionados ao Arrastão. Aqui, considero pertinente reforçar que ambos os produtos, comercializados direta e indiretamente, em razão dos arrastões são produzidos de forma artesanal por sujeitos que, muitas vezes, fazem do trabalho artesanal e “informal” sua principal fonte de renda. Assim, ao lançar olhos para a sociedade de consumo de massa (MILLER, 2007), atravessada pelo atual cenário sociopolítico, no qual há dificuldades de sujeitos com baixa renda e baixa escolaridade serem absorvidos pelo mercado de trabalho formal, e, ao mesmo tempo, em um cenário no qual as práticas de consumo são constantemente estimuladas, a cadeia econômica gerada pelas práticas de consumo tangível engendra a circulação de capital financeiro não somente para a manutenção do Instituto Arraial do Pavulagem e entre àqueles sujeitos envolvidos diretamente com os cortejos, mas, também, entre àqueles que, de modo indireto, beneficiam-se com tais práticas.

A responsável pela loja on-line do Arraial do Pavulagem, ouvida a partir de interações outras que se desenrolaram ao longo da observação participante realizada na retomada da programação presencial do Arrastão, no ano de 2022, pontuou que, para alguns consumidores, os preços dos produtos comercializados são considerados demasiadamente elevados. Entretanto, a interlocutora destacou que os valores costumam ser revertidos para custear as despesas de manutenção do prédio-sede do Instituto Arraial do Pavulagem e questões relacionadas à realização dos cortejos:

Tem gente que acha que as nossas coisas são muito caras, quando vêm perguntar os preços. Realmente, elas não são baratas. Só que as pessoas não veem que o dinheiro que entra aqui é basicamente nas épocas dos cortejos: o de junho, de outubro e o de janeiro. Quando passam essas épocas, as coisas ficam mais difíceis pra manter esse prédio. Quem olha o prédio da sede e a proporção dos cortejos, pensa que o Pavulagem é rico. Mas, não é assim. Se não tiver patrocínio e apoio de órgãos e empresas aqui da cidade, não tem como fazer os cortejos. E até isso as pessoas confundem: patrocínio é dinheiro que entra pra gente investir na produção dos cortejos. Apoio é com coisas concretas que ajudam na estrutura física das coisas: um gradeado pra demarcar passagem, ou alimentação, por exemplo. E, mesmo assim, o dinheiro do patrocínio não é lá essas coisas. Então, é pra isso também que o dinheiro da lojinha serve. Outra coisa que precisa do dinheiro é pra pagar as pessoas que trabalham fazendo os produtos da lojinha: se eu sei de alguém que tá precisando de uma força, que me pede ajuda pra trabalhar, se a pessoa faz um trabalho de bordado, por exemplo, marco com ela e peço pra ver o que ela faz. Se for algo que case com a proposta do Pavulagem, se for legal, a gente fecha com ela. E o dinheiro pra pagar essas pessoas vem do que a gente consegue com a lojinha (Responsável pela loja on-line do Arraial do Pavulagem, 2022, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo).

Neste ponto, abro um parêntese a fim de fornecer a quem ler este trabalho informações repassadas durante a pesquisa de campo acerca da manutenção financeira do Instituto Arraial do Pavluagem. Por se tratar de uma organização independente, o Instituto não conta com um

grande fluxo constante de capital financeiro, como dito anteriormente. Por conta disso, a manutenção do prédio-sede do Instituto e os cortejos realizados dependem de incentivos fiscais, por meio de programas de incentivo à cultura, tais como o Programa Estadual de Incentivo à Cultura (Semear)⁵⁰, e a Lei Aldir Blanc⁵¹, no contexto pandêmico; de patrocínios e de apoios oriundos de órgãos das iniciativas pública privada, tais como o apoio da Equatorial Energia⁵² e da TV Cultura do Pará, respectivamente. Desta forma, se não há patrocínio e apoio às iniciativas do Instituto, torna-se difícil (ou, até mesmo, inviável) a realização destas, como ocorreu no ano de 2017⁵³, no qual não houve a realização dos shows que sucedem a chegada de cada cortejo que compõe os arrastões, até então realizados na Praça da República, por falta de recursos financeiros.

Nesta configuração torna-se importante observar que um evento que viu o encerramento do primeiro dia de festividade inviabilizado pela falta de recursos financeiros, no ano de 2017, teve o grupo musical que iniciou sua realização elevado à Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará, conforme lei sancionada no ano de 2020⁵⁴, pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará (Alepa). Assim, questiono-me que, por mais que patrimônios culturais sejam instituídos, se não há a manutenção destes, por meio de incentivos fiscais, de quais formas tais patrimônios conseguirão se manter, resistir e deixar marcas na vida dos sujeitos que habitam ou transitam na sociedade onde tais patrimônios estão inseridos? Quais medidas podem ser adotadas para que haja a manutenção dos patrimônios (i)materiais presentes na sociedade na qual vivemos? Mesmo com a falta de manutenção de tais patrimônios, os sujeitos usufruem destes? São questionamentos que partilho com quem estiver folheando estes escritos, ao mesmo tempo reforço que esta discussão não se configura como o tema central desta pesquisa.

Mesmo com eventuais dificuldades em capitanear recursos para a manutenção da sede do Instituto Arraial do Pavulagem e para a realização dos cortejos, o título de Patrimônio

⁵⁰ Informações sobre o Programa Estadual de Incentivo à Cultura (Semear) disponíveis através do link: <<https://www.fcp.pa.gov.br/edital/10>>.

⁵¹ A Lei Aldir Blanc foi sancionada no ano de 2020 com o objetivo de prestar ações de ajuda emergencial ao setor cultural, por meio de editais destinados à artistas e centros culturais, no contexto das restrições decorrentes da pandemia de Covid-19.

⁵² Trata-se de uma empresa que gere a distribuição de energia elétrica em estados das regiões Norte, Nordeste e Sul do Brasil.

⁵³ Link para matéria a respeito do cancelamento dos shows de encerramento dos arrastões por falta de recurso: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/pavulagem-cancela-festa-na-praca-da-republica-por-falta-de-recursos.ghtml>>.

⁵⁴ Link para lei que instituiu o grupo musical Arraial do Pavulagem patrimônio cultural de natureza imaterial do estado do Pará: <<https://leisestaduais.com.br/pa/lei-ordinaria-n-9108-2020-para-declara-como-patrimonio-cultural-de-natureza-imaterial-do-estado-do-para-o-grupo-arraial-do-pavulagem>>.

Cultural de Natureza Imaterial é encarado pelos membros do grupo musical Arraial do Pavulagem como uma grande responsabilidade com a cultura da região Norte e do estado do Pará, a fim de manter um padrão de qualidade na realização dos cortejos.

Olha... Esses títulos... Eles são... É justo, né? Eu acho que ninguém é cego, num título desse, se alguém tem alguma dúvida sobre eles. São instituições sérias que reconhecem isso. Pra nós é um incentivo muito grande, né? Um respaldo, né? E uma responsabilidade, né? A gente não vê isso como história de orgulho. A gente vê como responsabilidade, né? Um cuidado que a gente tem que ter, porque o Pavulagem é um patrimônio cultural da nossa região, entendeu? Então, é super legal que esse reconhecimento possa chegar, pra que a gente continue trabalhando, pra que esse reconhecimento possa vir de outros lugares e continue chegando. E é por aí mesmo: é com trabalho, com dedicação, organizando as coisas direitinho, né? A gente vai tendo nosso reconhecimento ali na nossa labuta do dia a dia (Membro-fundador do grupo musical Arraial do Pavulagem, 2021, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo).

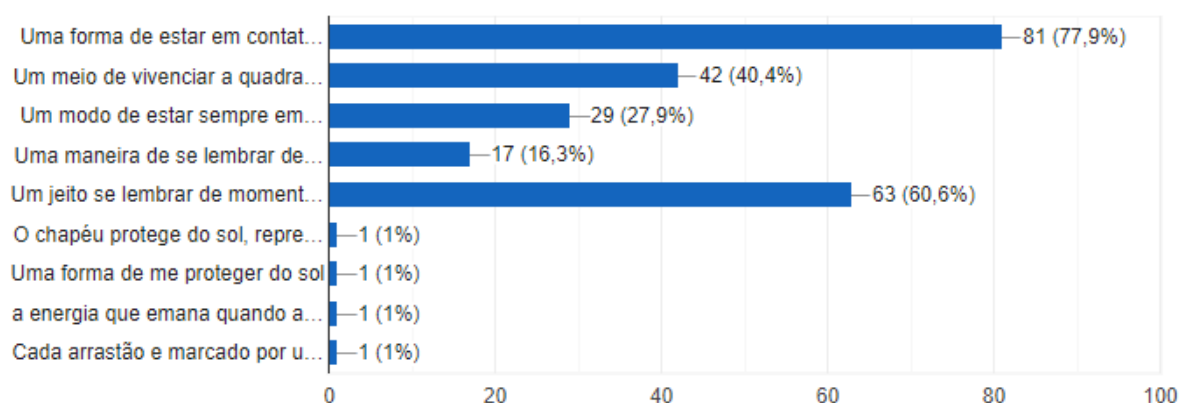
Ao analisar os produtos comercializados por meio da loja do Arraial do Pavulagem e os dados obtidos por meio da pesquisa de campo realizada, evoco as discussões de Illouz (2011) acerca das práticas de consumo a partir da ótica do capitalismo afetivo. De acordo com a socióloga marroquina, o capitalismo afetivo é observado em:

Uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva (...) segue a lógica das relações econômicas e de troca (ILLOUZ, 2011, p.12).

Assim, o ato de adquirir os produtos referentes aos cortejos do Arrastão do Pavulagem (produtos oficiais, via loja; e não-oficiais, via vendedores ambulantes), independentemente dos preços considerados como mais elevados ou mais acessíveis, pode indicar formas outras com as quais os sujeitos relacionam-se com tais objetos e com o evento, em si. Formas estas que se ligam à subjetividade de cada sujeito e podem acionar sentimentos, sensações e sensorialidades diversas referentes ao evento, em perspectiva aos postulados de Illouz (2011), já que, segundo a autora, os afetos atuam “por dentro” de ações sociais, como impulsionadores destas, no contexto das sociedades capitalistas (ILLOUZ, 2011, s/p). Ao traçar pontes com os postulados de Miller (2013) acerca da cultura material, segundo os quais por trás das práticas de consumo acionadas pelos sujeitos existem outras dimensões, como a dimensão dos afetos e das emoções, que orientam tais práticas de consumo. Tais dimensões, por sua vez, fazem com que, na visão do antropólogo, o consumo não seja visto somente como “[...] comprar coisas, ele era a forma como nós ulteriormente transformávamos os bens que tínhamos comprado – um processo muito mais ativo” (MILLER, 2012, p. 64).

De acordo com Miller (2013), “[...] o sistema de coisas, com sua ordem interna fazem de nós as pessoas que somos” (MILLER, 2013, p.83). Assim, a cultura material busca compreender conjuntamente as relações humanas e os aspectos materiais intrínsecos a ela, ou seja, as relações entre sujeitos e objetos, de acordo com a abordagem do antropólogo. Desta forma, nesta etapa do presente capítulo buscarei abordar as dimensões subjetivas e afetivas que estão além do ato do consumir produtos e experiências ligados aos arrastões. Ao serem indagados sobre o que os objetos característicos do Arrastão do Pavulagem representam para si, 77,9% dos sujeitos que compõem o universo alcançado na pesquisa (equivalente a 81 dos 104 sujeitos alcançados) destacou que os objetos são uma forma de estar em contato com a cultura do estado do Pará, enquanto que 60,6% dos sujeitos afirmou que possuir tais objetos representa uma forma de se lembrar de momentos marcantes vivenciados durante os cortejos, de acordo com o gráfico 11, disponível a seguir. Ressalto que, nesta pergunta, cada sujeito poderia assinalar até três alternativas ao responder a referida pergunta.

Gráfico 11 - O que os objetos do Arrastão do Pavulagem representam para os sujeitos



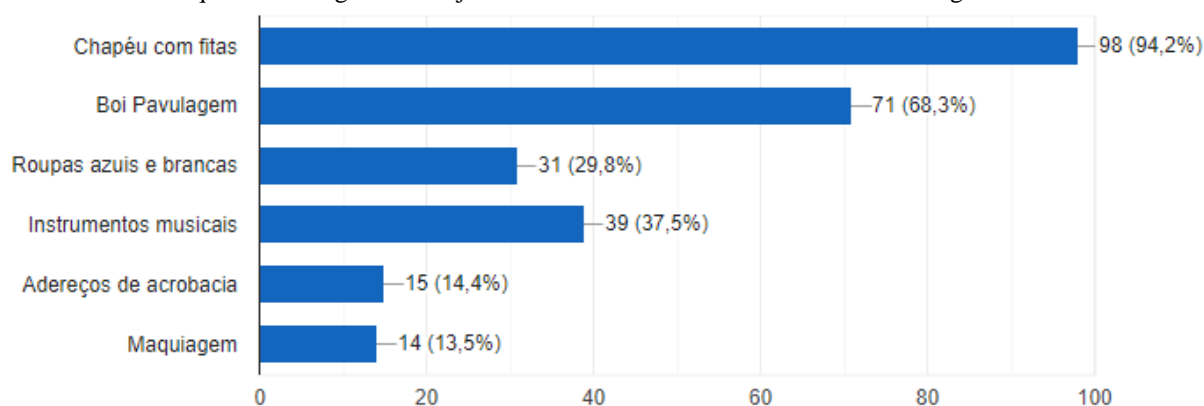
Fonte: Produção do autor (2021)

Ao analisar as respostas obtidas, torna-se possível adentrar na dimensão sensível das relações estabelecidas entre objetos e sujeitos, a partir do compartilhamento de tais objetos. O compartilhamento de objetos e dos afetos que “revestem” tais objetos, segundo as considerações de Simmel (2006), é um dos princípios das práticas de sociabilidade e confere sentido aos ajuntamentos formados entre sujeitos (SIMMEL, 2006, p. 69). No ato do compartilhamento de objetos, cabe aos sujeitos a manutenção equivalente dos valores sociáveis de tais objetos, de acordo com o sociólogo. A partir deste processo vejo que as práticas de sociabilidade, por meio da identificação com os objetos referentes aos cortejos do Arrastão do Pavulagem, colaboram para o reforço de uma identidade paraense e de sentimentos como pertencimento ao local onde se vive, à cultura da região e ao evento, em si, por meio da

materialização da cultura que forma o mundo o qual os sujeitos habitam, conforme as considerações de McCracken (2007).

A fim de expandir a compreensão do envolvimento dos sujeitos com a materialidade que constitui o Arrastão do Pavulagem, os sujeitos responderam quais objetos/figuras costumam identificar com o evento. Como resposta a esta pergunta, 94,2% dos respondedores (o correspondente a 98 dos 104 sujeitos alcançados) destacou que o chapéu de fitas coloridas é o objeto mais associado aos cortejos, seguido pela figura do Boi Pavulagem, tido como o segundo objeto mais associado ao evento pelos respondedores, que contabilizaram 68,3% (ou 71 pessoas). Já em terceiro lugar, os instrumentos musicais utilizados pelos membros do grupo musical e pelos ritmistas que se apresentam ao longo dos cortejos foram apontados por 37,5% do universo alcançado. Novamente destaco à leitora ou leitor que, assim como na pergunta anterior, três alternativas poderiam ser assinaladas como resposta. A seguir, apresento o gráfico com as informações trazidas neste parágrafo.

Gráfico 12 - Com quais itens/figuras os sujeitos mais identificam o Arrastão do Pavulagem



Fonte: Produção do autor (2021)

Ao notar a prevalência do chapéu de fitas coloridas, como o item que mais identifica os arrastões, na percepção dos sujeitos que compõem o universo alcançado, e traçar pontes com demais dados coletados por meio da pesquisa de campo realizada, proponho a observação do chapéu como formas de apropriação e interpretação da cultura local retratada nos cortejos do Arrastão. Tais formas dão-se por meio da customização de tais objetos, que acabam por expressar a identificação dos sujeitos com tais objetos, ao mesmo tempo que expressam também as subjetividades individuais dos sujeitos – na perspectiva de Andrade (2012), trata-se de “[...] uma maneira de dar e fazer sentido do mundo” (2012, p. 1). Considero interessante observar que esta construção de sentidos, por meio do ato de apropriar-se e de customizar determinado objeto, por vezes, extrapolam os sujeitos e passam também para assuntos e afetividades

relacionadas com estes sujeitos, ao ter observado, durante a retomada dos cortejos presenciais dos arrastões, no ano de 2022, um cachorro, cujos tutores estavam presentes nos cortejos, que trajava o chapéu de fitas coloridas, como vê-se na figura 67, disponível ao final deste parágrafo, assim como os sujeitos humanos costumam fazer durante o período de realização dos cortejos. Ao mesmo tempo, percebo como os laços afetivos são desdobrados, no ato do consumo, uma vez que, ao adquirir ou confeccionar objetos oriundos do Arrastão para si, os sujeitos desdobram tais práticas para sujeitos outros com os quais tem estabelecidas relações de afeto – sejam estes sujeitos humanos ou não-humanos, como no exemplo em questão. De acordo com Miller (2002), a aquisição de determinado bem material está posicionada em uma rede de relações entre sujeitos envolvidos no ato da compra e nas relações estabelecidas por estes. Desta forma, o ato de comprar se relaciona, em maior grau, com as relações estabelecidas por tais sujeitos e não necessariamente com os objetos adquirido por meio de tais práticas.

Figura 67 – Cachorro trajando chapéu de fitas coloridas, durante o Arrastão do Pavulagem



Fonte: Acervo pessoal do autor (2022)

Em outra etapa dos procedimentos metodológicos adotados, alguns dos interlocutores ouvidos por meio das entrevistas semi-estruturadas também foram indagados sobre o que os objetos do Arrastão do Pavulagem representavam para si mesmos e/ou quais objetos cada

interlocutor mais associava aos cortejos. A comunicadora do evento destacou que o chapéu de fitas coloridas é o objeto mais associado por ela aos arrastões, ao mesmo tempo que complementou que considera este adereço como o objeto que mais identifica ao evento e complementou que “Não importa onde você tá (no ônibus, na rua, na parada), mas, se vê uma ou um grupo de pessoas com o chapéu de fitas, por mais que você não conheça, é possível saber pra onde estão indo e estão indo pro mesmo lugar que você” (Profissional responsável pela comunicação dos cortejos digitais do Arrastão do Pavulagem, em entrevista por ocasião desta pesquisa de campo). Já o percussionista do grupo musical também apontou o chapéu de fitas coloridas como o objeto que mais identifica aos cortejos. Por fim, o membro-fundador do grupo musical e dos arrastões apontou dois objetos que identifica os cortejos: o chapéu de fitas coloridas e o Boi Pavulagem.

Ao analisar as respostas obtidas via amostragem em bola de neve e via entrevistas semi-estruturadas, pude perceber camadas de subjetividades e de afetividades nas formas com as quais os sujeitos relacionam-se com as materialidades que constituem os cortejos do Arrastão do Pavulagem. Os sujeitos buscam relacionar-se com os objetos que mais reverberam, em si, sensações de orgulho e/ou pertencimento ao um grupo social, por meio da questão do contato com a cultura local; e de recordações de bons momentos, por meio da questão das lembranças de vivências que costumam ser acionadas no contato com tais objetos – ambos por meio de práticas de consumo tangível que acionam dimensões intangíveis das práticas de consumo. Nas palavras de Miller (2010): “Uma apreciação mais profunda das coisas nos levará a uma apreciação mais profunda das pessoas” (2010, p. 12). Ou seja, segundo os estudos acerca da cultura material, ao analisar as relações entre objetos e sujeitos, torna-se possível observar as formas com as quais estes sujeitos relacionam-se consigo, com a sociedade na qual estão inseridos e perceber camadas que formam subjetividades.

Barbosa e Campbell (2006) compreendem o consumo como uma experiência de envolvimento entre os sujeitos e o “universo material a sua volta” (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, p. 22), constituído por bens, objetos e serviços. O consumo, segundo Barbosa e Campbell (2006, pp. 22-23), é uma experiência que possibilita aos sujeitos se reproduzir física e socialmente; bem como media relações sociais, confere status, “constrói” identidades e subjetividades, além de estabelecer fronteiras entre grupos e sujeitos. Durante a realização da observação participante e das entrevistas semi-estruturadas, que constituem parte dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, pude perceber dimensões do consumo apontadas pela dupla de pesquisadores no que se refere ao estabelecimento de fronteiras entre sujeitos, de mediação entre grupos e de construção de identidades por meio das experiências e

práticas de consumo relacionadas ao Arrastão do Pavulagem. Explanarei tais dados nos parágrafos que se seguem.

Na volta dos cortejos presenciais do Arrastão, nos meses de junho e julho do ano de 2022, enquanto esperava o transporte coletivo, no ponto de ônibus mais próximo à minha residência, fui abordado por um sujeito que me era desconhecido, que propôs dividir a corrida em um carro de aplicativo de transporte até a Praça da República, onde, atualmente, se dá a concentração e saída dos cortejos. No momento da abordagem, o sujeito apontou que percebeu que, assim como ele, eu também iria para o Arrastão pelo fato de que eu portava o chapéu de fitas coloridas. Devido ao meu aceite à proposta, seguimos no mesmo carro e, após chegarmos a o destino da corrida, não nos vimos em nenhum momento da realização da festividade.

Na ocasião do último cortejo do Arrastão do Pavulagem do ano de 2022, vivenciei situação semelhante: enquanto aguardava o transporte coletivo, fui abordado por uma moça que, novamente, identificou-me como frequentador do evento por trajar o chapéu de fitas coloridas. Devido a ter sua experiência no evento na referida ocasião – seria a primeira vez dela na festividade, a moça pediu-me que a acompanhasse, durante o trajeto, até o local de concentração e saída dos cortejos, no qual ela iria reunir-se com amigas. Assim como no episódio anterior, após este contato, não tornei a encontrar a referida moça.

O relato por mim trazido faz-me evocar novamente as considerações de Simmel (2006), sobre as práticas de sociabilidade estabelecidas entre sujeitos. De acordo com o sociólogo alemão, tais práticas influenciam, nos sujeitos envolvidos, questões que perpassam sensações de identificação, afinidades e de pertença ao grupo no qual os sujeitos encontram-se inseridos. Ao observar o acionamento de dimensões simbólicas e subjetivas que levou ao “estar junto” entre mim e os demais sujeitos com os quais tive contato (e, posteriormente, a estarmos juntos com nossos respectivos grupos), a partir do contato com a materialidade relacionada aos cortejos do Arrastão do Pavulagem, visualizo o que Simmel (2006) atesta ser a sociabilidade perfeita - segundo o qual a intensidade do papel simbólico das práticas de sociabilidade relaciona-se diretamente, na subjetividade de cada ser, à intensidade do sentimento de satisfação por estar exercendo as práticas de sociabilidade.

Trago, também, dados coletados via pesquisa de campo, que se relacionam com outras facetas acerca da construção de identidades e da manutenção de status, por parte de membros do Batalhão da Estrela e de frequentadores do cortejo junino, analisados a partir de perspectivas com os estudos de Barbosa e Campbell (2006): os sujeitos que integram o Batalhão da Estrela, além de vestir as tradicionais roupas azul e branco, utilizam os chapéus oficiais do evento, já descrito nos parágrafos anteriores do presente capítulo. Devido haver um padrão na confecção

destes adereços, os membros do Batalhão conseguem identificar outros membros pela disposição dos elementos do chapéu, ainda que não haja relações de proximidade entre estes sujeitos. Em contrapartida, torna-se fácil distinguir que sujeitos adquiriram chapéus não-oficiais, por meio do contato com vendedores ambulantes, por mais que haja semelhanças entre a disposição dos elementos que caracterizam tais adereços, por conta do status que há em portar um produto oficial tão representativo, como pude observar após a coleta de dados referente ao presente estudo.

Neste ponto evoco as contribuições de Trindade e Perez (2014, p. 160), sobre rituais de consumo. A dupla de pesquisadores destaca que os rituais, por meio de repetições elaboradas por grupos sociais, possibilitam a perpetuação destes grupos e “demonstram as relações sociais” (TRINDADE; PEREZ, 2014, p. 160). Percebi as “demonstrações de relações sociais”, apontadas por Trindade e Perez (2014), neste estudo, por meio do depoimento de uma integrante do Batalhão da Estrela, também ouvida a partir de interações decorrentes da observação participante realizada no ano de 2022, durante os cortejos que compõem o Arrastão. Segundo a interlocutora, é como se o manuseio de instrumentos de percussão como alfaias, barricas e caixas de marabaixo, (maiores, em tamanho, que outros instrumentos) conferisse status maior e colocasse estes brincantes em um patamar mais alto em relação a quem manuseia instrumentos de menor porte, tais como maracas e reco, que podem ser visualizados na figura 68.

Figura 68 – Integrantes do Batalhão da Estrela manuseando instrumentos durante Arrastão do Pavulagem



Fonte: oliberal.com. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/cultura/aberta-nova-inscricao-para-ensaio-virtual-do-arraial-do-pavulagem-1.275458>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

Situação similar ocorre entre as senhoras idosas que desempenham a função de porta-estandartes, nos cortejos, conforme vê-se na figura 69, ao fim deste parágrafo. Segundo um interlocutor membro do Instituto Arraial do Pavulagem e do Batalhão da Estrela, que manifestou-se no decorrer das interações oriundas da observação participante realizada na

preparação e realização dos cortejos presenciais do ano de 2022, devido a carregar o adereço por um longo período de tempo e considerá-los adereços de extrema importância na festividade, algumas senhoras relutam em permitir que outras mulheres (novatas entre as porta-estandartes) conduzam os adereços, agindo como se os estandartes fossem de sua propriedade e não do Instituto Arraial do Pavulagem, que realiza a festividade. Segundo Turner (2005), ritual trata-se de “[...] uma conduta formal prescrita em ocasiões não dominadas pela rotina tecnológica relacionada à crenças em seres ou forças místicas” (TURNER, 2005, p. 22). O pesquisador apresenta uma compreensão de ritual entrecruzada por diversos conceitos e características, tais como a questão dos simbolismos, que se referem ao fato de que cada elemento presente nos rituais, tais como movimentos, objetos, espaços e códigos, compõe representações simbólicas - códigos estes que são ligados a condutas que permitem ou não o acesso e participação dos sujeitos nos rituais.

Figura 69 – Porta-estandarte do Arrastão do Pavulagem



Fonte: blog oestadodoPará.com. Disponível em: <<https://www.oestadodopara.com/noticia.asp?id=6502>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

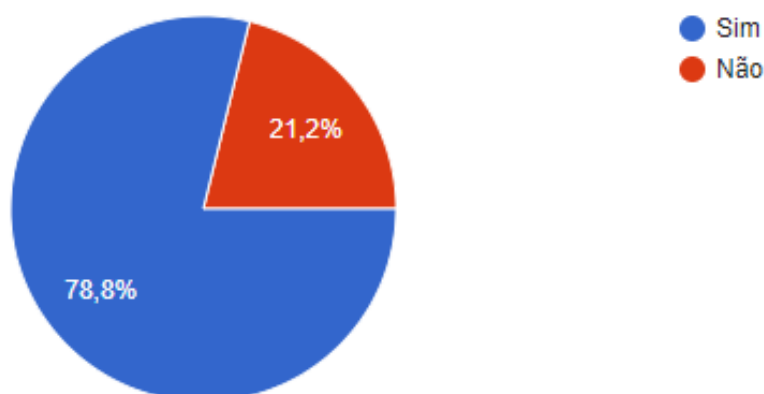
O acesso e participação nos rituais, por meio do domínio de tais códigos, conferem aos sujeitos “[...] autoridade e legitimidade quando estruturam e organizam as posições de certas pessoas, os papéis mais ou menos claros, os valores morais éticos e as visões de mundo” (TRINDADE; PEREZ, 2014, p. 159). Assim, observo que o comportamento das porta-estandartes, destacado pela integrante do Batalhão da Estrela, envolvendo o “ritual” de conduzir o referido adereço e manifestar alguma relutância em partilhá-lo com novas integrantes na função, envolve o domínio de certos códigos de acesso que se relacionam com a manutenção

dos papéis desempenhados pelas integrantes novatas e veteranas no grupo formado e no *status quo* do grupo, durante o período de preparação e realização dos cortejos. Desta forma, ao mesmo tempo que tais “práticas ritualísticas” asseguram a continuidade de determinados grupos sociais e aproximem sujeitos, no “universo pavuleiro”, ao mesmo tempo também promovem a segregação simbólica entre grupos e os sujeitos que fazem parte de tais grupos.

Para além dos rituais, é possível analisar o presente dado pelo viés da cultura material, ao dilatar a compreensão de tais relações e práticas para as afetividades que circundam as relações entre as porta-estandartes e os adereços os quais manuseiam, já que, segundo Miller, “Coisas materiais expressam nossos relacionamentos e nossos valores, às vezes como indivíduos, outras em relação a uma família” (MILLER, 2012, p. 107) – cabe dizer, que a noção de família, neste caso, não se configura, necessariamente, por relações a partir de laços consanguíneos, mas, sim, pela convivência e pelos afetos partilhados entre as mulheres em questão e a materialidade que as cerca.

A fim de complementar as noções de Trindade e Perez (2014), trago as proposições de McCracken (2003) sobre rituais de consumo. Tratam-se, segundo o antropólogo, de processos de transferências de significações entre o mundo, os bens de consumo e os sujeitos/grupos, respectivamente. McCracken (2003), também destaca que ritual é um local de intermédios que, também, que reflete uma repetição de movimentos que objetiva a construção, desconstrução e, mesmo, a “coisificação” do caráter simbólico nas relações entre sujeitos e objetos. Os processos de transferências de significações, mencionados no parágrafo acima, também podem ser compreendidos, no presente estudo, ao analisar as formas pelas quais os sujeitos atribuem significados a objetos que adquirem para si ou a fim de presentear terceiros. Ao serem perguntados se possuíam algum objeto material referente ao evento, 78,8% do universo de 104 sujeitos alcançados via amostragem em bola de neve (porcentagem correspondente a 82 pessoas) declarou possuir itens adquiridos durante o período de realização dos arrastões, conforme pode-se visualizar no gráfico 13, disponível na próxima página.

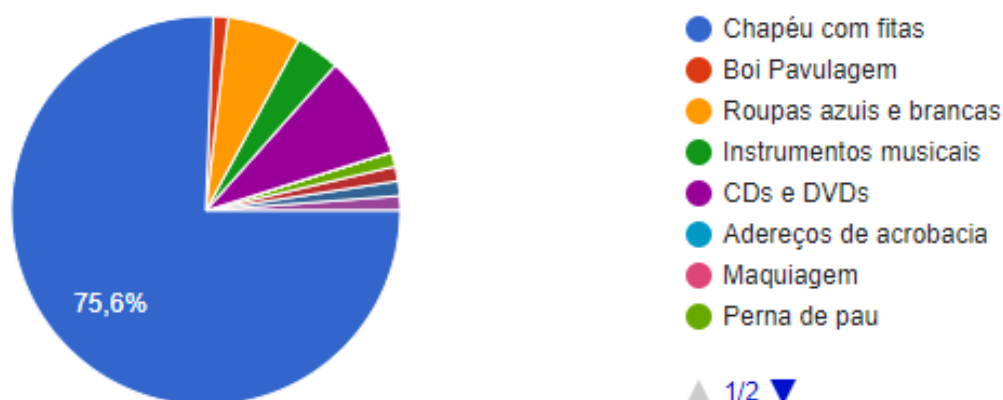
Gráfico 13 - Se os sujeitos têm algum item que comprou em algum evento do Arrastão



Fonte: Produção do autor (2021)

Diante da expressividade das respostas afirmativas, os 104 sujeitos foram perguntados, então, quais itens possuem e o chapéu de fitas coloridas foi destacado como o principal objeto adquirido na ocasião dos cortejos promovidos pelo Instituto Arraial do Pavulagem. 75,6% (ou 62 pessoas) afirmou possuir o chapéu de fitas coloridas, como mostra o gráfico 14.

Gráfico 14 - Se os sujeitos têm algum item que comprou em algum evento do Arrastão



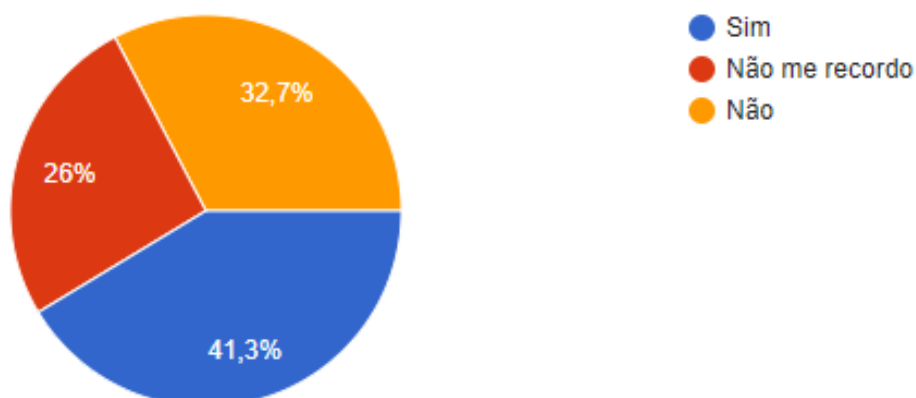
Fonte: Produção do autor (2021)

Chamo a atenção de quem ler este estudo para o fato de que, juntamente ao chapéu de fitas coloridas, o qual foi tido como o item mais adquirido pelo universo alcançado na presente pesquisa, outros itens também foram apontados, com destaque para CDs e DVDs gravados pelo grupo musical Arraial do Pavulagem (que contêm as canções que embalam os cortejos), conforme indicado no gráfico acima. Nas palavras de McCracken (2003), “Os bens são uma oportunidade para fazer cultura material” (2003, p. 104). O antropólogo também destaca que a cultura constitui o mundo, determinando como este será formado, consentindo a materialização de determinada cultura, ao propor o conceito de cultura como uma “‘planta baixa’ da atividade

humana” (2007, p. 101). Assim, ao traçar perspectivas entre os objetos citados nas respostas acima tratadas com os estudos acerca da cultura material, torna-se possível interpretar tais objetos como materializações das culturas populares do estado do Pará e de estados vizinhos presentes nas manifestações realizadas pelo Arraial do Pavulagem.

Tais objetos engendram práticas de consumo a partir da circulação de significações culturais que envolvem os objetos com os quais os sujeitos se relacionam, segundo os aportes de McCracken (2007). Estas práticas, por sua vez, proporcionam com que afetividades diversas se encontrem por meio das trocas materiais realizadas entre os sujeitos, de acordo com o antropólogo. Sobre a realização das trocas de parte dos objetos que compõem a materialidade dos cortejos do Arrastão do Pavulagem, 41,3% dos sujeitos que responderam a amostragem em bola de neve afirmou já ter trocado presentes, referentes aos arrastões, com outros sujeitos – o que equivale a 43 sujeitos. Ao passo que 32,7% (correspondente a 34 sujeitos) declarou nunca ter feito trocas desta natureza, conforme as respostas disponibilizadas no gráfico 15.

Gráfico 15 - Se os sujeitos alguém com algum item do Arrastão



Fonte: Produção do autor (2021)

O ato de trocar bens materiais (presentes referentes aos arrastões, no caso desta pesquisa) com outros sujeitos engendra constantes reordenações da dimensão simbólica de práticas e experiências tidas como corriqueiras, segundo Featherstone (1995). Tais práticas podem ser entendidas como as formas pelas as quais os sujeitos (sejam fazedores, brincantes ou consumidores dos cortejos) relacionam-se com os aspectos materiais dos arrastões, uma vez que passou a ser possível adquirir, trocar e receber tais produtos com outros sujeitos. Deste modo, passaram a experienciar processos de mútua afetação, em suas subjetividades, a partir dos processos de atribuição de valores, significados e sensibilidades diversos aos objetos – valores e significados distintos no contato com os objetos no ato dos cortejos – uma vez que os

sujeitos passaram a ter a possibilidade de adquirir para si, presentear e receber tais objetos. Enfim, práticas de trocas que podem configurar-se como rituais de trocas de significações e de sensibilidades no ambiente que McCracken (2007) denomina de mundo culturalmente constituído.

Ao vivenciar as práticas de trocas, neste mundo culturalmente constituído (MCCRACKEN, 2007), os sujeitos estão oferecendo afetos a outros sujeitos, em forma de dádiva, de acordo com os postulados de Mauss (2003). Quando um sujeito oferece e o outro aceita um objeto material transfere-se a alguém mais que o objeto em si, mas toda a gama de subjetividades e sentimentos que determinado sujeito atribuiu ao objeto, durante o contato com este, uma vez que “[...] aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual” (MAUSS, 2003, p. 200). Assim, pode ser possível ressaltar que, quando se dá ou recebe-se a dádiva de um objeto material, o sujeito entrega ou recebe uma parte de si próprio, em termos simbólicos. No caso das trocas envolvendo os produtos do Arrastão do Pavulagem, o ato de presentear ou ser presenteado representa a dádiva de partilhar, por meio do contato com os objetos ligados aos arrastões, um pouco dos cortejos, das experiências vivenciadas durante os cortejos e, simultaneamente, um pouco de si próprio, a partir das interações comunicativas entre (i)materialidades constituintes de objetos, que atribuem vida a partir das ligações que estes estabelecem entre si, segundo aportes de Ingold (2012).

Ao longo deste capítulo foram analisadas as práticas de consumo tangível e intangível que constituem e atravessam os cortejos do Arrastão do Pavulagem, tanto no formato digital, realizado nos anos de 2020 e de 2021, por conta das restrições impostas pela pandemia da Covid-19, como no formato presencial, retomado no ano de 2022, em virtude da flexibilização dos protocolos de segurança sanitários ligados à pandemia. Foi possível conhecer mais afundo as influências dos objetos que constituem a materialidade do evento, ao mesmo tempo que foi possível perceber os aspectos tangíveis e intangíveis ligados as práticas de consumo de tais objetos. Ao mesmo tempo, pude apreender as dimensões que as afetividades e os sentidos exercem na subjetividade dos sujeitos e no ato de consumir, ao ampliar as motivações e estratégias por trás das práticas de consumo entre sujeitos e na comercialização de produtos oriundos do Arraial do Pavulagem.

Ao longo das análises e das reflexões tecidas ao longo do presente capítulo, também foi possível observar que, tanto nas situações nas quais prevalecem os aspectos tangíveis e intangíveis dos objetos ligados aos arrastões, aspectos simbólicos exercem significativa influência nestes processos. Estes aspectos e influências, por sua vez, podem acionar sentidos e sensibilidades, ao mesmo tempo que podem evocar lembranças de vivências, em nível micro

e em nível macro, que irão balizar as práticas de consumo tangível e intangível, bem como as experiências com tais objetos, com outros sujeitos, consigo mesmos, com a festividade do Arrastão do Pavulagem e com a cultura local expressa por meio do evento, em um contexto atravessado, influenciado e modificado pela pandemia causada pela Covid-19 e pelas marcas deixadas pela mesma.

**Chegada do cortejo/
Considerações finais –**

“Adeus, morena”

Até o ano que vem!



Chegada do cortejo/Considerações finais – “Adeus, morena”. Até o ano que vem!

A presente pesquisa teve como objetivo principal responder a seguinte questão: De que forma as relações entre consumo, sociabilidade e cultura material, que se referem ao evento Arrastão do Pavulagem, foram (res)significadas pelo cenário advindo da pandemia, em tempos de isolamento social? Ao olhar para trás e fixar minhas lembranças em momentos de um passado não tão distante (o início de minha trajetória no PPGCOM/UFPA, a elaboração e atualizações do projeto de pesquisa, bem como a chegada do período pandêmico e todas as incertezas decorrentes deste), percebo que, assim como diversas esferas das sociedades, esta dissertação foi perpassada e reformulada pelos atravessamentos advindos da pandemia decorrente pelo vírus causador da Covid-19, assim como minhas vivências enquanto discente de mestrado e criatura fronteira entre os campos da comunicação e da arte.

As reflexões e análises que compuseram os capítulos resultantes deste estudo, assim como os procedimentos metodológicos empregados, também foram entrecruzados e afetados por estudos de áreas diversas para além da Comunicação e da Cultura, tais como a Antropologia e a Sociologia. O cruzamento entre observação participante, netnografia, entrevistas semi-estruturadas e amostragem em bola de neve possibilitou-me a compreensão de fenômenos quantitativos e qualitativos que foram principiados no início do período pandêmico, no ano de 2020, desdobrados ao longo destes 3 anos e seguem reverberando na subjetividade e no cotidiano de cada um de nós, em determinado grau, assim como as imagens e as sonoridades características dos cortejos e as lembranças dos arrastões reverberam em quem já teve a oportunidade de vivenciar o evento.

Deste modo, ao longo dos três capítulos que formam o corpo da presente dissertação, procurei buscar respostas aos objetivos que rememoro a seguir a quem chegou até este ponto na leitura deste trabalho: analisar como os processos de comunicação e consumo da cultura material influenciam nas formas de sociabilidade dos brincantes do Arrastão; investigar as dificuldades que a pandemia da Covid-19 acarretou na preparação e realização dos cortejos do evento; e, por fim, compreender as apropriações referentes às formas de consumo do Arrastão. Devido aos atravessamentos e reflexões vivenciados e realizados durante a realização do mestrado acadêmico, as respostas a tais objetivos foram buscadas em uma ordem diferente da elencada nas linhas acima, ao perceber o encadeamento nos processos de preparação, realização e repercussão, entre fazedores e consumidores, do Arraial do Futuro e do Arraial Brincante – as programações digitais realizadas nos anos de 2020 e de 2021.

No que se refere à transposição do Arrastão para o ambiente simbólico das ruas digitais da *web* e à preparação e realização das programações digitais, pude observar que houve êxito

na realização das programações digitais realizada pelo Arraial do Pavulagem, no que se refere à proporção alcançada pela divulgação empreendida nos anos de 2020 e de 2021, bem como ao engajamento obtido por meio destas, nos referidos anos. Considero relevante atentar à mudança na realização da programação digital, ao longo dos anos analisados: no ano de 2020 houve uma segmentação maior na gama de conteúdos produzidos e veiculados, devido ao caráter experimental do trabalho realizado, ao passo que, no ano de 2021, devido à ciência das iniciativas que funcionaram e que não funcionaram, houve uma redução na gama de conteúdos produzidos, assim como uma movimentação maior referente à divulgação da loja on-line com a venda de produtos oficiais ligados ao Arraial do Pavulagem Também foi possível verificar que os usuários presentes na página do Facebook do Arraial do Pavulagem continuaram a sentir falta do formato presencial dos cortejos, em variados graus, assim como das sensações e dos sentimentos acionados a partir destas vivências e da partilha de tais vivências com demais sujeitos.

Após acompanhar as redes sociais digitais do Arraial do Pavulagem com os olhos de pesquisador dos cortejos e não somente como consumidor/frequentador desta manifestação, considero que poderia ser pertinente, ou mesmo vantajosa para o Arrastão, a articulação de estratégias de comunicação que fossem operadas com maior frequência rememorando os arrastões juninos e do Círio juntamente ao Cordão do Galo, ao longo dos períodos nos quais não há a realização das três manifestações realizadas pelo Instituto Arraial do Pavulagem. Tal pensamento surge em minha mente após observar o pouco fluxo de conteúdo divulgado nas plataformas de comunicação do grupo musical nos referidos períodos – o que, possivelmente, levaria a uma queda no engajamento de futuras publicações referentes ao Arrastão do Pavulagem, por exemplo. Neste ponto, cabe pontuar que, como foi possível tomar conhecimento por meio da pesquisa de campo realizada, alguns trabalhos ligados ao evento ocorrem de forma *freelancer*, de forma a necessitar de um fluxo constante de capital financeiro para serem realizados, por meio de cadeias econômicas e/ou mesmo de patrocínios e de incentivos fiscais – entretanto, diante do contexto relacionado à políticas públicas e incentivos à cultura, na região Norte e no estado do Pará, tenho ciência de que poderiam haver dificuldades neste processo.

Quanto às práticas de sociabilidade e ao “estar junto” quando não era possível de modo presencial e nos vimos restritos às interações por meio de plataformas de comunicação digital, por conta do isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, os processos de sociabilidade dos sujeitos participantes do Arrastão do Pavulagem também sofreram alterações com a retirada dos cortejos do Arrastão do Pavulagem das ruas do centro da cidade de Belém:

a página do Facebook e a plataforma de vídeos YouTube do Arraial do Pavulagem tornaram-se palco dos encontros, a partir da ocorrência expressiva de interações e (com)partilhamentos entre os usuários presentes na rede social. Neste contexto de usos e apropriações outras de tais plataformas, houve o compartilhamento de sentimentos e de sensações semelhantes, tais como nostalgia e saudades das vivências experienciadas e compartilhadas nos eventos presenciais, ainda que os cortejos digitais tenham acionado sentimentos outros, tais como felicidade e orgulho da cultura popular da região. Tais emoções conectam sujeitos e grupos, comunicam em camadas outras além do que foi expresso por meio de palavras e são fontes de compreensão de si próprias, para além do momento experienciado, e do entretenimento pela ótica que se estende para além do lazer.

Já no que se referem às práticas de consumo tangível e intangível do Arrastão do Pavulagem, os sujeitos buscam relacionar-se com os objetos que acionam com maior frequência, em suas subjetividades, sensações de pertencimento a determinado grupo social, por meio do contato com a cultura local, e de memórias de vivências passadas que marcaram de forma positiva, por meio do contato com tais objetos. Estes objetos, cabe destacar, configuram-se como materializações das culturas populares do estado do Pará e de estados que formam a Amazônia legal, que, de várias formas, se fazem presentes nas manifestações culturais realizadas pelo Instituto Arraial do Pavulagem, como os arrastões junino e do Círio e o Cordão do Galo. Foi-me possível observar que a sensação de pertencimento ao local onde se vive, à cultura da região e ao evento em si, por sua vez, é reforçada por meio da identificação dos sujeitos com os objetos referentes aos cortejos por meio de práticas de sociabilidade decorrentes deste contato, ao mesmo tempo no qual há o reforço das subjetividades de cada sujeito por meio da customização destes objetos. Também pude perceber que, por meio das práticas de consumo, os vínculos de afeto dos sujeitos são estendidos para sujeitos outros com os quais há o estabelecimento relações afetivas, por meio do acionamento de sensorialidades e de afetividades que permeiam as práticas de consumo e que exerceram certa influência no aumento das vendas da loja de produtos oficiais do Arraial do Pavulagem em um período no qual o contato presencial encontrava-se suspenso por tempo indeterminado, devido aos protocolos de segurança sanitária.

Devido ao volume de dados coletados, ao mesmo tempo em que alguns dados não puderam ser acessados por sigilo e questões contratuais, e das reflexões surgidas a partir da articulação entre tais dados com a bibliografia elencada, algumas lacunas foram percebidas, como a audiência obtida durante a realização das *lives*; e questionamentos surgiram, tais como o uso consciente do marketing dos sentidos nas vendas dos produtos oficiais do Arraial e o

consumo (i)material dos patrimônios (i)materiais do estado do Pará, dentre outros. São lacunas e reflexões que, no escopo de uma pesquisa de mestrado, foram consideradas passíveis de respostas e desdobramentos em momentos futuros, uma vez que uma pesquisa nunca está totalmente finalizada, por mais que recortes diversos a atravessem.

Isto posto, convido a leitora e o leitor da presente etapa desta pesquisa a não sentir, dentro de si, que esta seção e, sobretudo, este parágrafo, é o fim do estudo. Assim como ocorreu entre os usuários presentes nas plataformas de comunicação digital do Arraial do Pavulagem no ano de 2020, diante da suspensão das programações presenciais por tempo indeterminado até o controle da pandemia, não houve um “adeus” aos cortejos, apenas um “até logo” que se estenderia para um momento futuro, no qual alguns sentimentos e vivências poderiam ser, de certa forma, resgatados e tantos outros novos experienciados, compartilhados e desdobrados de forma presencial. Este “momento futuro” tonou-se “momento presente” no ano de 2022, quando o “até logo” para o próximo evento foi dito com mais certeza da realização do próximo Arrastão com todas suas novas possibilidades. Enquanto o “momento futuro” desta pesquisa não se torna “momento presente”, espero que o recorte apresentado no escopo desta dissertação de mestrado reverbere na subjetividade de quem lê-lo e acione reflexões e perspectivas, após um período de tantas turbulências e ressignificações, como o do início da pandemia. Ao mesmo tempo, espero que haja o acionamento de boas recordações em quem pôde vivenciar os arrastões e, a quem ainda não disfrutou de tal vivência, que possa haver o despertar do desejo de se sentir parte da festividade e da cidade de Belém, assim como possa haver o desejo de experienciar as todas as sensações possíveis advindas dos arrastões.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **Cultura popular, um conceito e várias histórias**. In: Abreu, Martha e Soihet, Rachel, Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

ACEVEDO, Cláudia. FAIRBANKS, Victor. **Os efeitos do marketing sensorial sobre a experiência de compra do consumidor no ponto de venda**. RIMAR, v. 8, p. 51-67, 2018.

AMARAL, Guilherme. **ESPINOSA E O SISTEMA DOS AFETOS. Uma breve introdução ao Livro III da Ética**. Pólemos. Brasília, v. 10, n. 19, jan./jun. 2021.

AMARAL FILHO, Otacílio; LEÃO, Bianca; PELAES, Laís. **Surrealidade cotidiana: a teatralização do imaginário amazônico nos espetáculos dos Cordões de Pássaros TÁCULOS DOS GRUPOS DE CORDÃO DE PÁSSAROS**. Aturá, v. 3, p. 18-26, 2019.

_____; ALVES, Regina. **Os Espetáculos Culturais na Amazônia: Do Boi de Parintins ao Círio de Nazaré**. In: Fábio Fonseca de Castro, Otacílio Amaral Filho, Regina Lúcia Alves de Lima. (Org.). COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA. 1ed. BELÉM: PPGCOM/UFPA, 2017, v. 1, p. 10-19.

_____; CASTRO, Fábio Fonseca de; COSTA, Alda. **Marca Amazônia: Estratégias de comunicação publicitária, ambientalismo e sustentabilidade**. Revista Comunicação midiática (online). Bauru/ SP, v.10, n.3, p. 105-118, set./dez. 2015.

ANDRADE, Rita. **Notas sobre roupa na literatura especializada**. Visualidades, v. 7, p. 1-14, 2012.

ASSMANN, Jan. **Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro**. [Entrevista concedida a] Flávia Dourado. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <<<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>>>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BAITELLO, Norval. **Podem as imagens devorar os corpos**. Revista Sala Preta Eletrônica, v. 7, p. 77, 2007.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. **O consumo nas ciências sociais**. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Org.). Cultura, Consumo e Identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BLANCO, Danielle dos Reis. **Vitrine Facebook: O consumo espetacular em três espetáculos culturais de Belém-PA**. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2014.

BLESSA, Regina. **Merchandising no ponto-de-venda**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

BOCKORNI, Beatriz; GOMES, Almiralva. **A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração.** Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117. jan./jun. 2021.

CANEVACCI, Massimo. **Metrópole comunicacional: arte pública, auto representação, sujeito transurbano.** Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 173-191, jan./jun. 2016.

CASTRO, Fabio Fonseca de. **Impactos da Covid-19 sobre os processos comunicacionais: Primeiras observações sobre dinâmicas, impasses e riscos.** 2020. Disponível em: <<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/download/8799/6270>>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

_____; CASTRO, Marina Ramos Neves de. **Banalidade e intersubjetividade na arte.** PORTO ARTE. Porto Alegre: PPGAV/UFRGS, v. 22, n. 36, jan./jun. 2017.

_____. **As guitarradas paraenses: um olhar sobre música, musicalidade e experiência cultural.** Contemporânea – Comunicação e Cultura. v.10, n.2, p.442-443, mai./ago. 2012.

_____. **Entrevista: Fábio Castro fala sobre seu novo livro e discute política cultural.** [Entrevista concedida a] Blog Holofote virtual. Belém, 23 set. 2010. Disponível em: <<<http://holofotevirtual.blogspot.com/2010/09/entrevista-fabio-castro-fala-sobre-seu.html>>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

CASTRO, Marina Ramos Neves de. **COMPRANDO NA FEIRA: EXPERIENCIANDO A CARNE DO MUNDO.** Etnografia e comunicação intersensorial. XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020. Disponível em: <<<https://proceedings.science/compos/compos-2020/papers/comprando-na-feira--experienciando-a-carne-do-mundo--etnografia-e-comunicacao-intersensorial>>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

DUARTE, Gracy. **AFETIVIDADE ONLINE: Comunicação e Consumo na #PuraVerdade** Compartilhada na Rede. Comunicon 2015. São Paulo: out, 2015. Disponível em: <<http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT6/9_GT06_ASTOLPHODUARTE.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

ERICK, Igor. **O chapéu do Boto-Homem: uma breve análise sobre a diversidade sexual e gênero a partir das relações entre humanos, não-humanos e coisas na Amazônia.** Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 8 (16): 41-60, jan./abr., 2021.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo.** Tradução de Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERREIRA, Dôuglas; OLIVEIRA, Ivone. **A intangibilidade e a materialidade das experiências de consumo de marca.** Líbero - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: Ano XXII - No 46 jul. / dez. 2020.

FRANÇA, Vera. **Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead.** In: A. PRIMO *et al.* (org.), *Comunicação e Interações*. Livro da Compós. Porto Alegre: Sulina, p. 71-91. 2008.

GIOSEFFI, Maria Cristina. **Michel Maffesoli, Estilística ... Imagens... Comunicação e sociedade.** Logos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 48-53, 1997.

GROHMANN, Rafael. **O que é circulação na comunicação? Dimensões epistemológicas.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 27, p. 1-13, jan./dez. 2020.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1986.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad.: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais.** Horizontes Antropológicos [online]. 18 (37): 25-44, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

_____; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável.** Trad.: Patricia Arnaud. São Paulo, SP: Aleph, 2014.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades.** Tradução de: Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** Porto Alegre: Penso, 2014.

LIMA, Dula Maria Bento de; GOMBERG, Estélio. **Cultura, patrimônio imaterial e sedução no Arraial do Pavulagem, Belém (PA), Brasil.** Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 53-67. nov. 2012.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** 3. ed. Martins Fontes. 2011.

MAFFESOLI, Michel. **Sociólogo francês Michel Maffesoli prevê a era dos afetos.** [Entrevista concedida a] Bruno Alfano. Extra, set. 2016. Disponível em: << <https://extra.globo.com/noticias/educacao/educacao-360/sociologo-frances-michel-maffesoli-preve-era-dos-afetos-20174105.html>>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

_____. **Elogio da razão sensível.** Trad.: Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** Trad.: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura & Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

_____. **Cultura & Consumo: uma Explicação Teórica da Estrutura e do Movimento do Significado Cultural dos Bens de Consumo.** RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 47, n. 1, jan-mar, p.116-123, 2007.

MILLER, Daniel. **A teoria das compras.** O que orienta a escolha dos consumidores. São Paulo, Nobel, 2002.

_____. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

_____. **Stuff.** Cambridge: Polity Press, 2010.

_____. **Consumption and its consequences.** Cambridge: Polity. Press, 2012.

_____. **Trecos, Troços e Coisas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MIYAMARU, Flávio. *et al.* **Qualidade da informação em sistemas convergentes cross-media.** 2008. Disponível em: <<http://ltsi.pcs.usp.br/xgov/pub/anexos_xgov/@0048%20MIYAMARU%20DOMINGUES%20Qualidade%20da%20informacao%20em%20sistemas%20convergentes%20cross-media>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

OLIVEIRA, Rafael; BRAGA, Nívea. **Os Cinco Sentidos no Marketing: A Importância dos Estímulos Multissensoriais para Despertar a Emoção e Gerar Inclusão Social.** XVIII Congresso De Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Bauru - São Paulo: 2013. Disponível em: <<<https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0514-1.pdf>>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Meditação devaneante entre o rio e a floresta.** Arteriais | Revista do PPGArtes | ICA | UFPA | n. 03, ago 2016.

PORTAL ADMINISTRAÇÃO. **Marketing Sensorial - como fazê-lo dar certo?.** 2014. Disponível em: <<<http://www.portaladministracao.com/2014/01/marketingsensorial-de-experiencias.html>>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

RECUERO, Raquel. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook.** Verso e Reverso. v. 28, n. 68, p. 116-121, mai/ago, 2014.

REILLY, Robert; SCHWEIHS, Robert. **Valuing intangible assets.** New York: McGraw Hill Professional, 1998.

SAMPAIO, Rafael. **Propaganda de A a Z.** 3. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 8ª reimpressão, 2003.

SANTOS, Luiz Cezar Silva dos. **Publicidade belle époque: a mídia impressa nos periódicos da cidade de Belém entre 1870-1912.** 2010. 269 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. **Uma publiCIDADE amazônica como signo do consumo contemporâneo.** *Signos do Consumo*. São Paulo, v. 13, n. 2, jul./dez. p.1-11. 2021.

SANTOS, Milton. **O país distorcido.** In: RIBEIRO, Wagner Costa. (Org.). São Paulo: Publifolha, 2002.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo.** O poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SIMMEL, Georg. In: MORAES FILHO, Evaristo. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho.** 1. ed. Petrópolis: Vozes, v. 1, 2002.

_____. **Muniz Sodré:** Especialista em comunicação pensa que a mídia se constitui como esfera existencial regida pela economia monetária. [Entrevista concedida a] Gonçalves Junior. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo, p. 77-82, 26 ago. 2008.

TRINDADE, Eneus; PEREZ, Clotilde. **Os rituais de consumo como dispositivos midiáticos para a construção de vínculos entre marcas e consumidores.** São Paulo, v. 15, n.29, p. 157-171 - jul./dez, 2014.

TUNER, Victor. **Floresta de Símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu.** Niterói – Rio de Janeiro: EdUFF, 2005.

VIEIRA, Manuela; GALVÃO, Victória. **Celular, Pandemia e Conexões à Luz da Comunicação e da Cultura Material.** *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 19, p. 210-219, 2020.

_____; SILVA, Haroldo Felipe. **Projeto Circular:** capital social e experiências culturais na cidade de Belém. *Culturas Midiáticas*, v. 9, pp. 298-312, 2016.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** Trad.: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

VOLPI, Maria Cristina. **As roupas pelo avesso:** cultura material e história social do vestuário. *REVISTA D'OBRAS (ONLINE) JCR*, v. 7, p. 70, 2014.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevistas com membro-fundador do Arraial e do Arrastão do Pavulagem

ENTREVISTADO: Interlocutor 1

CARGO: Músico, compositor e membro-fundador do grupo

1. Como surgiu o Pavulagem? Tanto o Arraial, como o Arrastão
2. Li que você chegou a fazer algumas viagens para pesquisar elementos da cultura, pelos interiores do Pará. Como eram tais viagens?
3. Quantos artistas integraram a formação inicial do Arraial do Pavulagem? Quantos membros, da primeira formação, ainda seguem no grupo?
4. Como eram as apresentações que aconteciam na Praça da República?
5. A partir de qual momento você e o grupo começaram a notar o aumento na proporção das apresentações?.
6. Depois de quanto tempo do início dos shows os cortejos começaram a acontecer?
7. Como eles eram em seu início?
8. Como era o retorno que os frequentadores davam a vocês, do grupo?
9. Como foi, para você e o grupo, ver que o Pavulagem estava reunindo tantas pessoas?
10. Ao longo dos anos, houve mudanças no trajeto do Arrastão?
11. A partir de qual momento o Pavulagem passou a ser notado pelas “grandes instituições” do estado? Como foi tal fato para vocês?
12. A partir de qual momento o Instituto Arraial do Pavulagem começou a ser pensado?
13. O que o Instituto e as ações relativas a ele trouxeram para os membros do grupo?
14. O que significou, para o grupo, o título de patrimônio cultural imaterial do Pará? Houve algum impacto na realização dos cortejos?
15. Qual sua função dentro do grupo?
16. Você já passou por outras funções? Se sim, quais foram?
17. Você tem outra profissão além das atividades musicais? Se sim, qual é ela?
18. O que o Arraial e o Arrastão do Pavulagem representam para você?
19. Quais objetos você acha que mais representam o Arraial? Por quê?
20. Você tem alguma espécie de ritual de preparo para se apresentar pelo Arraial?
21. Se você pudesse descrever o Arraial do Pavulagem em um único objeto/figura, qual seria? Por quê?

22. Como você imagina que será o Arrastão quando os cortejos presenciais puderem voltar a acontecer nas ruas de Belém?

APÊNDICE B - Roteiro de entrevistas com diretor das programações do Arraial digital**ENTREVISTADO:** Interlocutor 2**CARGO:** Diretor e roteirista das programações digitais

1. Qual a sua relação com o Arraial do Pavulagem?
2. Qual foi sua função no Arrastão de 2020?
3. Quais instituições/órgãos se articularam para a realização do Arraial do Futuro?
4. Como ocorreu o planejamento e a execução dos cortejos virtuais que aconteceram em 2020?
5. Foi decidido priorizar algum aspecto dos eventos presenciais e/ou da história do grupo, nas transmissões?
6. O que você considera que foi o principal desafio de trabalhar no Arraial do Futuro?
7. Como foi o feedback das pessoas que assistiram aos cortejos digitais?
8. O que você considera que foi o principal desafio de trabalhar o Arraial do Pavulagem no digital, no contexto da pandemia?
9. Existe a perspectivas das parcerias realizadas no ano de 2020 voltarem a acontecer no Arrastão do Pavulagem 2021?
10. O que você acha que poderia ainda ser trabalhado ou continuado caso a programação do Arraial do Pavulagem continue no digital?
11. Como você imagina que será o Arrastão quando os cortejos presenciais puderem voltar a acontecer nas ruas de Belém?

APÊNDICE C - Roteiro de entrevistas com produtor do grupo musical Arraial do Pavulagem

ENTREVISTADO: Interlocutor 3

CARGO: Produtor

1. Qual a sua relação com o Arraial do Pavulagem?
2. Qual foi sua função no Arrastões de 2020 e 2021?
3. Quais instituições/órgãos se articularam para a realização do Arraial do Futuro?
4. Como ocorreu o planejamento e a execução dos cortejos virtuais que aconteceram?
5. Foi decidido priorizar algum aspecto dos eventos presenciais e/ou da história do grupo, nas transmissões?
6. O que você considera que foi o principal desafio de trabalhar na versão digital do Pavulagem e no contexto da pandemia?
7. Como foi o feedback das pessoas que assistiram aos cortejos digitais?
8. Como o lado simbólico e imagético do Arraial esteve presente durante a programação digital?
9. Você acredita que a programação digital tem campo para continuar na programação do Arrastão?
10. O que você acha que poderia ainda ser trabalhado ou continuado caso a programação do Arraial do Pavulagem continue no digital?
11. Como você imagina que será o Arrastão quando os cortejos presenciais puderem voltar a acontecer nas ruas de Belém?

APÊNDICE D - Roteiro de entrevistas com comunicadora do Arraial do Pavulagem

ENTREVISTADO: Interlocutor 4

CARGO: Assessora de comunicação e Social Media

1. Você já trabalhava junto ao Pavulagem ou foi contratada/o para este serviço?
2. Você já passou por outras funções dentro da estrutura do Arraial? Se sim, quais foram?
3. Qual a sua relação com o Arraial do Pavulagem?

Na adolescência, frequentou os cortejos, ao longo de 4 ou 5 anos. Hoje em dia, considera o grupo como um grupo coeso, uma família.

4. Como surgiu a ideia de a programação acontecer toda de maneira digital, por conta da pandemia da Covid-19?
5. Como foi a experiência de realizar a programação toda de modo digital?
6. Quais foram os critérios para a escolha das três 3 plataformas durante a programação digital do Arrastão 2020 (Facebook, Instagram e YouTube)?
7. Como o conteúdo postado em cada uma das plataformas foi estruturado? Houve diferenciação?
8. O que você considera que foi o principal desafio de trabalhar nessas plataformas?
9. Como foi o *feedback* das pessoas que participaram dos ensaios digitais e que assistiram ao Arraial do Futuro?
10. O que você considera que foi o principal desafio de trabalhar o Arraial do Pavulagem no digital, no contexto da pandemia?
11. O que o Arraial do Pavulagem representa para você?
12. Qual objeto/item/símbolo você mais relaciona e associa com a imagem/a lembrança do Arraial?
13. Você possui algum objeto do Arrastão?
14. O que você acha que os objetos do Pavulagem representam para os frequentadores do evento?
15. Como os símbolos e ícones do Arraial estiveram presentes durante a programação digital e a comunicação realizada?
16. Se você pudesse descrever o Arraial do Pavulagem em um único objeto/figura, qual seria? Por quê?
17. Quais as perspectivas para o Arrastão do Pavulagem 2021?

APÊNDICE E - Roteiro de entrevistas com músico e membro do grupo Arraial do Pavulagem

ENTREVISTADO: Interlocutor 5

CARGO: Músico (Percussionista) e membro do grupo musical Arraial do Pavulagem

1. Há quanto tempo você faz parte do grupo?
2. Você já passou por outras funções? Se sim, quais foram?
3. Você tem outra profissão além das atividades musicais? Se sim, qual é ela?
4. Com a chegada da pandemia, como ela foi sentida/recebida pelos integrantes do Arraial, num primeiro momento?
5. O que o cancelamento das atividades presenciais do Pavulagem representou para o grupo? E para você?
6. Com o cancelamento das atividades presenciais, foi cogitado não haver nada durante o ano de 2020?
7. Como surgiu a ideia de a programação acontecer toda de maneira digital?
8. Como foi a experiência de realizar os cortejos do Arrastão todos de modo digital?
9. O que as atividades digitais do Arrastão representaram para vocês, que fazem o evento ganhar vida pelas ruas da cidade, num ano que não era seguro estar juntos uns dos outros presencialmente?
10. Quais objetos você acha que mais representam o Arraial? Por quê?
11. Quais deles você tem?

Além dos chapéus, possui instrumentos de percussão, tais como maracas, reco-reco, barricas, caixas, tambores, etc.

12. Você tem alguma espécie de ritual de preparo para se apresentar pelo Arraial? (Objetos que sempre uso, ordem de preparo das coisas etc.)
13. O que o Arraial e o Arrastão do Pavulagem representam para você?
14. Como estão as ações do Instituto, num momento no qual é recomendado evitar o contato presencial?
15. Quais as perspectivas para o Arrastão do Pavulagem 2022?
16. Como você imagina que será o Arrastão quando os cortejos presenciais puderem voltar a acontecer nas ruas de Belém?

APÊNDICE F - Formulário disponível via Google Forms

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Olá! Me chamo Lucas Santos e sou mestrando no programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom-UFPA). Este questionário faz parte da pesquisa de campo para a minha dissertação na qual analiso como se deu a transposição do Arrastão do Pavulagem, nos anos de 2020 e de 2021, para o terreno da internet e como o cancelamento das atividades presenciais e tal mudança afetaram os frequentadores do evento. Assim, o questionário é destinado àqueles que conhecem/participaram e que, também em 2020 e em 2021, participaram das programações digitais do evento, o chamado Arraial do Futuro. Esta pesquisa é totalmente anônima e os dados coletados possuem fins unicamente acadêmicos.

Muito obrigado por colaborar com meu trabalho.

Para mais informações segue meu contato: lucas.santos@ica.ufpa.br

* Indica uma pergunta obrigatória

1. 1 - Você conhece o Arrastão do Pavulagem? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 3*
 Não

2. 2 - Você assistiu aos cortejos digitais do Arrastão, o chamado Arraial do Futuro? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 3*
 Não *Pular para a pergunta 3*

Pular para a pergunta 3

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Se você respondeu "Não" às duas perguntas da seção acima, obrigado pela sua participação

Se você respondeu "Sim" a uma ou às duas perguntas da seção acima, por favor continue

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

3. 1 - Qual a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

- Menor de 18 anos
- 18 – 27 anos
- 28 – 37 anos
- 38 – 47 anos
- 48 – 57 anos
- 58 anos em diante

4. 2 - Qual seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Não-binária
- Transgênero
- Prefiro não responder
- Outro: _____

5. 3 - Qual sua orientação sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Outro: _____

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

6. 4 - Você mora em Belém e Região Metropolitana? *

Marcar apenas uma oval. Sim *Pular para a pergunta 7* Não *Pular para a pergunta 8*

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Responda com base na pergunta 4

7. Se "Sim", onde? *

Marcar apenas uma oval. Belém Ananindeua Marituba Benevides Santa Isabel Santa Bárbara Castanhal*Pular para a pergunta 9*

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Responda com base na pergunta 4

8. Se "não", onde? *

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

9. 5 - De que forma você conheceu o Arrastão do Pavulagem? *

Marcar apenas uma oval.

- Frequentando os cortejos
- Participando das programações/ preparativos para o Arrastão
- Ações do Instituto
- Internet/ Redes sociais
- Indicação de amigos
- Outro: _____

10. 6 - O que o Arrastão do Pavulagem mais representa PARA VOCÊ? *

Marcar apenas uma oval.

- Uma forma de exaltar a cultura do estado
- Um momento de diversão com os amigos
- Um momento de diversão com a família
- Um momento de conhecer pessoas novas
- Uma forma de viver a cidade
- Outro: _____

11. 7 - Para você, o que o Arrastão do Pavulagem mais representa PARA A CIDADE DE BELÉM E O ESTADO DO PARÁ? *

Marcar apenas uma oval.

- Uma forma de valorizar a cultura local
- Uma forma de valorizar os artistas locais
- Uma forma de conhecer/experienciar a cidade
- Uma forma de levar arte a todas as camadas da população
- Outro: _____

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

12. 8 - Com quem você costumava ir aos cortejos presenciais do Pavulagem? *

Marcar apenas uma oval.

- Com os amigos
- Com a família
- Com família e amigos
- Sozinho

13. 9 - Desde quando você frequenta os cortejos do Arrastão do Pavulagem? *

Marcar apenas uma oval.

- Desde 2020
- Mais de 3 anos
- Mais de 6 anos
- Mais de 9 anos
- Mais de 12 anos

14. 10 - Escolha três sentimentos e sensações que você mais sentiu DURANTE OS CORTEJOS PRESENCIAIS DO PAVULAGEM *

Marque todas que se aplicam.

- Felicidade
- Diversão
- Pertencimento/ União
- Orgulho da cultura local
- Orgulho da cidade de Belém
- Incômodo/ Mal-estar
- Sensação de perigo
- Cansaço
- Outro: _____

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

15. 11 - Quais objetos/figuras você mais identifica com o Arrastão? (Se achar necessário, você pode escolher até 3 opções) *

Marque todas que se aplicam.

- Chapéu com fitas
 Boi Pavulagem
 Roupas azuis e brancas
 Instrumentos musicais
 Adereços de acrobacia
 Maquiagem
 Outro: _____

16. 12 - Você tem algum item que comprou em algum evento do Arrastão? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 18*

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Responda com base na pergunta 12

17. Se "Sim", qual? *

Marcar apenas uma oval.

- Chapéu com fitas
 Boi Pavulagem
 Roupas azuis e brancas
 Instrumentos musicais
 CDs e DVDs
 Adereços de acrobacia
 Maquiagem
 Outro: _____

Pular para a pergunta 19

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Responda com base na pergunta 12

18. Se "Não", por quê? *

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

19. 13 - Você já presenteou alguém com algum item do Arrastão? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não me recordo
- Não

20. 14 - Com quais itens/figuras você mais identifica o Pavulagem? (Se achar necessário, você pode escolher até 3 opções) *

Marque todas que se aplicam.

- Chapéu com fitas
- Boi Pavulagem
- Roupas azuis e brancas
- Instrumentos musicais
- Adereços de acrobacia
- Maquiagem

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

21. 15 - O que os objetos do Arrastão representam para você? (Se achar necessário, você pode escolher até 3 opções) *

Marque todas que se aplicam.

- Uma forma de estar em contato com a cultura do estado
- Um meio de vivenciar a quadra junina
- Um modo de estar sempre em contato com o evento
- Uma maneira de se lembrar de pessoas queridas
- Um jeito se lembrar de momentos marcantes durante os cortejos
- Outro: _____

22. 16 - De que forma você ficou sabendo do cancelamento das atividades presenciais do Pavulagem, em 2020? (Se achar necessário, você pode escolher até 3 opções) *

Marque todas que se aplicam.

- Facebook
- Instagram
- Por amigos
- Pela família
- Outro: _____

23. 17 - Você assistiu às demais programações digitais do Pavulagem, que aconteceram e acontecem por conta da pandemia da Covid-19? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 24*
- Não *Pular para a pergunta 25*

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Responda com base na pergunta 17

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

24. Se "sim", quais foram? *

Marcar apenas uma oval.

- Ensaaios digitais
- Rodas de conversa

Pular para a pergunta 26

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Responda com base na pergunta 17

25. Se "Não", por quê? *

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

26. 18 - Você considera que os cortejos digitais conseguiram suprir a ausência de experienciar as vivências pelas ruas de Belém? *

Marcar apenas uma oval.

- Totalmente
- Parcialmente
- Pouco
- Muito pouco
- Não conseguiu

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

27. 19 - Numa escala de 1 a 5, o que você achou das programações digitais do Pavulagem nos seguintes quesitos? (Sendo 1 para ruim e 5 para excelente) *

Marcar apenas uma ova.

Ruim

1

2

3

4

5

Excelente

28. 20 - Do que você mais gostou nas programações digitais do Pavulagem? (Se achar necessário, você pode escolher até 3 opções) *

Marque todas que se aplicam.

Cortejos

Ensaios

Rodas de conversa

Homenagens em vídeo

Outro: _____

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

29. 21 - Você ENCONTROU PESSOAS CONHECIDAS nos cortejos digitais do Pavulagem (por meio de comentários e conversas na plataforma que divulgava a programação, via chat ao longo das transmissões, por exemplo)?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

30. 22 - Você CONHECEU PESSOAS nos cortejos digitais do Arraial do Futuro (por meio de comentários e conversas na plataforma que divulgava a programação, via chat ao longo das transmissões, por exemplo)?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

31. 23 - Do que você mais gostou nos cortejos digitais do Arrastão? (Se achar necessário, você pode escolher até 3 opções)

Marque todas que se aplicam.

Repertório de músicas

Conteúdo das apresentações

Interatividade entre os usuários/internautas

Vivenciar a cidade

Formas de acesso ao conteúdo e às informações

Possibilidade de participar da programação à distância

O Arraial não deixou de acontecer apesar da pandemia e as medidas necessárias de distanciamento social ()

Outro: _____

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

32. 24 - Você acha que as programações digitais do Arrastão preencheram a falta que as programações presenciais fizeram? *

Marcar apenas uma oval.

- Totalmente
- Parcialmente
- Pouco
- Muito pouco
- Não conseguiu

33. 25 - Do que você mais sentiu falta com o cancelamento dos cortejos presenciais do Arrastão, em 2020 e em 2021? (Se achar necessário, você pode escolher até 3 opções) *

Marque todas que se aplicam.

- Prestigiar a cultura do estado
- Diversão com os amigos
- Diversão com a família
- Conhecer novas pessoas
- Todas as alternativas
- Outro: _____

34. 26 - Como você substituiu, no isolamento, os cortejos presenciais do Arrastão? *

Marcar apenas uma oval.

- Acompanhando as programações digitais
- Acessando as playlists do Pavulagem nos streamings de música
- Revendo e compartilhando arquivos pessoais
- Encontrando com amigos nos cortejos digitais
- Outro: _____

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

35. 27 - O que você gostaria que continuasse acontecendo, de programação digital, mesmo depois que os cortejos do Arraial do pavulagem voltassem a acontecer presencialmente? *

Marcar apenas uma oval.

- Ensaios
- Rodas de conversa
- Homenagens em vídeo
- Outro: _____

36. 28 - Mesmo que não tenha participado das programações digitais do Arrastão, escolha três sentimentos e sensações que você mais sentiu DURANTE OS CORTEJOS DIGITAIS DO PAVULAGEM *

Marque todas que se aplicam.

- Felicidade
- Diversão
- Pertencimento/ União
- Orgulho da cultura local
- Nostalgia
- Tristeza
- Otimismo/ Esperança
- Desânimo
- Outro: _____

37. 29 - Você pretende assistir aos CORTEJOS DIGITAIS DO ARRASTÃO (O chamado Arraial do Futuro), este ano, caso aconteçam? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 39*
- Não *Pular para a pergunta 38*
- Talvez *Pular para a pergunta 39*

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Responda com base na pergunta 29

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

38. Se "Não", por quê? *

Marcar apenas uma oval.

- Não gostei do formato
- Não acompanho as plataformas digitais do Pavulagem
- Meu acesso à internet é limitado
- Possuo outros afazeres
- Não tenho tempo
- Outro: _____

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

39. 30 - Você pretende participar das DEMAIS PROGRAMAÇÕES DIGITAIS DO ARRASTÃO, este ano, caso aconteçam? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 40*
- Não *Pular para a pergunta 41*
- Talvez

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Responda com base na pergunta 29

40. Se "Sim", quais? *

Marcar apenas uma oval.

- Ensaios digitais
- Rodas de conversa

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

Responda com base na pergunta 29

12/04/2023, 21:01

Arrastão do Pavulagem 2020 e 2021

41. Se "Não", por quê? *

Marcar apenas uma oval.

- Não gostei do formato
- Não acompanho as plataformas digitais do Pavulagem
- Meu acesso à internet é limitado
- Possuo outros afazeres
- Não tenho tempo
- Outro: _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários